

Que mudanças, ao nível das práticas e das representações, no  
agenciamento dos membros de uma família italiana, na altura do  
primeiro “estado de emergência” devido à pandemia por Covid19?

Luisa Ghini

**Dissertação**  
**de Mestrado em Antropologia Temas Contemporâneos**

*Luisa Ghini, Que mudanças, ao nível das práticas e das  
representações, no agenciamento dos membros de uma  
família italiana, na altura do primeiro “estado de  
emergência” devido à pandemia por Covid19?, 2021*

**Março, 2021**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia: Temas Contemporâneos, realizada sob a orientação científica de Ana Isabel Afonso

## **Agradecimentos**

As companheiras e aos companheiros de viagem.

As famílias natais e adquiridas.

Aos sonhos e caminhos construídos em conjunto.

A Romagna, pela sua alegria.

A Bologna, pelo seu fermento.

A Lisboa, pelos horizontes e a luz.

A Amadora, pela sua resiliência.

Ao campo, pela sua sabedoria.

## **Abstract**

*Que mudanças, ao nível das práticas e das representações, no agenciamento dos membros de uma família italiana, na altura do primeiro “estado de emergência” devido à pandemia por Covid19?*

Luisa Ghini

Em Março de 2020 a Itália entrou no primeiro estado de emergência por pandemia por Covid19. A Itália foi o primeiro país em Europa a impor aos seus cidadãos medidas restritivas à liberdade de movimento e expressão, em nome da saúde coletiva. Tais medidas determinaram uma mudança na agência dos sujeitos da pesquisa, nos membros duma família italiana repentinamente confinada no próprio lar doméstico. Tal trabalho visa analisar as formas e os elementos mais relevantes no impulsionar de uma mudança na própria intencionalidade, vivência, forma de estar presente e lidarcom o mundo físico.

In March 2020 Italy got into the first emergency state due to the pandemy for Covid19. Italy was the first nation in Europe imposing to citizens restricting measures to their freedom of movement and expression, in the name of collective health. This determined a change in the agency of the subjects of the research, the members of an Italian family suddenly confined in their home. The study aims to analyze the forms and elements that contributed to the change in intentions, experiences, ways of staying present and deal with the physical world.

**PALAVRAS-CHAVE:** Covid19, Itália, Agência, Emergência.

**KEYWORDS:** Covid 19, Italy, Agency, Emergency.

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<i>Contextualização sobre o surgimento do projeto de Tese .....</i>	<i>6</i>
<i>A pandemia por Covid19 - A situação italiana .....</i>	<i>10</i>
<b>Pergunta de Tese.....</b>	<b>11</b>
<b>Metodologia.....</b>	<b>20</b>
<b>Uma alegre e numerosa família italiana .....</b>	<b>27</b>
<b>O trabalho de campo Virtual.....</b>	<b>32</b>
<i>Uma alegre e numerosa família italiana presa em casa .....</i>	<i>32</i>
<i>A fome também mata .....</i>	<i>35</i>
<i>O vento alegre põe o smoking .....</i>	<i>42</i>
<i>Só mais um mês, juro! .....</i>	<i>46</i>
<i>“Quien canta, sus males espanta” .....</i>	<i>48</i>
<i>“Un bicchiere di vino con un panino, la felicità” .....</i>	<i>52</i>
<i>A Vittoria não desiste e o Amor ganha sempre.....</i>	<i>56</i>
<i>A Vittoria vai ser mulher .....</i>	<i>61</i>
<i>3, 2, 1 .... Acabou! .....</i>	<i>71</i>
<b>Os corpos juntos, após o fim do primeiro estado de emergência.....</b>	<b>73</b>
<i>As Entrevistas Presenciais .....</i>	<i>73</i>
<i>Franco .....</i>	<i>74</i>
<i>Camillo .....</i>	<i>78</i>
<i>Vittoria .....</i>	<i>82</i>
<i>Matilde.....</i>	<i>86</i>
<i>Agostina .....</i>	<i>91</i>
<i>Alfonso .....</i>	<i>95</i>

<b>Olhando a distância .....</b>	<b>99</b>
<i>A percepção do sistema de poder/macroestrutura .....</i>	<i>102</i>
<i>Intenções, desejos, prioridades .....</i>	<i>106</i>
<i>A corporeidade e o seu impacto na mudança da agência dos sujeitos .....</i>	<i>112</i>
<i>A comida .....</i>	<i>120</i>
<b>Conclusões .....</b>	<b>124</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>128</b>

## **Introdução**

### **Contextualização sobre o surgimento do projeto de Tese**

*Janeiro 2020, Amadora, Hospital Fernando de Fonseca, Serviço de Psiquiatria da Infância e da Adolescência.*

Estou mesmo num turbilhão de emoções. Daqui a pouco vai começar a primeira sessão do Grupo Terapêutico para Adolescentes, facilitada por mim.

A ideia do grupo foi-se esboçando há quase um ano, quando comecei a trabalhar em Pedopsiquiatria. Tinha iniciado há poucos meses o mestrado em Antropologia, na Universidade Nova de Lisboa. Na altura, tentava entrar em contacto com o mundo da saúde mental, através dum olhar curioso, pronto a “distanciar-se”, um pouco como as cadeiras de Antropologia me estimulavam a fazer. Procurava surpreender-me com algo, para conseguir encontrar uma pista que me ajudasse a elaborar o futuro projeto de Tese.

Não tardei muito a ficar fascinada com a presença que o “visual/virtual” tinha na maioria das histórias de vida com as quais entrava em contacto cada dia. Fui aos poucos percebendo o foco a dar a tal área muito vasta, lendo artigos, livros, falando com colegas, amigos, professores, desconhecidos, na tentativa de aproximar-me do desenho de um possível projeto de tese.

Ao longo dos meses, a ideia foi-se aos poucos afinando, aumentando a paixão, a curiosidade, a procura de competências, as leituras, as conversas e agora...aqui estamos!

A primeira sessão do “Photovoice” vai começar. Sinto-me dividida entre entusiasmo, felicidade, excitação dum lado e receio e insegurança do outro.

Respiro fundo. Vai correr tudo bem.

Abro a porta da copa para me dirigir à sala de espera, juntamente com a Sara, que irá ser coterapeuta comigo no grupo.

Estão todos lá. Parecem muito mais espantados do que eu. Ocupam cada um o seu lugar, uns nas cadeiras, outros sentados no chão. Estão distanciados o mais possível uns dos outros. A maioria deles olha para os pés ou para o teto. Não se conhecem, conhecem-

me pouco, sabem muito pouco do grupo, para além do facto que iremos trabalhar com imagens.

- “Bom dia! Bem-vindos à primeira sessão do grupo. Podem vir ter comigo e com a Dra. Sara para a sala da Área de dia”.

*Fevereiro 2020, Amadora, Hospital Fernando de Fonseca, Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência.*

Na Lombardia, Itália, houve o primeiro surto de infeção por Sars-CoV2. Algumas áreas do Norte do país foram postas dentro da “Área Vermelha”. Aparentemente, algumas cidades irão ficar de quarentena, isoladas, para tentar conter a propagação da infeção. Nenhum outro país na Europa se encontra na mesma condição, para já. Não conheço ninguém que já tenha experienciado na sua vida, na Europa, uma situação parecida.

Ontem liguei à minha irmã. Matilde tem 27 anos e mora em Milão com o seu marido. Mudou-se para lá nos anos universitários e por ali ficou. É designer gráfica e encontrou trabalho numa das agências italianas mais importantes. Milão é a capital regional da Lombardia. Matilde conta-me que não sabe ainda muito bem como reagiu a isto tudo. Sente-se um pouco desorientada e confusa. As pessoas à sua volta estão a responder das formas mais extremas. Há quem organize festas para gozar com a situação e há quem corra aos supermercados para depredá-los de produtos alimentares e higiénicos. *“La Pasta, é finita la pasta! Neanche ai tempi della guerra!”*, isto mesmo, conta-me, era o que gritava um senhor de cerca de 90 anos fora do *Esselunga* (cadeia de supermercados italiana) naquela tarde. Mostra-me algumas fotos. As prateleiras todas vazias. Matilde diz que as pessoas na rua também começaram a comportar-se de forma esquisita.

Há quem, caminhando, olhe para os outros como fossem uma ameaça. Quase fugindo das infinitas possibilidades de contactos que têm lugar numa metrópole como Milão. Há quem já se recuse a cumprimentar a família ou os amigos e as amigas mais próximas.

Ao desligar a chamada fiquei com alguma apreensão em relação à situação, sobretudo pensando no aspeto social, pois eram ainda tão poucos os conhecimentos acerca da virulência do vírus, da possibilidade de doença grave e morte, da capacidade de reação do sistema nacional de saúde italiano, que tudo parecia muito incerto. Qual podia ser o



impacto disto nas pessoas? No dia a dia? Qual o caminho que poderão ter os acontecimentos? - “Nem durante a guerra!”.

Com o passar dos dias, a situação começou a tornar-se cada vez mais grave e outros casos começaram a aparecer também noutros países europeus.

Hoje a Dra. Catarina, chefe do Serviço, reuniu-nos de forma excecional. Embora Portugal ainda não esteja atingido por Sars-CoV2, é altamente provável que igualmente o será nas próximas semanas. As nossas atividades clínicas terão, portanto, que ser modificadas. Deverão ser suspensos os grupos terapêuticos, as reuniões comunitárias e com a psiquiatria e só serão mantidas as intervenções individuais.

O grupo sobre o qual estava a fazer o projeto de Tese deverá acabar também e, juntamente com ele, a possibilidade de retomar em curto, médio prazo. Longo, talvez. Quem sabe ainda.

Noutra circunstância podia ter reagido de outra forma, mas hoje, ao ouvir todas as notícias da Itália, as minhas prioridades são um pouco diferentes.

*9 Março 2020, Lisboa.*

Toda a Itália entra em quarentena, face ao inesperado e repentino aumento de mortes e contágios. Ninguém pode sair de casa. As regras são muito estritas e irão provavelmente sê-lo ainda mais nos próximos dias, se a situação não melhorar. Nunca havia imaginado encontrar-me numa situação destas. A guerra até me podia ter parecido uma possibilidade mais viável.

Em Portugal a situação ainda não atingia a mesma gravidade, e as pessoas ainda tinham liberdade de movimentos, embora se começasse a sentir alastrar o medo e a preocupação também por aqui. Até no hospital a maioria das pessoas parecia estar em pânico. Claro que as imagens terríveis de hospitais cheios de pessoas a morrer nos corredores, testemunhos de profissionais de saúde desesperados por terem que lidar com tanto sofrimento, não ajudavam a manter a calma e a lucidez para pensar.

Nos últimos dias tenho estado mais em contacto com a minha família, diariamente, coisa que raramente costumo fazer.

Esta noite tinha há poucos minutos acabado um telefonema com a minha mãe, quando de repente chegou a notícia da quarentena nacional.

Liguei imediatamente de volta.

- *“Não acredito! Estamos a cair mesmo em baixo! Há pessoas que não se conseguem mexer, fechadas em casa, sem comida. E os que precisam de medicamentos? E de ir levantar o salário? Como vamos fazer? Achas que este governo vai conseguir pensar em todos estes problemas das pessoas?”*

- *“Mãe, neste governo não tenho grande confiança, mas confio nas pessoas. Quero acreditar que de alguma forma irá encontrar-se uma maneira de nos ajudarmos.”*

- *“Sim, tens razão. Esperemos bem.”*

Falo poucos minutos depois com uma das minhas melhores amigas. Giulia mora em Bolonha, onde ficou depois dos estudos universitários em História de Arte Contemporânea. A família da Giulia mora em Bergamo, uma das cidades mais atingidas.

- *“Tinha subavaliado completamente a situação. Estamos todos a perceber que não é uma brincadeira. Ficamos em casa para nos proteger. Para proteger os outros essencialmente, nós somos jovens...”*

Ida também é natural do norte da Itália, mas mora em Lisboa. O seu pai é o chefe do Serviço de UCI do hospital da sua cidade natal. Ida conta-me que o seu pai volta para casa chorando quase todos os dias. Os hospitais estão cheios. As pessoas continuam a morrer. Ninguém ainda sabe como tratar esta doença. Estão a tentar de diferentes maneiras, esperando que indicações e medidas terapêuticas possam ser encontradas o mais cedo possível. A comunidade científica a nível mundial está envolvida no mesmo percurso.

Todavia, os relatos italianos acerca do que, dois dias depois, será declarado pela OMS como pandemia, não estão somente cheios de medo e de desesperança. Cada pessoa com quem falo conta-me inúmeros episódios de solidariedade e interajuda, de colaboração, apoio comunitário, criatividade sempre crescentes. O mesmo é relatado nas redes sociais, assim como nos principais jornais nacionais. Muitas também são as fundações, empresas, cinemas, bibliotecas, rádios, associações, instituições, que estão a tentar contribuir para a chamada “Saúde e Bem-estar coletivo”.

Todos, pelo que me conta a Mef, uma amiga de infância que mora em Forlì, parecem estar sensíveis ao bem-estar de desconhecidos, da comunidade que têm à sua volta, como se, de repente, tivessem saído das suas próprias vidas, “despojando-se” dos seus próprios interesses. Será que isso nos fará acordar, perceber que estamos todos interligados? Começar a apostar na colaboração ao invés da competição? Iremos aperceber-nos da importância do bem-estar comunitário? Do valor das nossas vidas no mundo? Da nossa ligação com o mundo natural do qual também somos parte? Da importância em reivindicar condições saudáveis de vida? Da necessidade de investir num sistema de saúde público e acessível? O que despertará nas pessoas, nos italianos, fechados de repente em casa, esta inesperada reviravolta na vida?

Face à impossibilidade de realizar o meu trabalho de tese mas, sobretudo, face a tantas perguntas que despertou em mim o “novo” estado do mundo e em particular do meu país de origem, escolhi lançar-me dentro da vida doméstica numa família italiana em quarentena.

### **A pandemia por Covid19 - A situação italiana**

No dia 30 de Janeiro de 2020, foram confirmados em Itália, Milão, os dois primeiros casos de infeção por Sars-CoV2. A 21 de Fevereiro, foi comunicado pelas autoridades nacionais, a presença de surtos infecciosos em algumas áreas do Norte do País, na região da Lombardia. Isto determinou a repentina declaração do “fecho” de 11 municípios da região e a rápida transição das máscaras dos desfiles de Carnaval para as máscaras cirúrgicas. Dois dias depois foi emitido um decreto-lei que impunha o fecho total dos municípios, o fecho das escolas, museus e lugares de cultura, a suspensão de qualquer atividade comercial ou laboral, com exceção da venda e produção de bens essenciais, a suspensão de manifestações e eventos nas áreas, a suspensão de ligações ferroviárias e de qualquer atividade desportiva. Com o passar dos dias, com o aumento dos contágios e face ao risco de colapso do SNS, foram emitidos diferentes decretos-lei, progressivamente mais restritivos, e estendendo sucessivamente à totalidade do território nacional. Na noite de 7 para 8 de Março, as medidas foram aplicadas a diversas áreas das regiões da Lombardia, Emilia-Romagna, Piemonte, Véneto, Marche, atingindo assim a vida de cerca de 16 milhões de pessoas. Tal decisão determinou uma “fuga

geral” de trabalhadores e estudantes residentes no Norte de Itália, mas originários do Sul, na tentativa de escapar à quarentena geral, que muito provavelmente seria aplicada àquelas áreas em poucas horas. No dia 9 de Março, a quarentena é estendida ao território nacional. O Ministro da Saúde apela à solidariedade coletiva, declarando que os italianos têm de dar um - *“salto cultural”* para agir para o bem coletivo, porque - *“o valor duma nação é medido pela forma como são tratados os mais vulneráveis e idosos e porque, em última instância, estamos todos interligados.”* As cidades tornam-se de repente vazias, mas gestos e ações de solidariedade e apoio começam a alastrar. As pessoas reúnem-se à distância, de varandas e janelas, sob o hashtag *#Andràtuttobene*, para cantar, tocar, dançar, jogar, falar, celebrar, trazer ânimo e alegria às cidades vazias a nível das ruas, mas cheias de vida nas casas de janelas abertas.

A Itália foi o primeiro país da Europa a ter que lidar com a situação pandémica e a impor aos seus cidadãos medidas cada vez mais restritivas à liberdade de movimento e expressão, em nome da saúde coletiva. Durante o estado de emergência, ninguém podia sair de casa, salvo raras exceções, e a uma distância inferior a 100m da própria habitação.

### **Pergunta de Tese**

*Que mudanças, ao nível das práticas e das representações, no agenciamento dos membros de uma família italiana, na altura do primeiro “estado de emergência” devido à pandemia por Covid19?*

Sob o estado de “emergência”, o que consideramos “normal”, corriqueiro, habitual, ordinário desmorona, dando lugar a um estado de extra-ordinariedade (Bauman 2000).

O emergir do inesperado, extraordinário, estado pandémico, determinou uma mudança na forma como a estrutura de poder político tomou lugar na construção das práticas diárias dos atores sociais. O emergir do inesperado microrganismo patogénico, ser vivo e natural, trouxe consigo inúmeras questões ligadas à convivência no mundo com outros seres naturais e à condição de mortalidade intrínseca da vida humana.

Em momentos históricos “extraordinários”, podem emergir novas construções sociais e culturais, porquanto tais momentos podem forçar as pessoas a repensar e recriar as próprias vidas (Zharkevich 2017; Irving 2017).

Zharkevich afirma como em tempos excepcionais, as pessoas podem ser forçadas a dar um passo atrás nas próprias quotidianidades, muitas vezes vividas sem espaço de reflexão, e a começar a pensar, entender, trabalhar sobre e responder a certos dilemas, e questões existenciais (Zharkevich 2017).

Prestar atenção à formação e ao emergir da subjetividade das pessoas nestas alturas, podia significar entrar em contacto, de forma mais crítica, com processos de mudanças culturais e sociais, assim como com questões ligadas à temática da agência (Cooper 2018).

Entende-se por agência a capacidade, ou habilidade, de agir segundo as próprias intenções. A subjetividade pode ser entendida como o conjunto de percepções, afetos, pensamentos, medos, desejos e assim por diante, que animam os sujeitos ativos, assim como o reflexo das formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam tais formas de ser, de sentir, de pensar, de fazer e buscar significado (Ortner 2007). Nesse sentido, foi por muitos autores considerada como um dos elementos que moldam a ação das pessoas e que entra em jogo na configuração das práticas de vida real dos atores sociais (Cooper 2018; Ortner 2007).

É essencial entender a subjetividade, assim como a agência, nas suas relações com as formas de poder em transformação, também as mais subtis, que saturam a vida quotidiana e entendê-la no contexto de forças sociais e culturais de grande escala, que podem estar em jogo na sua própria construção, tendo em conta que a cultura e os regimes históricos de poderes específicos plasmam a subjetividades dos agentes (Ortner 2007; Pizza 2005; 2006; Quaranta 2006; Schmidt and Palutan 2018).

Os sujeitos agentes estão sempre envolvidos numa multiplicidade de relações, jamais podendo agir fora delas. É difícil, se não impossível, imaginar-se que o indivíduo, o agente, possa agir livremente, sem restrições. Por um lado, este está sempre inserido em relações de pretensa solidariedade, por outro, em relações de poder, de desigualdade, de competição, de coerção. A cultura “coage”, mas também pode

favorecer e facilitar. Os recursos culturais podem permitir o surgimento da própria ideia de resistência, facilitando a expressão de formas de ser e estar no mundo que se oponham ao discurso dominante (Glowczewski et al. 2006; Quaranta 2006; Lucini 2014; Biehl and Locke 2010).

Os atores, pelo menos parcialmente, são sujeitos capazes de refletir sobre as próprias circunstâncias de vida e de desenvolver um determinado nível de crítica e de possível resistência, para tentar direcionar as suas ações e perseguir projetos dentro de um mundo de dominações e de desigualdades (Pizza 2006; Glowczewski et al. 2006; Appadurai 2013).

As trajetórias de ação nas quais os atores sociais reconfiguram modelos de pensamento e ação têm como base, também, desejos e expectativas futuras.

Através destas lentes, os sujeitos podem rever o seu posicionamento em relação ao futuro e ao passado, em resposta a eventos que emergem no presente. Os atores estão imersos em momentos de passagem, dinâmicos, de contínua revisão do próprio estar e agir (Zharkevich 2017).

Nesta prática, imaginam, projetam-se, direcionam-se dando espaço a planos e aspirações para o futuro.

Os seres humanos são *“future makers”* e a construção do futuro pode ser entendido como facto cultural (Appadurai 2013).

O aspirar, o imaginar, são recursos vitais de cada processo e projeto social e histórico e poderiam ser práticas olhadas como capacidades culturais, como mapas que permitem a negociação do presente, posto em tensão em direção ao futuro (Appadurai 2013).

Podem ser entendidas como capacidades culturais no sentido em que constroem as narrativas individuais, dentro de um sistema de valores, significados e possibilidades (Appadurai 2011). A capacidade de aspirar não representa só uma força individual, mas alimenta-se de culturas partilhadas, exprime-as, tornando-se, portanto, um facto coletivo. A cultura é construída também de desejos, aspirações e da partilha dos mesmos, da intenção virada para o futuro que leva a formular hipóteses no presente, a homologar-se com o mundo real e com os elementos do próprio grupo, ou a contestar e a protestar contra o sistema dominante, em nome dum imaginário de “vida boa”,

específica por cada localidade cultural, social e histórica (Pizza 2006; Biehl and Locke 2010; Appadurai 2013).

Os sistemas culturais, a combinação de normas, disposições, práticas, histórias, relações de poder, modelam o que se entende por “vida boa”, por fins desejáveis, e mapeia e modela os percursos práticos possíveis para chegar a tais fins (Quaranta 2006).

Desejos, aspirações, intenções, imaginários, objetivos, vontades são ingredientes chave na definição da própria agência e nas trajetórias de ação.

A capacidade de agir, a própria agência, pode ser entendida como a capacidade de desejar, de formar intenções e de agir criativamente (Gell 1998). Está intrinsecamente associada a “intencionalidade”, a ampla gama de estados cognitivos, emocionais, do mais ao menos consciente, orientados, que apontam para algum fim, para algum propósito (Glowczewski et al. 2006; Sewell 1992).

Tal capacidade é algo universal e ao mesmo tempo culturalmente, socialmente e historicamente determinado e construído, sendo os atores culturalmente variáveis e subjetivamente complexos. Todos os seres humanos têm capacidade de agência, mas as formas específicas que esta assume variam nos diferentes tempos e lugares e na forma com a qual cada indivíduo negocea a própria agencialidade em relação à coletividade, podendo coordenar as próprias ações com ou contra os outros (Demarrais and Earle 2017; Glowczewski et al. 2006). Os tipos de desejos das pessoas, as suas intenções, variam intensamente de um mundo social para outro, e a cultura em si remodela tanto a prática quanto as intencionalidades da mesma, sendo ao mesmo tempo modelada por estas forças individuais e coletivas (Pizza 2005).

Esta capacidade não se expressa, nem é percebida de forma unívoca, sendo nutrida ou limitada, por diferentes regimes de poder. No seio de relações de poder e de desigualdade, as emoções humanas e, por conseguinte, as questões de agência, são sempre complexas e contraditórias (Giddens 1979; Sewell 1992). As estruturas empoderam diferentemente os agentes, o que também implica que estes encarem diferentemente desejos, intenções e conhecimentos. A estrutura, assim como as agências humanas que esta confere, estão carregadas de diferenças de poder (Scott 1990).

A meu ver, a agencialidade não se encontra oposta a estrutura, mas entra com esta numa relação dialética, numa contínua negociação e construção recíproca. A estrutura constrói a agência e as possibilidades de agência e é ao mesmo tempo construída pelas agências individuais e coletivas das pessoas, podendo ser por estas transformada (Glowczewski et al. 2006).

A agencialidade, como teorizada quando o conceito é aplicado aos seres humanos, mantém, de alguma forma, a dicotomia ocidental entre a mente e o corpo, deixando um lugar privilegiado à interioridade, ao pensamento ou à elaboração cognitiva das emoções e dos sentimentos. O tudo parte da cabeça, enquanto o corpo, a corporeidade, tem um lugar de importância secundária, sendo as ações consideradas o fruto da própria intencionalidade, consequências trazidas ao mundo a partir da esfera mental.

Segundo Gell, o agenciamento é o que faz com que os eventos aconteçam na sua vizinhança, dão origem às ações, fazem-nas espoletar. O autor entende a agência como uma estrutura culturalmente prescrita para pensar sobre a causalidade, sobre eventos acreditados para acontecer por causa de uma “intenção”. Abre a possibilidade de considerar também objetos “físicos”, e não apenas seres pensantes, como possíveis agentes, como hipotéticos iniciadores de sequências causais (Gell 1998). Na sua perspectiva, a agência pode ser exercida em relação às coisas, mas ao mesmo tempo pode sê-lo por coisas, em determinadas circunstâncias.

Nos últimos anos, alguns autores começaram a aproximar o conceito de agenciamento ao da corporeidade, tendencialmente considerados independentes. Entendo a corporeidade não como um antípode da alma, não segundo uma visão dualística que separa o corpo e a mente. No presente texto, a corporeidade é entendida segundo o trabalho do filósofo Merleau-Ponty. Para o fenomenólogo francês, o corpo não seria só mero objeto ou involucro mecânico que possibilita a ação, mas sim uma condição permanente de experiência, uma abertura preceptiva para o mundo, em contínua relação com o mundo. Temos um corpo, somos um corpo e estamos com o corpo no mundo, corpos que, segundo Merleau-Ponty, têm intencionalidade, assim como representam uma dimensão da própria consciência. Falar em corporeidade implica também prestar atenção a forma que os corpos assumem, ao seu próprio estar individual e relacional, social, político, aos gestos que fazem corpos, corpos que fazem



outros corpos, a relação entre qualidades corporais e modos de existir. Assim como expressa, o corpo age num mundo repleto de diferentes expressões e possibilidades de expressão, mais ou menos aceitas ou capacitadas. Da mesma forma, pode criar novas formas de expressar, novas narrativas. O que implica tal qualidade ou modo dos corpos? Que mundos se abrem a essa ou àquela modulação? O que acontece numa simples alteração entre o lento e o rápido, entre o sentar e o caminhar, entre o escrever e o falar, entre o ser e o estar? (Horta and Jaques 2020). Recentes evidências de âmbito neurocientífico afirmam como o movimento se pode constituir enquanto estratégia fundamental para o conhecimento, mas tal afirmação não é nada nova para a cultura ocidental, basta só recordar quais foram os primórdios da filosofia ocidental. A Escola Peripatética, fundada por Aristóteles, alegava que o conhecimento, o pensamento, acontecia de forma itinerante, ambulante. *Peripatetikós* em grego antigo significa algo que acontece ou que se faz passeando, que acontece caminhando. Os peripatéticos filosofavam, conheciam, ao passo que passeavam. Segundo tal perspetiva, aprender, nesses mundos, não é um dispositivo meramente intelectual, mas algo que requer, também, uma modulação física, corpórea (Horta and Jaques 2020). Não só temos um corpo, mas também somos um corpo, temos um sentido de “ownership” através do qual apreendemos, com o nosso corpo físico, pensamentos e emoções, podendo estes ser parte ativa na determinação das ações e das intenções dos sujeitos. (Gallagher 2010; Caspar 2015; Tsakiris et al. 2010; Pritchard et al. 2016; Braun et al. 2014; Ma, K. and Hommel 2015; Shibuya et al. 2016; Tsakiris et al. 2006; Asai 2015).

O corpo está a começar a ser considerado como parte ativa da experiência social e ator de mudança das construções socioculturais, assim como perpetuador das mesmas, sendo que a percepção corporal parece ligada não só ao mecanismo de incorporação, mas até ao de agenciamento. (Zopf et al. 2018).

O sentido de agenciamento surge ao reconhecer a influência causal dos agentes no mundo exterior. Tipicamente, tal influência é realizada através do corpo, dos seus movimentos que ligam intenções e pensamentos a efeitos e consequências. Ao mesmo tempo, a percepção do corpo pode ser crucial para a prática da agencialidade.

Mais ainda, como teorizado largamente na área da antropologia médica, somos um corpo não só individual, mas também social e político. O corpo pode ser pensado em

três diferentes níveis, o individual, experiência subjetiva do self, o social, determinado pelas simbologias que plasmam culturalmente a experiência da subjetividade, e o corpo político, entendendo com isto o papel do controlo e da coerção exercida pelas estruturas de poder capazes de empoderar e legitimar, ou não, específicos saberes, experiências, intenções e práticas. A corporeidade é um dos lugares onde tais práticas se desenrolam, mas ao mesmo tempo é também considerada como elemento de possível mudança e resistência a tais estruturas (Quaranta 2006).

Os trabalhos académicos nas Ciências Sociais não podem estar desconectados das condições do mundo real no qual se desenvolvem. A cultura, no sentido de valores partilhados e padronizados numa comunidade, medeia a experiência dos indivíduos. Fornece-lhes, à partida, algumas categorias básicas, uma esquematização positiva, na qual ideias e valores se encontram dispostos de forma ordenada (Douglas 1966). Exerce também uma certa autoridade, podendo levar os sujeitos a conformarem-se uns aos outros, ou a pôr-se numa dinâmica de contraposição em relação à maioria. É importante considerar não só as dinâmicas culturais e sociais em jogo, mas, também, as económicas e políticas, vendo-as como forças que agem local e globalmente, que modelam e determinam a possibilidade de vida dos sujeitos no mundo, os sentidos que estes buscam para a vida, as direções, intenções e as formas com as quais estes tentam encontrar a melhor forma de bem viver em qualquer circunstância (Glowczewski et al. 2006).

Falando do momento histórico em questão no presente trabalho, isto é, o estado de emergência por Covid19 em Itália, quero começar citando o que Charles Eiseinstein dizia em Março de 2020, no ensaio *"The Coronation"* (2020).

*"Decretaria eu o fim dos abraços e apertos de mão humanos, se isso salvasse a minha própria vida?"*

*Qual o caminho certo para viver? Qual o caminho certo para morrer?*

*Quanto da vida queremos sacrificar no altar da segurança? Se isso nos mantiver mais seguros, queremos viver num mundo onde os seres humanos nunca se reúnem? Queremos usar sempre máscaras em público? Queremos ser examinados clinicamente cada vez que viajarmos, se isso salvar um número de vidas por ano? Estamos dispostos*

*a aceitar a medicalização da vida em geral, entregando a soberania final sobre os nossos corpos às autoridades médicas (conforme selecionadas pelas autoridades políticas)? Queremos que todos os eventos sejam virtuais? Quanto estamos dispostos a viver no medo?”*

Dentro destas circunstâncias, emergentes de forma tão rica e complexa, qual será a mudança na forma como as pessoas agem no mundo e dirigem as suas próprias ~~páas~~ <sup>vidas</sup>?

Quais serão as reflexões, os desejos, as intenções, as vivências, as práticas, as visões do mundo que surgirão?

Neste momento de “crise”, que forma tomará a mudança no agenciamento dos atores sociais? O que a determinará?

Charles Einseintein continua no seu “*The Coronation*” (2020) sublinhando como a ~~vida~~ <sup>crise</sup> é considerada um medo primordial e universal. Aponta a sociedade moderna como a que nos foi deixando sempre mais sozinhos (Eiseinstein 2020).

Refere-se, nesse sentido, ao sistema neoliberal no qual se encontram imersos os atores em questão.

O Neoliberalismo, visto como teoria de prática económica e política, sustenta que o bem-estar pessoal pode ser atingido através da liberdade empresarial individual, num quadro institucional caraterizado por forte propriedade privada, mercado livre e livre comércio (Ortner 2016). Sacraliza a ideia de que cada pessoa pode chegar à segurança económica, para si mesmo e para as próprias famílias, simplesmente trabalhando o suficiente e com a atitude certa, fazendo coincidir tal status económico com o valor e a dignidade dos indivíduos enquanto pessoas (Bauman 2007).

Os efeitos da privatização da maioria dos bens públicos e das instituições, a radical redução dos programas de assistência social estatais que tiveram lugar dentro do molde neoliberal, determinaram, em primeiro lugar, um aumento extremo das desigualdades sociais, dos distanciamentos nas relações interpessoais, da desconfiança nos indivíduos com os quais se partilham os lugares de vida, assim como um sempre crescente sofrimento mental, físico e social.

A organização coletiva, de baixo para cima, foi sempre mais desempoderada perante a pressão do mercado e a cultura de competição instituída, o que baixou cada vez mais a possibilidade de resistência solidária, pelo menos no dito mundo ocidental.

Sem acreditar na possibilidade de construção dum sentido de segurança que aposte na fundação da coletividade, encorajou sempre mais o viver “cada um para si”, criando uma sociedade sempre mais autonomizada e fragmentada (Bauman 2007).

Para além disso, levou ao surgimento dum sentido de insegurança pessoal marcado maioritariamente pelo medo dos outros seres humanos, que começaram a ser olhados como alguém de quem se suspeita, ou com quem se entra em competição para a sobrevivência.

Com o divórcio entre o poder e a política, estando a maioria do controle e do poder antes detido nas mãos dos modernos estados-nação, foi direcionado para um espaço não controlado, global, jamais sujeito à possibilidade de controle político ou democrático (Bauman 2007).

Isso determinou uma desconfiança sempre maior face aos estados-nação e à política, assim como uma crescente insegurança e instabilidade, presente na maioria dos aspetos de vida das pessoas. A instabilidade, a precariedade, foram muitas vezes apresentadas até como característica positiva, como flexibilidade, prontidão, capacidade de mudar de táticas, intenções, vontades, formas, sempre mais rapidamente e eficientemente. Conceitos tais como o compromisso, a estabilidade e a lealdade nas relações, foram sempre apontados mais como resíduos duma cultura retrógrada e antiquada, pouco desenvolvida, para ser ultrapassada em nome do progresso.

O crescente desemprego, a pobreza e redução dos direitos vitais trouxeram para fora uns dos aspetos mais críticos dos seres humanos: a inveja, o individualismo, a agressividade perante os outros, um sentido de desconexão, insegurança, medo quase total do mundo e do contexto social (Bauman 2007).

As medidas encontradas pela estrutura de poder e a nível social para enfrentar tais medos, em vez de aliviar a angústia, conduziram a um crescente individualismo e isolamento nos próprios muros pessoais e habitacionais, jamais sentidos como protegidos (Ortner 2016).

Neste âmbito, durante a pandemia por Covid19, a narrativa dominante era a que apelava a uma mudança radical dos próprios hábitos da população, em nome da saúde e da solidariedade coletiva.

### **Metodologia**

Quando se fecham as fronteiras e se estabelece o recolher obrigatório, delinear o trabalho etnográfico da forma habitual torna-se impossível, o que pode trazer consigo a possibilidade de olhar os limites e as fronteiras da disciplina, como fonte de riqueza e criatividade. Como abordar, então, a complexidade de uma questão que requer a criação duma relação de proximidade e intimidade com os sujeitos da pesquisa? Ir até Itália teria sido possível, sendo eu de nacionalidade italiana, mas isso teria implicado ficar ali presa, sem saber quando teria tido a possibilidade de voltar para casa. Começar a definir o trabalho tentando realizar uma etnografia virtual parecia-me que pudesse carecer da criação duma relação de maior proximidade, como gostaria de ter para mergulhar em assuntos ligados à própria existência e subjetividade. Ao mesmo tempo, pareceu-me que isso podia trazer consigo alguns aspetos críticos, entre os quais o de não ter observado e conhecido os sujeitos da pesquisa antes da instauração do estado de emergência. Decidi, portanto, para tentar reduzir o impacto do distanciamento físico e para fazer disso até um ponto forte, focar o meu trabalho de Tese sobre a minha família, cujos membros se encontravam confinados nas duas regiões mais atingidas por Covid19: 5 deles em Forlì, Emilia-Romagna, e um deles em Milão, Lombardia, com o seu marido.

Desde que emigrei para Portugal, no início de 2016, não tinha o hábito de entrar diariamente em contacto com eles, mas, de certa forma, com o materializar do medo e da ansiedade devido ao aumento dos casos de infeção e do número de mortes, isso acabou por acontecer, de forma espontânea, também em resposta às minhas próprias preocupações acerca da forma como se sentiam e como estavam a vivenciar a nova situação.

Delinee o trabalho, pensando abordar o terreno através de uma observação participante virtual, pelo menos numa fase inicial. Comecei assim a realizar chamadas e

videochamadas diárias, a dar atenção ao material visual produzido e compartilhado ora comigo, ora no grupo WhatsApp da família, durante os meses de confinamento, bem como ao conteúdo das mensagens que iam sendo compartilhadas. Abri também a possibilidade de produção de material virtual como meio de narrativa da própria experiência. Embora não sabendo se seria possível, esperava poder ir presencialmente a Itália logo depois da abertura das fronteiras, para realizar entrevistas com os sujeitos da pesquisa em relação aos meses de confinamento passados.

Ao longo do trabalho de campo, quer durante a observação virtual, quer durante a realização das entrevistas, tentei dar valor às histórias de vida que eram contadas pelos sujeitos, as suas narrativas, as suas formas de atribuir significado e como se posicionavam em relação ao que estavam a viver, à sua própria vida individual e social. Abordei os sujeitos da pesquisa, tentando valorizar o seu papel de narradores e protagonistas das suas próprias histórias.

Desde os assuntos mais íntimos e profundos, até aos mais manifestos e rotineiros, tentei reduzir ao máximo a minha intervenção, motivando-os para a possibilidade de contarem a sua vida diária da forma que preferiam. Mostrei-me curiosa em saber o que acontecia, internamente e externamente, durante os dias passados no primeiro estado de emergência.

A sequência de eventos reportada diariamente, a forma como a história da quotidianidade era relatada, era para mim surpreendentemente rica de informação, pois não representava um simples elenco de acontecimentos, mas sim uma narrativa de sentido sobre a própria experiência, a própria perspetiva, cheia de significado, que aos poucos permitia entrar mais em relação com os sujeitos e com as dinâmicas culturais, sociais, políticas em jogo.

Pus o foco da minha escuta, assim como da minha observação visual virtual, sobre as mudanças que via acontecer no seio familiar, as dinâmicas que surgiam, de que forma, quais as que se mantinham, quais as que ganharam importância para os sujeitos, mais ou menos conscientemente. Ao mesmo tempo dei atenção aos assuntos relacionados com o seu próprio posicionamento em relação ao mundo exterior ao lar, a percepção, pensamentos, sensações sobre o contexto exterior.

Sendo o objeto do presente trabalho a temática do agenciamento, cada vez que intuía uma possível pista interessante sobre isso pedia para aprofundar, quer por palavras, quer por imagens, mostradas através das videochamadas e das partilhas no WhatsApp. Fiz isto também para os rituais de vida diária, como por exemplo os momentos de preparação dos alimentos ou o consumo dos mesmos.

Ao longo da pesquisa quis dar visibilidade às temáticas que eram trazidas pelos sujeitos, tentando evidenciá-las e considerá-las como densas de significado, pois representavam não só a sua interpretação e representação, mas também o fruto da seleção feita pelos próprios sobre o que consideravam importante ou significativa para a própria vida e contexto.

No que concerne às entrevistas presenciais, a abordagem foi sempre virada para a narrativa de vida. Tentei criar um ambiente que possibilitasse e estimulasse a narrativa da própria história pessoal, da própria vivência por altura do primeiro estado de emergência, colocando-me numa postura neutra, sem fazer juízos de valor, aberta a qualquer tipo de relato que pudesse surgir. Pedi para me falarem das suas prioridades, reflexões, sensações que tiveram durante os meses passados em casa, dando abertura para que isso fosse feito quer em relação às práticas quotidianas, quer ao nível das representações e introspeções, deixando-os falar livremente, seja a nível existencial, político ou social, com todo o à-vontade para escolher o seu próprio foco.

Também em relação às entrevistas, a seleção feita pelos sujeitos dos eventos a incluir na sua própria narrativa, os focos por eles privilegiados, foram essenciais para me aperceber da forma como as dinâmicas individuais, sociais, culturais, políticas e históricas, se manifestavam através das palavras e das narrativas dos sujeitos. Optei por não intervir durante as entrevistas, a não ser para dar apoio à narrativa ou para recorrer a técnicas de escuta ativa, quer porque o estilo de entrevista narrativa era o que tinha escolhido para a minha abordagem, quer porque limitar ao máximo as perguntas podia ser, a meu ver, uma ferramenta auxiliar para me relacionar com os meus familiares de uma forma mais objetiva e distanciada. Com efeito, tendo em conta a minha personalidade e a minha biografia relacional com eles, tinha algum receio de que começar a fazer perguntas durante as entrevistas pudesse levar mais a um confronto

ou a uma partilha íntima que ia facilmente sair do foco da pesquisa ou do papel de pesquisadora que me esforçava por ter na conversa.

A observação participante durante o trabalho de campo pode ser considerada como a fundação da antropologia cultural. Requer uma aproximação aos sujeitos de estudo e um percurso que tenta fazê-los sentir confortáveis com a presença do pesquisador. De alguma forma, apela ao tornar-se “nativos”, para imergir num determinado lugar sem que isso espolete uma mudança na forma de atuar e de falar dos sujeitos da pesquisa (Russel 2006).

Ao mesmo tempo, é necessário desenvolver ferramentas que ajudem a manter a objetividade, perante o que se torna cada vez mais familiar. Construir um certo distanciamento, para poder tentar ler e interpretar o que se observa. Contudo, uma objetividade absoluta, partindo da nossa posição de seres humanos, é de alguma forma impossível. Uma atitude reflexiva e de autoconhecimento acerca dos próprios pensamentos, emoções, reações perante o campo, é essencial para a condução duma pesquisa que possa ser o mais viável e cientificamente válida.

O que é que podia significar tornar-se “nativo” e ganhar ferramentas que proporcionem maior “objetividade” na análise, quando os sujeitos de estudo são os membros da própria família?

O presente projeto, sendo eu parte do grupo, podia ser entendido como uma “*self-ethnography*” (Eriksson 1999).

Na forma clássica de realizar um trabalho etnográfico, o pesquisador é chamado para se aproximar de um grupo em relação ao qual é exterior. Ao contrário, num percurso de “*self-ethnography*”, o pesquisador é já um nativo à partida e está ligado de forma emocional aos sujeitos do seu estudo, o que poderia influenciar não só a forma como olha para as coisas, mas também as temáticas e os assuntos sobre os quais escolhe direcionar a sua atenção.

Tal abordagem, apresenta potenciais pontos críticos, mas também potenciais riquezas para a pesquisa.

Quero tentar delinear qual é, em meu entender, a complexidade e especificidade da minha relação com o sujeito da pesquisa e com a temática da mesma.



Parece-me redundante dizer que sou familiar à minha família. Cresci com eles, cresceram comigo, temo-nos acompanhado nas muitas reviravoltas que a vida deu ao percurso existencial de cada um de nós. Conheço os lugares, as caras, os movimentos, os temperamentos, interesses, personalidades, de cada um deles e volto a conhecê-los cada dia, no seu contínuo dinamismo e mudança. E assim como eles em relação a mim, também eu em relação a eles.

Ao mesmo tempo, desde há 10 anos não partilho com eles a casa, nem moro na minha cidade natal. Nos últimos 5 anos também tenho vivido e trabalhado num outro país, o que reduziu ainda mais as possibilidades de encontro.

Desde a minha saída de casa, com o começo dos estudos universitários, a prática de relação com os meus familiares tem mudado muito. Ainda mais desde que emigrei para Portugal. As idas para a casa da minha família, nos últimos 5 anos de vida, nunca foram superiores as 2 vezes por ano, sem ultrapassar os 10 dias de permanência com eles. Com as minhas irmãs até houve anos nos quais nos vimos só um ou dois dias. A praticada relação é mantida maioritariamente através dos meios de comunicação virtuais, de forma esporádica, sendo eu bastante desligada do meu telemóvel e com pouca paciência para as conversas diárias, tendo preferido ao longo dos anos reduzir o número de contactos virtuais com eles, tentando aumentar a qualidade e a profundezas das interações nas alturas dos encontros virtuais.

Cada vez que entro em contacto com eles, ainda mais quando isso acontece presencialmente, de alguma forma toma lugar uma prática de reconhecimento.

*“Olhem bem para a vossa irmã. Quem sabe quando iremos vê-la da próxima vez, talvez daqui a um ano!”* - dizia brincando e com um sorriso no rosto o meu pai o passado Natal, no primeiro dia da minha visita italiana.

Cada vez que volto, deixo-me surpreender pela forma como mudam as caras, as expressões, os movimentos, as práticas, os corpos, os hábitos, as dinâmicas, os pensamentos, a forma de manifestar-se, as situações e circunstâncias de vida de cada um deles. Assim como sinto que eles o fazem comigo. Somos íntimos e ao mesmo tempo a nossa intimidade e familiaridade é algo em contínua mudança e construção, como provavelmente poderia acontecer em cada relação de proximidade, mas no presente

caso, sendo a proximidade emocional, mas não física, tal necessidade de recriação do laço torna-se mais manifesta e visível.

No que diz respeito à circunstância histórica na qual irá ser contextualizada a pesquisa, isto é, a de pandemia, esta é para mim completamente desconhecida.

Já os conheci, já nos conhecíamos, em alturas de crise e de emergência, mas a atual permanece sendo muito diferente das que já experienciámos em conjunto. Não tenho memória de nada que se assemelhe a isso e nem tão pouco tenho recursos mnemónicos ou experiências com os quais possa entrar em comparação. Da mesma forma, isto aplica-se a cada um deles, sendo que nenhum já experienciou na sua vida uma quarentena ou uma situação pandémica. Acresce a tudo isto não me encontrar em Itália. Não tenho, portanto, acesso à mesma experiência de normas, leis, contexto social e epidemiológico que eles, o que faz de mim uma estrangeira em relação à questão e à situação específica.

Num percurso de *“self-ethnography”* que me proponho tentar fazer há potenciais riquezas, ainda mais visíveis face à situação inusitada que dificulta a entrada em familiaridade e proximidade com os sujeitos, mas há também vários limites e riscos de cair numa excessiva emotividade e parcialidade na pesquisa.

O meio virtual, ferramenta usada na maior parte do estudo, permitiu-me, de alguma forma, criar um distanciamento forçado, que tentei usar a meu favor para tomar, com maior consciência, uma postura de autocrítica perante o que observei e ouvi contar.

Ao mesmo tempo, optei por desenvolver a pesquisa, quer no decorrer da observação, quer no decorrer das entrevistas, segundo uma metodologia ligada às narrativas de vida. Tentei, portanto, limitar ao máximo direccionar as conversas, incentivando em cada sessão o relato, a apresentação, e até a criação da própria narrativa de vida da quarentena em Itália. Em relação às entrevistas realizadas, a abordagem foi a mesma, mas neste caso tudo foi direccionado para tentar perceber quais as prioridades, nas reflexões e nas práticas, que surgiram nos meses de confinamento, em relação a si mesmos, à própria vida, à relação com o poder político, com as pessoas próximas, com o contexto social e ambiental.

Contudo, acabei por não transformar o presente projeto numa *“auto-ethnography”*, ou seja, num estudo que me incluía como sujeito da pesquisa, pois considerei tal situação como suscetível de me trazer ainda mais dificuldade de distanciamento e também pelo facto de não me encontrar em Itália e não estar sujeita às mesmas condições que os outros membros da minha família, durante o confinamento nos lares domésticos.

Quero sublinhar como no início do trabalho de campo tive que lidar com muitas incertezas em relação às eventuais possibilidades metodológicas, pois o fecho de fronteiras, e a impossibilidade de contactos físicos e trabalho de campo presencial, com as pessoas confinadas, tinham uma duração não definida e de difícil previsibilidade. Nesse sentido, lembro-me dos numerosos comentários de suporte que recebi por amigos e amigas portugueses no começo da situação pandémica em Itália. Muitos acreditavam que a situação não iria durar mais do que poucas semanas. Tentei, portanto, conduzir virtualmente o trabalho de campo numa fase inicial, utilizando a tecnologia como ferramenta para chegar à quotidianidade dos sujeitos da pesquisa. Explorei as possibilidades etnográficas através de videochamadas diárias com a minha família. Tentei ligar cada dia em alturas nas quais sabia que todos pudessem estar reunidos: ao final do dia nos dias da semana, e durante as refeições nos dias de fim de semana. Falando das chamadas à minha irmã, estas foram estruturadas segundo os seus ritmos de trabalho. A observação foi, portanto, feita com foco no grupo familiar, tentando ir entrando mais aprofundadamente em contacto com cada pessoa singularmente, conforme o que me parecia mais respeitador da pessoa em questão. Sendo o espaço de observação o lar doméstico, não quis forçar encetar conversas a dois, quando via que os sujeitos precisavam de ter o seu próprio espaço de intimidade. Embora tentasse conciliar os meus horários com os deles, de alguma forma o meio virtual, a meu ver, não me permitiu entrar em contacto com a minha família com a profundidade que teria gostado de ter para o desenvolvimento do trabalho de campo. A impossibilidade de estar no contexto e no campo, presencialmente, limitou, na minha perspetiva, a construção duma relação durante a observação. Não podia saber qual a situação e as dinâmicas antes da entrada em contacto por telefone, o que não facilitou o respeito dos ritmos de vida deles e o conjugar disso com a pesquisa. Da mesma forma, deu-me acesso apenas a uma parte da quotidianidade dentro dos muros domésticos,

pelo que momentos que poderiam ter sido “chave” para a pesquisa não foram nem observados, nem conversados.

De certa maneira, sentia que estava a impor a minha presença e não a negociá-la de forma horizontal com os sujeitos da pesquisa. Para tentar superar tal condição, tentei focar-me também na produção de material virtual como ferramenta de pesquisa. Entendo com isso as partilhas que eram feitas no grupo WhatsApp da família, os vídeos e as fotografias, ou as que eram feitas comigo de forma individual. Tentei abrir o espaço para estético de partilha, apelando para o envio e a produção de material visual virtual que pudesse contar a própria vida durante o estado de emergência. Desta forma, esperava poder balancear a diferença de poder em jogo e também ter acesso a outros momentos que pudessem ser considerados como relevantes nas perspectivas dos sujeitos, não obstante a minha ausência física e/ou virtual.

Mesmo assim, achei a parte etnográfica virtual carente em muitos aspetos. A presença física permite ter acesso a uma quantidade de informações e a observação de diferentes linguagens sensoriais e físicas, que o virtual não proporciona. Acho também que a criação duma relação de confiança, essencial para o desenvolvimento da pesquisa de forma respeitosa dos sujeitos do estudo precisa duma entrada em contacto que possibilite a criação dum espaço onde a partilha possa ser sentida como segura. O contacto, a presença, são veiculadas pelos corpos e o afastamento dos mesmos não foi compensado com a virtualidade. Senti isso muito claramente no momento em que, com a reabertura das fronteiras, foi possível a minha ida presencial para casa. As partilhas que houve com os sujeitos durante as entrevistas presenciais deram espaço para outros níveis de relacionamento. A observação presencial deu-me acesso a uma profundidade de interações, a pormenores, plenitudes sensoriais e dinâmicas que a virtual não me permitiu captar, assim como me capacitou para uma relação mais íntima e respeitosa com os vários membros na altura da realização das entrevistas.

### **Uma alegre e numerosa família italiana**

A família G-M é uma família de classe média, do norte de Itália, composta por 7 membros. À exceção das duas primeiras filhas, todos vivem na região Emilia Romagna.

A área onde a família reside é um lugar de tradição camponesa, onde a ligação à terra, embora em grande transformação nas últimas décadas, sobretudo a partir do boom económico que teve lugar em Itália nos anos setenta, se mantém ainda viva. Há uma presença elevada de pessoas que cultivam a terra e produzem os alimentos para a população local e os rituais “pagãos” da vida camponesa ainda são realizados ao longo do ano em festas que reúnem a comunidade.

Embora a minha família não resida no campo, os meus pais tiveram uma infância em estrito contacto com o mundo rural e todos nós fomos habituados a passar os fins-de-semana na casa de campo que pertencia aos avós paternos.

A Emilia Romagna é uma região do norte de Itália, entre as mais ricas do país e ao mesmo tempo considerada como a mais à “esquerda” da nação. A região não foi imune às mudanças impostas pela cultura económica e política neoliberal e capitalista, mas, em comparação com as outras regiões da Itália, manteve forte a percepção da importância colaborativa, sendo considerada o ninho das cooperativas, associações, fundações, organizações instituídas pelos cidadãos e cidadãs de forma auto-organizada. Manteve, também, presente com maior intensidade, a importância da reivindicação dos próprios direitos no seio da política partidária e das ferramentas de poder democrático. Neste sentido, menores foram os fundos cortados ao investimento em programas de assistência social, de saúde pública, educação, cultura, agricultura, quando comparados com as outras regiões do País, assim como se manteve sempre presente a auto-organização coletiva das cidadãs e cidadãos no ativismo pelos próprios direitos.

É também considerada pelos italianos como a região que resistiu ao Fascismo, tendo tido lugar nos seus territórios a mais intensa luta de resistência “partigiana”.

A segunda guerra mundial entrou com muita força nas vidas da maioria das pessoas, incluído nas da minha família. Ambos os meus avós foram presos políticos nos campos de concentração nazi e as minhas avós participaram na resistência urbana à ocupação fascista no final da guerra. Sem querer entrar demasiado em detalhe, só para contextualizar mais a “cultura” dos sujeitos da pesquisa, quero brevemente descrever qual foi o impacto que isto teve nas duas famílias às quais pertencem os meus pais.

O pai do meu pai sobreviveu aos traumas da guerra e do campo de concentração recusando-se a voltar a contar e relembrar os acontecimentos. Muito raramente partilhava algo com os seus familiares e, nas vezes que o fazia, era sempre de forma emocionalmente desligada e contando mais do contexto geral do que da própria experiência pessoal. Resolveu encontrar um sentido para o trauma na religião, na segurança dos afetos, na importância da família e do amor como ferramenta para ultrapassar as angústias e voltar à vida com espírito positivo e construtivo. Mostrou-se desligado dos assuntos políticos, sobretudo quando estes estavam em oposição ao discurso dominante, olhando para os mesmos como algo potencialmente perigoso. A minha avó paterna alinou-se ao meu avô, tendo começado a relatar mais da sua experiência só após a morte do cônjuge.

O pai da minha mãe, pelo contrário, nunca se opôs à narrativa e à manifestação da dureza da experiência. Várias foram as ocasiões nas quais relatava episódios de vida em Dachau, de resistência e ativismo político em nome da liberdade, da fuga do campo de concentração e do longo e difícil caminho para voltar à própria casa. À semelhança do que aconteceu na família paterna, sempre sublinhou a importância dos laços familiares, do cultivo e da prática de amor na vida, até as últimas consequências no momento da morte, a “rapariga do lenço”, alemã, que às escondidas lhe fazia encontrar cuecas ou meias, secas e limpas, debaixo do prato, e a enfermeira do campo que o ajudou na fuga. Da mesma forma, a minha avó não se poupava em contar a experiência de resistência e a importância da reivindicação da liberdade, embora poucas sejam as memórias que tenho dela, tendo morrido quando eu tinha apenas 6 anos.

Para os meus pais, de forma diferente, a instituição da família e a religião representam lugares de segurança e estruturas base sobre a qual construíram os próprios ideais e narrativas de vida. Os filhos e as filhas cresceram com isto, mas trouxeram tais narrativas de forma diferente nas suas próprias vidas. A maioria deles não se considera religiosa, mas, para Vittoria em particular, a fé representa um caminho guia para a vida. A ligação à família é vivida de forma diferente para cada um, mas em todos os membros é muito visível o impacto de terem crescido rodeados de pessoas e cada um, à sua maneira, dá valor e importância à presença de ligações íntimas e “familiares” com quem se rodeia.

Para o presente trabalho, a escolha da minha família como sujeito de estudo foi feita também com base nas circunstâncias sociais e políticas nas quais o trabalho de campo teve lugar. Da mesma forma, a meu ver, pode ser considerada representativa do cliché de família italiana, numerosa, religiosa, muito ligada à instituição familiar e ao próprio lugar de vida.

*Alfonso, a guia no mundo.*

O Alfonso tem 60 anos, mora em Forlí com a esposa e os dois filhos mais novos, é médico de família e dentista. Alfonso adora viajar, mexer-se, dar lugar à criatividade e dar o seu melhor em quaisquer das mil atividades com as quais enche os seus dias fora da casa. Gosta muito de se dedicar ao que o apaixona e sempre empurrou os filhos e filhas para o que considera um caminho da felicidade, tentando transmitir o seu apoio para qualquer escolha de vida, desde que feita com paixão e amor. É uma pessoa profundamente religiosa, pertencendo à igreja católica.

*Agostina, o calor do lar.*

Agostina tem 59 anos, mora em Forlí com o esposo e os dois filhos mais novos. É parteira, mãe a tempo inteiro desde o nascimento do quarto filho. Agostina é uma explosão contínua de alegria, adora rir, dançar, andar de bicicleta, ler, brincar com filhos e sobrinhos. Tem braços, orelhas e coração abertos para todos, em particular para os seus familiares. Gosta de encontrar um espaço íntimo com os seus queridos e está sempre pronta a pôr-se de lado para tentar compreender as pessoas com quem interage. É mãe e esposa muito afetuosa e presente. É ela a direcionar a vida familiar em casa e quem tem a “última palavra” nos assuntos familiares. Pertence também à igreja católica.

*Matilde, a criativa.*

Matilde tem 27 anos, mora em Milão com o marido, Davide, desde o começo da universidade. É designer gráfica e trabalha para uma das agências de publicidade e comunicação mais importantes do país. Gosta do que faz, embora muitas vezes se sinta cansada ao final do dia, depois de tantas horas extraordinárias de trabalho. Matilde é altamente criativa, sonhadora, expressiva, muito ligada à sua rotina, aos seus espaços de intimidade, ao seu lar. Gosta de brincar e põe um toque artístico em qualquer coisa

que faça. Ama a música lírica e é cantora no tempo livre. É muito ligada à sua família e, sempre que possível, volta para Forlí para estar com os seus familiares.

*Vittoria, a espiritual.*

Vittoria tem 25 anos, acabou em 2019 a universidade de Medicina em Chieti, Abruzzo, e está a preparar-se para o Teste de Ingresso na Especialidade Médica. Voltou a morar na casa dos pais em Forlí desde há poucos meses. No dia 9 de Maio irá casar-se com Luca. Vittoria tem um grande prazer em estar em contacto com as pessoas, é acolhedora, atenta a todos, firme no que são os seus princípios espirituais e ativa para a construção dum mundo que possa ir na direção do que seja amor e paz. Como Luca, o namorado, começou um percurso de formação para se tornarem membros da “Associazione Papa Giovanni XXIII” (APGXXIII), associação católica que se define como comunidade que liga a própria vida aos marginalizados, para não os deixar sozinhos, para não fechar os olhos perante as injustiças e para ser família para quem não tem família.

*Camillo, o vento alegre.*

Camillo tem 22 anos, mora em Forlí, e está a completar o seu percurso académico em Informática, encontrando-se de momento em fase de escrita da Tese sobre a “Realidade Aumentada”. Camillo é apaixonado pela música e alterna os estudos em informática com os de guitarra e voz no conservatório. Gosta de estar em contacto com a natureza, com os seus amigos, que mantém desde a infância, e com os familiares. Está sempre com o sorriso no rosto e transmite um grande senso de paz. Há quem diga brincando, só podia tornar-se profundamente zen, depois de ter sobrevivido à adolescência turbulenta das 3 irmãs mais velhas.

*Franco, o Resistente.*

Franco tem 16 anos, mora em Forlí e está a frequentar o segundo ciclo dos estudos escolares. Franco é a alma da festa, gosta de socializar com todos, sem distinções. Tem um grande sentido de humor e odeia qualquer tipo de gesto ou comportamento que considere uma injustiça. É altamente racional quando escolhe como direcionar as suas energias, pondo-as só no que julga valer a pena. A nível escolar, faz o mínimo possível e consegue sobreviver às notas pela sua grande inteligência e por ser amado pela sua



simpatia, desde que os professores não comecem a ser “injustos”. Neste caso, entra em guerra. Encontra-se no que por clichê é definida a fase da adolescência, entrando muitas vezes em conflito com os pais, maioritariamente por razões escolares, tendo um grande respeito pelo irmão e as irmãs, que são os únicos que conseguem “trazê-lo à razão”, como dizem os seus pais.

## **O trabalho de campo Virtual**

### **Uma alegre e numerosa família italiana presa em casa**

Ontem à noite foi anunciado o início do estado de emergência e da quarentena nacional em Itália.

Alegadamente será mantida, alegadamente, até dia 3 de Abril, mas tudo ainda está muito difícil de prever. Tudo é novo, desconhecido, incerto.

O Afonso e a Agostina estavam na sala. Sentado no sofá ele, de pé com o telefone na mão, ela. Como de costume, é ela a referente dos contactos por telefone com a família.

O Franco, o Camillo e a Vittoria acorreram logo que ouviram os ânimos ficar mais agitados. A Agostina foi a primeira a reagir à notícia.

- *“Não acredito! Estamos a cair mesmo em baixo! Há pessoas que não se conseguem mexer, fechadas em casa, sem comida. E os que precisam de medicamentos? E de ir levantar o salário? Como vamos fazer? Achas que este governo consegue pensar em todos estes problemas das pessoas?”*

- *“Mãe, neste governo não tenho grande confiança, mas confio nas pessoas. Quero acreditar que de alguma forma irá encontrar-se a maneira de se ajudar.”*

- *“Sim, tens razão. Esperemos bem.”*

Está preocupada com quem está sozinho, com quem não é autossuficiente, com quem, como todos nós, precisa de realizar uma série de práticas diárias para sobreviver.

Retirar o salário, comprar os alimentos, ter acesso a cuidados de saúde, estar com companhia. Direitos essenciais do ser humano que deveriam ser, supostamente, garantidos e tutelados pela estrutura estatal dentro da qual um cidadão se insere.

Não obstante a situação epidemiológica e o medo que esta despertou, não se materializou uma confiança cega nos chefes do governo italiano.

A assunção de plenos poderes está a ser feita por quem não parece estar legitimado, competente ou capacitado para o fazer, para conseguir cuidar com amor de mãe os seus próprios cidadãos e cidadã.

O Afonso, à semelhança da Agostina, parece desconfiado em relação ao poder político. Zangado, também. Vira-se na direção da Agostina e do smartphone, que naquele momento representa a minha presença na casa. Mexe as mãos e começa a queixar-se, indignado com a reação do governo e das instituições face à emergência.

Conta que, nos dias antecedentes, os médicos de família da região tiveram que confrontar-se várias vezes com um governo que não conseguia ser claro nas indicações a seguir, que não aceitava as propostas feitas pelos profissionais de saúde acerca da gestão da situação, que não fornecia os dispositivos de proteção individuais necessários para as circunstâncias.

Aparentemente, os profissionais dos cuidados de saúde primários foram deixados sozinhos na tentativa de tutelar a saúde das pessoas por eles acompanhadas. Sentem-se sozinhos e até impotentes face à situação. Todos teriam querido fazer algo, tinham ideias, propostas, vontade de reagir e intervir, mas nada, nenhuma resposta ou, pelo menos, nenhuma resposta clara, nem uma máscara cirúrgica.

Os plenos poderes foram assumidos por quem não está a ser visto como competente para gerir a emergência sanitária e para garantir a tutela da vida das cidadãs e cidadãos.

Além disso, forte parece a esperança nas capacidades de autogestão e de reação das pessoas “comuns” que se encontram desligadas das estruturas partidárias.

A voz da Agostina torna-se firme, calma, mais racional ao dizer - “Sim, tens razão. Esperemos bem.”

O Afonso também me traz testemunhos de autogestão e autorganização dentro da classe médica, na tentativa de encontrar uma linha de ação comum, meios de proteção individual, de partilhar o pouco que para já é conhecido sobre este novo vírus.

- *“Não podemos controlar tudo, e não sabemos praticamente nada. Tentamos estar juntos.”.*

Inúmeros são os testemunhos que chegam dos membros da minha família, amigos, conhecidos, oriundos dos *social media* e das principais redações jornalísticas, sobre a ativação de redes de cooperação para fazer frente às necessidades que se levantaram perante o que em poucos dias será decretado como estado de pandemia.

Há quem tenha ativado redes de apoio às pessoas idosas e não autossuficientes para garantir o fornecimento de bens essenciais à sobrevivência, como medicamentos e alimentos. Quem se tenha disponibilizado para dar um suporte criativo ao medo e à preocupação presentes no território nacional desde o início do mês de Março.

Quem alcatifou Milão e várias cidades de região Lombardia, a mais afetada pelo Covid19, de post-it com o escrito *“Tutto andrà bene”*, com um coração feito à mão no fim. O autor, a autora ou talvez os autores são desconhecidos, mas já foram batizados como *“Consolatore”*, quem consola.

Em pouco tempo a frase tornar-se-á viral e será traduzida em diferentes línguas e posta em varandas, janelas, lugares visíveis desde os espaços públicos, para encorajar vizinhos e transeuntes.

Concertos das janelas, troca de poemas, plataformas online de associações, empresas, fundações, instituições ligadas ao mundo da cultura, disponibilizaram conteúdos multimédia de forma gratuita para todas as pessoas.

A deslegitimação e desconfiança em relação as estruturas de poder aparece também a nível da comunicação social. Lele Liguori, jornalista de uma das principais rádios italianas, Radio Popolare, entrevistou no começo do mês de Março o filósofo psicanalista franco-argentino Benasayag, para refletir em conjunto sobre o anúncio das primeiras medidas de restrição a liberdade de movimento em nome da saúde coletiva. *“Entre respeito das regras e responsabilidade crítica”*, este o nome do episódio.

O jornalista introduz a entrevista com uma rápida contextualização da situação italiana. Narra de como o *“State a casa”* está a ser repetido pelos profissionais de saúde comose fosse um mantra, para tentar limitar os contágios e evitar o colapso do sistema nacional de saúde.

- *“Os anestesistas da região da Lombardia anunciaram que se chegou ao ponto de ter que escolher quem cuidar e quem deixar fora dos cuidados, perante a escassez de recursos dum sistema não preparado para enfrentar a emergência, face também aos inúmeros cortes na saúde pública e à viragem para a saúde privada que a região Lombardia aceitou nos últimos anos.”*

Dirige-se ao professor B. com a seguinte pergunta:

- *“Para combater este vírus estão a ser tomadas medidas que limitam um dos bens primários das pessoas, a liberdade de movimento, a mobilidade. O que está a acontecer professor B.?”*

As respostas do professor B. são perentórias. Afirma que este vírus é o resultado do ecocídio causado pelos poderosos do mundo que, responsáveis, agora trapaceiam no escuro, perante a falência das próprias ferramentas para enfrentar tal ameaça que, afirma, não será a última.

- *“Temos que estar preparados, prontos, para perceber como agir perante a possibilidade de futuras novas crises e na presente crise.”*

Define a nossa sociedade como afetada por uma doença social, causada pelo neoliberalismo, que tudo fez e faz tendo por objetivo o dissolver dos laços de solidariedade e de relação entre as pessoas, em nome da segurança pessoal, económica e do dito bem-estar individual. Exorta para não obedecer por obedecer, para deixar de lado o conceito de obediência e acolher o de estar de acordo, ou não, de forma crítica. Apela ao não afrouxamento dos laços sociais, para continuar a estar em ligação, em contacto, também de forma virtual, porque a relação, na sua perspetiva, é uma das armas mais poderosas que temos para combater a pandemia.

### **A fome também mata**

- *“Temos farinha para um regimento e comida para três meses”*

Comenta o Afonso enviando no grupo WhatsApp da família uma fotografia da Agostina na cozinha, com as mãos postas dentro numa massa gigante de farinha e água, no

começo daquela mistura paciente que se transformou em imagem chave da italianidade no mundo, a Pizza.

Brincam entre eles, fazem piadas em continuação. Respira-se um ar alegre em casa quando nos reunimos em videochamada.

O Afonso está a trabalhar maioritariamente desde casa e encontra-se a vaguear pela cozinha, sala, corredores da casa também durante o dia. Coisa rara, talvez que nunca tenha visto ~~de~~ que o conheço, sendo que usualmente a sua atividade se desenvolve essencialmente fora do lar doméstico.

Ele e a Agostina estão muito próximos fisicamente, riem, abraçam se, correm um atrás do outro brincando. Parecem serenos.

A Agostina conta que está a cozinhar muito. Faz ginástica, limpa a casa, tem-se ocupado e consegue fazer o que tendencialmente não tem tempo para realizar, entre o cuidado da casa e dos seus hóspedes.

- *“É lindo”*.

Algumas horas mais tarde, chega ao grupo de WhatsApp uma nova fotografia. A massa para a pizza transborda do tacho. As proporções da nova receita não eram propriamente certas e a quantidade de pizza que poderá sair da massa é claramente superior ao imaginado.

É a Vittoria que envia a fotografia e junto com esta a citação do que a Agostina disse reagindo à vista do resultado.



- “Com sorte ainda temos água. Ahahah!”.

O Franco sente-se - “um rei”. A escola fechou e ainda não se sabe como irão prosseguir as aulas. Dorme, fala com amigos e com a namorada através do telefone. Vagueia pela casa e sai só para comprar cigarros. Está convencido que tudo acabará cedo e que poderá aproveitar o verão na praia. Aparentemente as mudanças à sua volta não o perturbaram, aliás, foram-lhe aliadas.

A Vittoria começou a trabalhar no AVIS, centro de transfusão da cidade. Neste momento mora em casa, deixou Chieti. Está a estudar para o teste de ingresso na especialidade médica, mas quem sabe se e como acontecerá. Não se encontra com Luca, o seu namorado, desde que voltaram a correr das férias na montanha, para poderem reentrar nas respetivas casas e passar aí o *lock down*, em família.

Em princípio eram para se casar no início de Maio mas, agora, quem sabe. Estavam previstos 300 convidados. No período de Natal a minha casa parecia quase uma empresa de produção de favores do casamento. O menu da cerimónia, a lua de mel, o vestido, estavam na ordem do dia.

A etapa do casamento, estava pronta para ser atingida pela Vittoria há poucos meses.

Agora nem a aliança pode ser experimentada e o ritual está posto em dúvida.

- *“Vamos ver. Para já, não escolhemos nada.”*

A Matilde diz que está bem, está em casa. Ela e o Davide, o marido, estão em teletrabalho. Ambos *Creative Manager* de empresas de design gráfico e *social media*, não perderam oportunidades para trabalhar. Aliás, agora que todos estão fechados em casa, presos aos próprios portais de acesso ao mundo virtual, é até preciso trabalhar mais. Um dos clientes de Matilde é a *Barilla*, *Brand* de massa italiana famosa a nível internacional. Neste momento, a necessidade de animar os italianos com receitas e informações de culinária é grande.

- *“Com a felicidade dos vendedores.”*

Comentava o Afonso uns dias antes ao ver as fotografias das prateleiras vazias num grande supermercado as periferias de Milão. Para a felicidade dos vendedores, também a Matilde trabalha. Há quem não pare em pandemia, e talvez até tenha aumentado os seus proveitos.

Mesmo assim, eles estão contentes, podem estar tranquilos em casa, sem ter que correr, podendo dormir mais e aproveitar, eles também, das novas receitas que patrocinam na Web.

- *“A beleza de ter os próprios ritmos. De ir devagar.”*

De alguma forma a Matilde está satisfeita com a situação, pelo menos para já. Pôde voltar a respirar.

O Afonso parece sereno, mas quando falamos a dois faz emergir toda a complexidade da situação e deixa de lado a tentativa de manter o bom humor em casa. Reflete sobre a importância da saúde pública, do direito à saúde para todos. Fala da importância que tem sempre uma vida em saúde, bem como o acesso aos cuidados de saúde, ainda mais durante uma pandemia.

- *“Este vírus não é igual para todos, e não só falando da situação etária. Vemo-lo todos os dias, e cada dia o veremos mais.”*

Abre assim um discurso e uma reflexão mais profunda sobre a situação atual, de acordo com a sua perspetiva enquanto técnico de saúde. O Afonso está a começar assim a

tomar uma posição acerca da Covid19, que marcará de forma sempre mais forte ao longo das semanas.

*“Covid-19 is not a pandemic. It is a Syndemic”* afirmará em Setembro de 2020 um dos chefes do *“The Lancet”*, uma das revistas mais importantes e de prestígio no campo da saúde (Horton 2020).

O conceito já se está a delinear nas conversas de quem entra em contacto diariamente com quem sofre. Os seus colegas, amigos médicos, são da mesma opinião.

Está preocupado, mas tenta viver no presente, um passo de cada vez, tentando fazer o seu melhor.

- *“Vamos ver.”*

O Camillo está a escrever a tese.

- *“Mesmo assim, eu já estava de quarentena forçada.”*

Não sai, não quer sair, tem medo pelos pais e não quer pô-los em risco. De igual forma, não podia fazer de outro modo neste momento de escrita. Está resignado com a impossibilidade da realização do tradicional ritual de defesa da tese e proclamação de doutor. É tradição em Itália, no dia de proclamação, reunir-se com amigos, colegas de estudo, família, para festejar o novo doutor. O graduado vem mascarado e passa por brincadeiras preparadas pelos amigos. Bebe-se, come-se, festeja-se com alegria, todos juntos.

Claramente, nada disso poderá ter lugar, ninguém se pode ver, tocar, abraçar. Sorri com amargura observando a ironia da vida. Está a escrever uma tese sobre a realidade aumentada. O que poderia ser mais actual?

Mas o desejo da presença dos amigos está presente. Uns dias depois, anuncia-nos que estamos todos convidados a participar na defesa virtual da tese. Irá enviar, para todos os conhecidos, o link da defesa que a universidade de Bologna está a fornecer aos seus estudantes, para estar por perto, virtualmente.

As amigas, os amigos, o irmão e as irmãs também aderiram sem reservas à nova situação. Todos estão a organizar-se para produzir vídeos divertidos, que brinquem com o conceito de realidade aumentada e máscaras, para produzir algo que permita jogarem



juntos, embora de longe. Inúmeras pessoas respondem ao desafio e em breve são realizados inúmeros vídeos e os jogos estão prontos.

No 16 de Março terá lugar a primeira etapa do percurso, a defesa, e poucos dias depois a proclamação.

O dia 13 de Março é o meu aniversário. Faço uma videochamada para casa na pausa do almoço. A mesa está cheia. Todos sorriem. Estão sentados à mesa com as cadeiras postas mais perto do que o usual.

- *“Estamos a festejar para ti.”*

Comenta o Camillo, mostrando-me uma fatia de *“Piadina com squacquerone”*, queijo e pão típicos da minha região.

*“Parece sempre domingo.”* - Diz a Vittoria.

A comida mantém um papel privilegiado, também em estado de emergência, no que é a criação do prazer no seio familiar e dos laços relacionais entre os membros e, embora desta vez a festejada não possa estar fisicamente presente para aproveitar dos pratos caseiros e preparados durante horas de cozinha em conjunto, a manutenção do ritual culinário tem, de alguma forma, assegurado a possibilidade de festa.

Franco teve hoje a sua primeira aula online. Diz que nem se lembra do que falaram, estava a dormir. Continua com uma postura desligada perante aos assuntos escolares, mas, estranhamente, parece à vontade na mesa. Não tem o telefone na mão e interage com todos. O seu olhar é dirigido para as pessoas. Usualmente, o momento da refeição era vivido pelo Franco como se fosse um dever desconfortável a qual tinha que aderir, para respeitar as tradições da família. Cada vez tentava torná-lo o mais breve possível, sem estar propriamente presente, mas mantendo a sua atenção para o telemóvel e a comunicação com os amigos. A luta entre ele e os restantes membros da família sobre o uso do telemóvel à mesa é um clássico de cada refeição. O Franco continua convencido de que tudo acabará em breve e que poderá abraçar os seus amigos daí a pouco.

Hoje teve lugar em casa uma reunião para repartir as tarefas domésticas e de entreajuda na gestão da vida diária. Agora que estão todos juntos, que os ritmos e as necessidades

mudaram, surgiu a vontade de não deixar a maior carga de trabalho a quem mais tempo passava em casa, a Agostina. Franco é o único que opõe resistência.

- *“Nunca disse que concordava com isso. Eu não vou fazer nada.”*

A Vittoria está furiosa e tenta fazer sentir o peso dos seus anos a mais na decisão tomada. Tem também uma outra abordagem em relação ao distanciamento físico dos seus queridos, sobretudo pensando no Luca. Levanta os ombros, as comissuras labiais baixam-se.

- *“É assim para já, o que podemos fazer?”*

A questão do casamento ainda não foi resolvida. Para já, os distanciamentos e as incertezas são pesados, assim como a urgência em ir ao encontro das necessidades das pessoas assistidas pela APGXIII que sofrem com as medidas tomadas para conter a pandemia.

O Afonso e a Agostina brincam sobre o esgotamento dos lugares nas UCI e sobre os novos critérios de prioridade com os quais escolher quem cuidar e quem não, baseados em probabilidades de sobrevivência.

- *“Não há espaço para todos, mas a mãe conseguiu ganhar! Ela ainda tem 59 anos e eu já tenho 60. Acho que se pôs de acordo com quem escreveu os critérios.”*

Diz meio a brincar o Afonso. A Agostina começa a rir-se e rebate: - *“Mas, não! Tu és médico, claro que irão tratar te.”*

*Alegro, ma non troppo.*

A tensão sobe cada vez que são enfrentadas temáticas ligadas à morte e ao sofrimento, mas, mais uma vez, os meus familiares tentam viver isso com alegria e na brincadeira. Afinal a ironia é mesmo um bom mecanismo de defesa.

Estão preocupados comigo, que moro longe, num país que ainda não foi tão atingido pela pandemia, mas que, ao mesmo tempo, está ainda muito “aberto” em comparação com a Itália. Logo que lhes digo que não estarei sozinha ao jantar, mas que irei comer com um pequeno grupo de amigos íntimos, ficam aliviados. A preocupação com a situação pandémica é menor em comparação com o meu possível isolamento ou

solidão. Afinal, as relações é que importam. - *“Boa! Toma atenção, mas festeja, esteja com as pessoas que amas, sê feliz.”*

### **O vento alegre põe o smoking**

O dia 16 de Março é o grande dia. Vai ter lugar a primeira das duas etapas que levarão o Camillo à conclusão da sua carreira universitária em Informática. O dia 19 de Março irá ser a vez da proclamação.

A noite antecedente à defesa faço uma videochamada para casa. Respondem-me os cônjuges. Estão deitados e abraçados na cama. Contam-me que não quiseram dizer-me nada para não me deixarem preocupada, mas que hoje acabará oficialmente o hipotético período de incubação deles. Preferiram manter segredo e íntimo entre eles, cônjuges, a preocupação, para não perturbar ainda mais o humor dos familiares. Com sorte, o que é revelado é uma notícia positiva. Uma senhora com a qual frequentam o curso de bailes populares testou positiva ao Covid19 e cada pessoa que com ela tinha partilhado os passos de dança teve que passar por 2 semanas de espera, esperando não ver o aparecimento dos sintomas da infeção.

Estão contentes, abraçam-se, sorriem, parecem aliviados. Cumprimentam-me e passam-me Camillo comentando que o veem muito nervoso.

O Camillo está no seu quarto, de pijama, sentado à mesa. Bate e rebate o pé no chão e continua a mexer-se em frente do computador.

Diz que irá vestir-se só na parte superior do corpo. Abaixo, cuecas e pantufas do “Milan F.C.”. Não quer que ninguém assista presencialmente à defesa em casa. Ele na sala, os outros no quarto, o mais longe possível. Está com vergonha e tem algum receio perante o grande dia.

- *“Afinal conseguem seguir-me no link. Está bem assim.”*

Desejo-lhe boa sorte e deixo-o na companhia dos últimos estudos.

No dia 16 de Março estamos todos conectados, um pouco antes da defesa. Cada irmã ligou para um membro da família diferente, para estarmos todos juntos ao mesmo tempo. Ainda não eramos tão experientes de chamadas de grupo, de aplicativos que

pudessem facilitar a conexão virtual simultânea. A sala está pronta. Há um computador posicionado na mesa e as cortinas estão fechadas para não cegar o pobre Camillo que terá que falar com o computador.

Camillo está muito elegante. De smoking. Afinal tem calças, mas as pantufas gigantes do Milan ficaram, como que a protegê-lo de qualquer mal. Entre a sala e a cozinha estão posicionadas 4 cadeiras. O Afonso, a Agostina, a Vittoria e o Franco irão seguir a defesa sentados perto dele, para o apoiar e para começar a gritar logo que a conexão com a comissão for interrompida.



Os “Crescioni”, prato típico da região, estão prontos para ser cozidos. Os copos em cristal e o espumante estão na mesa. A Vittoria preparou até uns “Baci Perugina”, típicos bombom de chocolate, caseiros.

Começa a defesa.

Camillo mostra o bilhete de identidade para se identificar e começa a falar. As suas pernas não param de andar. Corre debaixo da mesa. Ninguém o está a ver.

- *“Para definir a realidade aumentada, podemos começar definindo as duas palavras que compõem o termo. O termo realidade indica um conjunto de elementos concretos e abstratos. A realidade compreende tudo, é uma só, mas o que cada pessoa possui é uma*

*visão singular dela. Por exemplo, os adeptos que olham para um jogo de futebol estão a assistir ao mesmo evento, mas não partilham a mesma visão da realidade.”*

10 minutos de conversa e adeus. Começam os gritos de júbilo e os abraços. Abre-se o espumante.

- *“Correu bem?” - “Uma maravilha Camillo, Bravo!”*

Estão todos contentes e próximos.

Durante a tarde volto a falar com o Camillo. Está cansado, mas contente.

- *“Foi estranho, mas pelo menos estivemos juntos. Foi lindo.”*

Ainda não acabou, mas a parte mais difícil já foi.

Conta-me que está preocupado com a sua saúde. Provavelmente tem uma hérnia e terá que ir ao hospital para realizar um TAC à coluna. Já teve com o Afonso a fazer um RX e agora passou a necessitar dum exame mais aprofundado. A vida das pessoas não parou durante a pandemia, assim como as condições de saúde e doença extra Covid-19. Diz que ir para o hospital fazer o RX foi absurdo. Não havia ninguém à espera. Foram muito rápidos. O Camillo está também um pouco ansioso com a situação, com receio pelos pais, pela saúde e a vida deles. Tem saudades de sair com os seus amigos, mas afirma que, mesmo que o permitissem, não o faria. Isso poderia significar ter que limitar os contactos com os pais e não os quer deixar sozinhos num momento em que a família, a união, precisa de existir para transmitir mais força e coragem perante o perigo da morte e do desconhecido.

- *“Temos que ficar unidos e ir para frente, um dia de cada vez, com esperança.”*

Conta me que nestes dias têm estado juntos, muito mais do que o usual. Brincam, veem filmes, tocam, leem livros. Acha isso muito lindo, embora diga que ainda não aproveitou mesmo da situação porque teve que estudar, mas que a partir de agora poderá estar mais presente e trazer a sua positividade e criatividade para os outros.

Uma das poucas razões que legitimam uma pessoa sair à rua é ter um cão que tem de levar a passear. O tio Stefano, que mora na casa ao lado, ofereceu à família a possibilidade de “Alugar gratuitamente” quando quiserem o seu cão, para poder ir dar umas voltas. O Camillo diz que talvez agora vá começar a aceitar a oferta.

- *“A cidade é surreal. Há também o nevoeiro. Não há pessoas na rua. Não se houve um som.”*

O Afonso parece triste ao contar-me isto, mas sublinha como está a aproveitar o tempo livre para si e para estar junto com os outros. Pega num livro do Dostoiévski que está a ler e lê-me uma parte que acha incrível. Fala sobre a beleza da criatividade. Fico surpreendida e maravilhada. Não me lembro da última vez que vi o Afonso com um livro na mão que não fosse de trabalho. Olha para o livro com um olhar contemplativo. Volta a olhar para mim e sorri.

A Matilde também entrou na videochamada. Conta que está a dar espaço à criatividade em casa. Ela e o Davide leem, pintam, veem filmes, falam, muito.

- *“É lindo ter tempo. Estou tão contente com trabalhar de casa.”* Continua a dizer. O Davide também sorri, está sentado na bicicleta.

- *“Está a dar um passeio na floresta. Esta máquina mostra imagens como se estivesses mesmo a pedalar no meio da natureza. É muito giro!”*

De longe chega o som da Vittoria, do Camillo e do Franco a tocar. - *“Estão mesmo bons, treinam com persistência.”*

Levam o telemóvel, comigo e com a Matilde conectadas, para a cozinha. Os filhos e a filha estão sentados à mesa a tocar e cantar, juntos, perto, uma raridade em comparação com o hábito noturno dos dias não pandémicos, quando cada um segue as suas próprias vidas, uns para a cama, outros para os amigos ou namorados, outros para os seus próprios quartos.

No dia 19 de Março, em menos de 2 segundos, o Camillo recebe a sua votação e é proclamado doutor. Nenhum aperto de mão com os membros da comissão. Parabéns e clique, desaparecem os professores da universidade e a festa começa simplesmente mudando de quarto.



Os vídeos dos amigos, o espumante, a comida, as brincadeiras, a presença virtual de quem continua a estar por perto, no dia em que a Itália supera a China em número de mortes, adquirindo assim um triste recorde a nível mundial.

### **Só mais um mês, juro!**

Os dias fechados em casa passam, mas o número de mortes e de pessoas infetadas não parece diminuir. Os hospitais estão sempre mais cheios. A quarentena tinha que terminar no dia 3 de Abril, mas tudo faz pensar que será prorrogada. As medidas de restrição à circulação estão a tornar-se cada vez mais estritas.

Tudo é incerto, menos a incerteza sobre a possibilidade de rápido retorno à “normalidade”.

As reações, ações, palavras e emoções em casa começam a tornar-se, mais ambivalentes e contraditórias.

Há muita preocupação com o sofrimento das pessoas doentes e sozinhas, pela solidão e injustiças que parecem sempre mais presentes. Raiva das medidas tomadas pelo governo, que parecem absurdas, como a escolha da cidade de Milão em retirar dos pontos de venda qualquer planta, semente, terra, objeto ligado à jardinagem porque poderia, dizem, estimular as pessoas a sair de casa. As medidas e as auto-certificações necessárias para sair de casa mudam quase de dia para dia, de vez em quando são até anunciadas à noite e só nas redes sociais.

*“É ridículo.” - Comenta o Afonso.*

Continua também a raiva do que ele sente como uma gestão incompetente por partede quem está no poder, falando da saúde a nível territorial. Desorganizados, pouco presentes, com escassas respostas, sem dispositivos de proteção individual, dando poucas informações e também pouca possibilidade de ação autónoma. Sente muito forte a sobrecarga de ter nos ombros quem sofre e continua a sofrer também em consequência das medidas tomadas para a gestão da situação pandémica.

Estão com algum receio pela minha avó que, com os seus 96 anos, representa uma pessoa “de risco”, mas a família alargada, acham, está a conseguir gerir bem a situação. Nunca a deixam sozinha e nada lhe faz falta. Um tio foi escolhido como o responsável principal para lhe fazer companhia e assegurar que tem à disposição tudo o que for preciso. Um outro também lhe está muito próximo.

*- “Os outros 4 filhos não a vamos visitar. Somente de vez em quando e com todas as precauções que forem necessárias. Para já, está bem e está serena.”*

A situação que se respira quando se olha pela janela ou se sai de casa não é reconfortante, dizem. A cidade vazia, sem sons, sem o usual passar de pessoas a falar alto, a rir-se, de carros, bicicletas. A ansiedade acompanha cada passo posto fora do próprio lar, por não saberem se estão ou não a cumprir a todo o segundo as, seestão a respeitar o lugar público onde, repentinamente, as regras sofreram várias mudanças.

*- “Somos como animais numa gaiola e tratam-nos como se fossemos crianças.”*



Sentem-se de alguma forma presos, impossibilitados de movimentos, incapazes de saber quais os movimentos certos e de acreditar na sabedoria do corpo que conhece como caminhar, onde ir, como relacionar-se perante o mundo.

Além disso, continua a estar presente a criatividade, a alegria e a vontade de estarem juntos. Aliás, continua a crescer em quantidade e qualidade.

*“Temos a sorte de ser uma pequena comunidade.”* - diz a Agostina. Não ficamos aborrecidos e todos nos ajudamos. Brincam, veem filmes, tocam, cozinham, começaram a produzir licores em casa e a beber para estarem alegres. Puseram a rede de pingue-pongue na mesa da sala e cada dia tem lugar um torneio de *“Marafone”*, jogo de cartas típico da região, e o de pingue-pongue.

A Matilde e o Davide também vivem com criatividade o tempo passado em casa e reconhecem a beleza de descobrir o que significa ter tempo para estarem juntos. Embora morando na mesma casa, nos últimos dois anos os ritmos de trabalho raramente lhes permitiram fazer muito mais do que dormir quando voltam a reencontrar-se ao final do dia, cansados da metrópole e das mais de 12h passadas em frente a um computador.

Com sorte, para já, família e amigos próximos estão todos bem.

Continua a preocupação com quem, também antes da pandemia, não tinha o mesmo nível de saúde que eles, com quem não está a ter a possibilidade de, pelo menos, poder aproveitar esse momento de pausa dos ritmos frenéticos de sempre.

### ***“Quien canta, sus males espanta”***

O Camillo começou a fazer uma competição em estilo *“Decameron”* com os seus amigos. Inspirados pela criatividade florentina no tempo da peste do sec. XIV, começaram a trocar cada dia umas histórias inventadas. Diz-me que irá enviar-me as que mais gostou, mas quer que lhe envie de volta uma pintura feita por mim.

*“Bonito. Gostava de o ver ao vivo, fisicamente.”* - Comenta ao ver a fotografia que lhe envio no WhatsApp. Fico surpreendida com este desejo de ver, ao vivo, materialmente o objeto da fotografia.

Conta que, em princípio, teria que procurar um trabalho. Está a fazê-lo, mas sem pressa. É bonito ter tempo livre e para já quer tentar desfrutar o que lhe parece que possam ser as últimas semanas de vida, antes do ingresso no mundo laboral, com os seus ritmos e dinâmicas.

Todos começaram a fazer mais desporto em casa. O Franco ficou apaixonado pela Capoeira e aos poucos deixou de passar a maior parte do tempo deitado na cama e com o telemóvel na mão. Participa na vida familiar e redescobriu as próprias paixões e quanto gosta de passar o tempo no mundo “físico”, em contacto com o seu físico e a aprender novos movimentos e sensações.

Camillo e Franco estão sempre mais próximos, fisicamente e emocionalmente. Parecem mais cúmplices.

Durante o mês de Março, partilhei no grupo WhatsApp da família uma fotografia feita no serviço do hospital. Entre os vários papéis que eu e as minhas colegas temos nas mãos, há um que diz “*Fica em casa*”.

No meio do “Lost in translation”, o Camillo, logo que o viu, parte-se a rir. “Fica” em italiano tem um significado completamente diferente, referindo-se a um órgão genital feminino. - “*Ótima estratégia para convencer as pessoas a fecharem-se em casa*”.

Ri-se e o Franco também.

Peço então ao Camillo para inventar uma canção divertida sobre o jogo de palavras, para que eu possa fazê-la ouvir às minhas colegas e trazer um pouco de alegria no hospital, ao saber ao que estávamos inadvertidamente a apelar.

Poucos dias depois, recebo um vídeo no telefone. O Camillo e o Franco cantam e tocam juntos, contando a situação em casa e brincando com o termo. A Vittoria fez o vídeo com o telemóvel. A casa tornou-se a sede de produção do videoclip e o Camillo e o Franco deram espaço à própria criatividade musical.

- “*Olho pela janela e penso que me esqueci do cheiro dos pratos, das flores e dos livros de escola. Depois de semanas de vírus, corona, e de pijama, nem me lembro como se atam os sapatos. Sair com os amigos, perder o autocarro, fazer desporto ao ar livre, comer um kebab. Mas do que mais tenho falta é a Fica. A guitarra, a primeira noite de liberdade. De liberdade!*”

O Vídeo termina com uma brincadeira sem música. O Camillo e o Franco estão de pé, um em frente do outro. Camillo espirra na cara do Franco, que fica logo reativo batendo as mãos no colchão da cama.

Viram-se em direção da cama e sorriem.

Agora um espirro é sinal de risco e já não é acompanhado do usual augúrio de *“Salute!”*.

Os cônjuges frequentemente dizem estar mais preocupados comigo de que com os outros filhos. Não sabem como estou, não me podem ver, não se apercebem de qual a realidade à minha volta, o quanto possa ser preocupante. Após a declaração do estado de emergência também em Portugal, o hospital no qual trabalho reorganizou-se e terei que começar também a trabalhar nas urgências de medicina interna e do Covid. Estão muito agitados com isso. Mais ainda, pela mesma razão, nenhum profissional de saúde poderá rescindir o contrato com o SNS até ao final do estado de emergência. Em princípio tinha escolhido de deixar o trabalho no início do ano, tendo programado a minha saída do hospital para Março. Ambos me exortam a tentar rescindi-lo o mais cedo possível.

- *“Já antes estavam a ser escravizados, agora até têm que trabalhar mais horas. Se precisarem de mais médicos, deveriam contratá-los. Não podem levar até ao Burn Out todos os profissionais. Deixa esse trabalho logo que puderes.”*

Estão contentes pela minha escolha em deixar Lisboa para ir viver no Alentejo. A única coisa que os preocupa com isso é não saberem se estarei isolada ou em companhia no novo sítio para onde estou a planear transferir-me e ir viver.

Ao tranquilizá-los, dizendo-lhes que não, não estarei sozinha, a Agostina começa a dizer, como em loop:

- *“Brava, a comunidade, a comunidade. Temos que ser comunidade. Somos comunidade. A comunidade é importante.”*

A Vittoria e o Luca tomaram a sua decisão, irão casar-se. Mantêm a data. Ainda não se sabe muito bem de que forma é que o casamento poderá ter lugar, mas irão fazê-lo na mesma. Tudo está incerto, desde o número dos convidados à possibilidade de experimentar vestido e aliança, mas é isso que querem e é esta a decisão que tomaram.

Esta etapa de vida não pode esperar ou deixar de acontecer por medo, aliás, no meio das incertezas todas, confirmaram a importância do que tinham decidido realizar juntos.

Conta-me que também as obras na sua futura casa ficaram paradas por causa do Covid19.

- *“Se continuar assim, teremos que ir viver na casa do padre os primeiros tempos, mas tudo bem, aos poucos vamos conseguindo tudo.”*

Diz que foi difícil tomar esta decisão, sobretudo pensando nas pessoas que lhes são próximas. A maioria dos amigos e dos familiares, perante o anúncio da tomada de posição, ficaram desiludidos e tentaram convencê-los a adiar, a esperar para tentarem estar juntos. Alguém, até, deixou de lhes falar.

- *“É triste, sabes, ver que não temos o apoio que imaginávamos. É triste deixar tristes pessoas a quem queremos bem, mas este tempo leva-nos a refletir ainda mais sobre as nossas prioridades. Os nossos planos continuam e nós casaremos na mesma.”*

Conta-me que também está com dúvidas em relação à especialidade médica. Está a ser um pouco influenciada pela minha experiência no hospital em Portugal, pela falta de recursos dentro do SNS que por vezes obriga a uma prática médica que não vai na direção da tutela da saúde das pessoas, mas sim do hospital, que sempre funciona mais como uma empresa que dá prioridade ao aspeto económico, dentro da qual as pessoas se transformam em números.

- *“Não é por isso que escolhemos ser médicas.”*

Concordo com ela. Refletimos em conjunto sobre o que significa ser médica hoje em dia, quais os compromissos que estamos disponíveis para tomar, quais não. A Vittoria põe muito foco sobre o conceito de “servir”. Diz que quer pôr-se ao serviço do que para ela é manutenção de uma prática de amor no mundo e quer tentar perceber o que isso significa nos dias em que vivemos.

Talvez nem vá concorrer para a especialidade e irá manter o trabalho que tem e dedicar-se a projetos de cariz social, como o que tem com a APGXXIII, nos quais está envolvida com o Luca. Quem sabe, um passo de cada vez. Para já as energias estão direcionadas para o casamento. Tem imensas coisas para fazer. Contactar os convidados para dar a

notícia, cancelar o compromisso com cozinheiros, fotógrafos, cabeleireiros. A APGXIII propôs-lhes transmitir o casamento deles em direto no youtube, em vídeo conferência.

A Vittoria ri-se.

- *“Pelo menos não teremos que pensar nisso e quem queira estar perto de nós poderá assistir ao casamento virtualmente. Nunca tinha imaginado casar-me por vídeo conferência.”*

### **“Un bicchere di vino con un panino, la felicità!”**

O último dia de Março é o aniversário da Agostina. 60 Anos!

Para os 60 anos do Afonso, em Janeiro, fizemos uma grande festa. Éramos umas 30 pessoas reunidas a almoçar num restaurante no campo. Para a Agostina, a situação será diferente, mas não queremos que lhe falte nada.

A Vittoria conseguiu encontrar uma espécie de costureira para oferecer-lhe as calças para as danças populares, feitas à mão, bordadas com as iniciais do seu nome. Cada membro da família presente em casa está a pensar numa parte do menu para o dia do aniversário. Alguns tratam do aperitivo, outros dos cocktails, uns pensam nos pratos principais, outros nas sobremesas.

A família alargada também quer estar próxima. Cada tio e tia preparou uma sobremesa ou um presentinho que fazem chegar à Agostina.

A casa está cheia de decorações. Estrelas, posters, balões.



Durante a noite chegam ao grupo WhatsApp da família sucessivas fotografias de pratos a serem preparados e da Agostina com bolos e prendas. Telefonei-lhes rapidamente numa pausa do trabalho nas urgências. Estão juntos, felizes, riem, brincam. A Agostina diz que está muito contente e conta-me dos doces que a família alargada lhe fez chegar, para os representar, num momento em que fisicamente não se podiam aproximar.

Estão todos bem. A avó está bem. A tia-avó também, embora não tenha prioridade no supermercado, apesar de ter 90 e tal anos. A tia Geca vai ajudar a Cláudia todos os dias, a minha prima, com os seus filhos, e isso deixa-a mais ocupada e alegre.

Conta-me que o Camillo também está melhor das costas. Começou a magnetoterapia em casa, com sorte.

Manda-me um beijo, recomenda que me proteja bem e combinamos falar melhor no dia seguinte.

Nessa altura falo com ela e com o resto da família com mais calma. Querem saber como correu o primeiro dia nas urgências, se tinha as proteções e como é o ambiente aqui, o que é que os outros médicos acham, quais as medidas com todos os pormenores. Ficam tranquilos por saber que estou protegida e surpreendidos com as diferentes medidas tomadas pelo governo português para conter a infeção. Começam a pôr em discussão o que acontece em Itália ao sentir os relatos da vida diária portuguesa, ao saber que as lojinhas de alimentos estão abertas, os cafés também, e que, com as devidas precauções, continuam a funcionar. Concordam com o facto de que seria possível ter estas atividades a funcionar e continuam a ficar indignados com a escassa confiança que o governo italiano está a depositar nos seus cidadãos.

*- “Parece mesmo que nos tratam como se não déssemos importância à nossa vida e à vida dos outros. Estas pessoas também têm o direito de trabalhar. Se nos pomos, juntos, a tentar perceber quais as melhores condições para o tornar possível, porque não o fazer?”*

Aos poucos a vida segue em frente, um dia de cada vez, na insegurança do futuro. O Afonso pergunta-me várias vezes se não queria voltar a trabalhar em Itália uma vez que irei rescindir o contrato com o hospital. Se não queria voltar a aproximar-me de casa. Mas

quem sabe, nem sei quando poderei sair de Lisboa, para já, o meu corpo também não pode mexer-se muito mais do que o trajeto casa-hospital.

Continuam tentando estar próximos, tornar o mais prazeroso e divertido possível a estadia forçada em casa, mas:

- *“Não estamos tranquilos, claro, quem estaria?”*

A meio de Abril festeja-se a Páscoa e, embora não seja possível realizar os usuais almoços de festa todos reunidos, a minha família tenta manter viva a tradição na cozinha. Foram comprar comida ao grossista. O borrego já está no frigorífico e também a avó irá estar com companhia. Cada um na família está a dedicar-se a um prato diferente. Para além do borrego, o menu será uma surpresa, tirando claramente os *“Cappelletti”*, massa tradicional, que serão feitos pelo Afonso, como de costume numa manhã inteira passada a misturar ovos e farinha, estender a massa, enchê-la de queijo e carne típicos, fechá-la e dar-lhe a forma de “pequenos chapéus”. Os ovos de chocolate também já estão na sala. Há também dois ovos para mim e para a Matilde, embora não estejamos presentes, mantemos o nosso lugar por cima da chaminé, juntamente com os outros 5 ovos.

Continua a produção de licores caseiros, que tornaram-se um hábito no final de cada jantar. Fico a sorrir e com curiosidade ao saber disso, sendo que a minha família nem costuma ter o vinho à mesa.

*“Parece quase que estamos numa vindima.”* - Conta a Agostina.

Há garrafas cheias de álcool e cascas de limão, nozes, folhas, à espera do tempo certo para poderem ser consumidas. Há álcool a ferver na panela com açúcar e especiarias, para não ficarem sem reservas até às outras garrafas ficarem prontas.

Os doces também estão na ordem do dia e cada desculpa é boa para festejar. O aniversário da graduação do Afonso, da Agostina, o aniversário da bisavó morta 50 anos antes, o do casamento dos tios... Cada desculpa é boa para tentar levantar os ânimos e para estarem juntos em alegria. Estão muitas vezes juntos. Cada um tem os próprios ritmos e espaços durante o dia, mas as refeições são sempre lugar para fortalecer os laços relacionais e para estarem juntos. Ninguém falta, nem o Franco. O Franco está até cada vez com maior prazer na conversa com os pais, o irmão e a irmã. Acabou há pouco com a sua namorada e conheceu no Instagram uma rapariga do norte de Itália. Gosta



dela e

está certo que irá vê-la durante o verão na praia. A certeza da possibilidade de continuar a aproveitar o que mais gosta, a liberdade da escola, o calor, a praia, os amigos e as amigas, a vida fora, continua não sendo atacada pelo contexto.

De forma parecida, também a Vittoria não está a renunciar a cada elemento do ritual, com a certeza de que, para certas coisas, exista ainda possibilidade de encontrar uma alternativa à regra.

### **A Vittoria não desiste e o Amor ganha sempre**

A Vittoria está a ir experimentar o vestido para o casamento de forma clandestina.

- *“Afinal mais uma pessoa, com todas as que vejo no trabalho, que diferença faz? Uso sempre máscara, ela também, e está tudo bem.”*

Voltou a encontrar-se com o Luca depois de pouco mais de que um mês em que não se viram. Ao longo do relacionamento já passaram por períodos de distância física, também mais compridos, mas neste contexto um mês parece um ano, ou até mais. Foram ao município para realizar o *“Processetto”* para que possam acertar que não estão já casados ou que não existe nenhum impedimento ao casamento.

- *“Nem nos abraçamos. Só uma cotovelada.”*

O Luca está em contacto, diariamente, com pessoas mais vulneráveis a nível social e físico. Não querem correr riscos. Trouxe-lhe um barquinho de madeira que construiu neste mês, como uma moderna Penélope para o seu Ulisses. Na parte superior da escultura colocou 2 círculos onde poderão pôr as alianças no dia do casamento. Teoricamente nem poderiam experimentar os anéis, mas um amigo da família de Luca é joalheiro e estão a fazer as provas com anéis entregues nos correios dentro duma quantidade infinita de envelopes.

- *“Foi bom voltarmos a ver-nos.”*

Até aos últimos dias não saberão bem quais serão as regras para os casamentos. Para já, só poderiam estar presentes o celebrante e duas testemunhas. A Agostina e o Afonso acham isso um absurdo.

- *“Acham que não somos capazes de perceber os limites. Uma pessoa por banco, porque não?”*

Sentirem-se impossibilitados da presença física numa etapa de vida considerada assim tão importante parece ir mesmo para além dos limites.

O Afonso também não deixa de se queixar com o que acontece e vê no trabalho. Continua a falar das infinitas mudanças, da falta de lucidez e organização. Afirma que teria preferido ver a situação gerida por profissionais de saúde e não por políticos.

No entanto, está a chegar a primavera e o calor. A vontade de sair de casa é cada vez maior. A Agostina diz que adorava ir dar um passeio de bicicleta pelos campos. O Afonso quer ver o mar e dar um passeio na praia. Têm saudade da natureza. Gostavam de ir para o campo comprar legumes e fruta a um amigo camponês, mas têm medo de o pôr em dificuldade, porque neste momento a venda direta é proibida.

Com sorte voltaram a abrir o “Mercato delle erbe”, o mercado camponês diário no qual participam os que produzem nos campos em redor da cidade.

- *“Pelo menos eles também conseguem sobreviver. A ideia de poder comprar comida boa e sã é algo lindo. Parecemos estar todos com fome!”*

Contam-me que logo que souberam da abertura ficaram um pouco preocupados com as possibilidades de ajuntamentos no mercado, mas que, também neste caso, prevaleceu a confiança no bom senso das pessoas e no sentido comunitário. Efetivamente assim foi. Foi bonito voltarem a ver-se face a face, embora comentem:

- *“Estamos ainda amordaçados.”*

Franco continua com as suas aulas online, mas num ritmo muito leve em comparação com as aulas presenciais na escola. Está sempre mais apaixonado pela capoeira e convencido de que dentro de pouco tempo irá organizar uma grande festa com os amigos na praia.

- *“Já chegou o calor, falta pouco para sair!”*

Camillo toca, muito, faz desporto e procura aos poucos um trabalho. Começou até a enviar-me vídeo-mensagens suas a cantar, para saber como eu estou. A sua vida

transformou-se num musical e está a espalhar com virulência a musicalidade na família toda.

Cada um está a tornar-se especialista culinário em algo diferente, caseiro, que demore tempo a ser preparado e grande prática para o contínuo aperfeiçoamento. A qualidade das matérias-primas é sempre maior, a comida é local, as farinhas são as de cereais antigos, integrais, produzidos a poucos quilómetros. Há mais criatividade na cozinha, as receitas sempre novas ou as mesmas ficam cada vez um pouco diferentes para as tornar ainda melhores.

Todos começaram a fazer mais atividade física. Demasiados doces, é preciso remediar, ou aumentar a comida porque a pastelaria não para.

*- “As bicicletas foram dos produtos mais vendidos. Há quem venda e quem não. Muitas pessoas perderam o trabalho e os apoios do estado não são suficientes. Iremos entrar numa grande crise. É grande o sofrimento que vemos nas pessoas. Esperamos pelo menos que a estação na praia não seja comprometida se não, será mesmo um desastre.”*

Camillo tem o desejo de encontrar um trabalho part-time, porque quer dedicar-se mais à música. Gostava de o encontrar na sua área, mas não sabe se irá ser possível. Eventualmente ficará contente com o que lhe aparecer, o importante é que possa ter o tempo e o espaço para se dedicar à sua paixão. Afinal, esta pausa ajudou-o a perceber qual o posicionamento que tomará ao abordar o mundo do trabalho, quais as suas prioridades.

De Milão, no entanto, chegou uma notícia inesperada.

*- “Muito prazer tios, tias e avós. Sou uma rolhinha de 2 cm e pouco mais, mas já vos quero muito bem.”*



Matilde está grávida, ela e o Davide estão à espera dum bebé!

A fotografia da ecografia está na moldura, a máscara, branca, pura, aparece em segundo plano, sempre pronta a ser usada, presente em cada lado da casa.

Conta-me que é desde o começo de Março que o sabem, mas não quiseram dizer nada antes de ter a certeza que tudo estava a correr bem com o bebé. Sente-se bem, embora tenha tido náuseas e vômitos quase diariamente, mas o facto de poder estar em casa permitiu-lhe cuidar de si, do seu corpo, ir em direção a algo mais natural, à diferença do que podia ter acontecido se tivesse tido que ir trabalhar cada dia presencialmente. Deu-lhe também a possibilidade de enfrentar de outra forma, com o Davide, esta novidade. Têm tempo para estar juntos, fisicamente. Estão tranquilos e conseguem falar, de forma serena, sobre a parentalidade, e sobre as mudanças que isso trará nas suas próprias vidas.

- *“Sem esta pandemia provavelmente não teríamos tido a possibilidade de dar o valor que merece a este futuro bebé. Agora está do tamanho duma amêndoa!”*

Diz que também o gato, desde que ficaram em casa, está melhor. Já não está estressado, já não está sozinho o dia inteiro...

Mostra-me a barriga. Ainda não se vê nada, mas está aí dentro. Todos teríamos vontade de abraçá-la, mas para já não é possível e teremos que ficar satisfeitos com a presença virtual e com saber que está tranquila.

Menos tranquila está toda a família alargada por causa da tia Giovanna. A tia começou a sentir-se mal, com dificuldade em respirar, com febre. Chegaram a ir buscá-la a casa, à noite, uns indivíduos vestidos de fatos brancos. A família toda estava reunida, cada um da sua janela a olhar com preocupação e angústia a ambulância chegar. O Afonso falou com o pneumólogo. Cada dia parece ficar melhor. Está negativa ao Covid19, mas quem sabe se é verdadeiro, não tem grande sensibilidade o teste. Com sorte não esteve em contacto com a avó. O tio Ugo, o seu marido, durante o internamento da esposa, passa cada dia correndo dando volta à casa, no jardim.

*“Parece quando era criança. Corre kms!”* Comenta a Agostina.

O Frenci também, o filho deles, durante a espera passa o dia inteiro andando no skate no parque de estacionamento em frente ao apartamento.

Com sorte a minha tia começa a melhorar e consegue voltar para casa a tempo para a festa da Páscoa.

No dia de festividade em família estão todos juntos, com exceção de mim e da Matilde, que ficamos representadas pelas usuais videochamadas e pelos ovos de chocolate. Estão todos reunidos na cozinha a cozinhar, cantar, a dançar.

*“Sapore di saleee, sapore di mareee”* - cantam juntos em coro. Têm desejo de verão e de praia. A mesa grande na sala, a das grandes cerimónias, foi reduzida em tamanho, assim conseguem estar mais próximos fisicamente. Estão abraçados, a sorrir. Brindam e brindamos juntos, esperando poder fazê-lo, em breve, ao vivo. Para já está bem assim. Chegou o calor. Provavelmente a partir de Maio poderão começar a sair da cidade.

- *“Seria incrível ir para a praia.”*



### **A Vittoria vai ser mulher**

A data do casamento escolhida antes do começo da pandemia mantém-se. A Vittoria eo Luca irão casar-se no dia 9 de Maio. Ponto.

Os mais de 300 convidados, os favores do casamento já comprados, os fotógrafos, a comida e a festa, os jogos, a música, as clássicas despedidas de solteiro(a)s, tudo pode saltar. A Vittoria e o Luca ficam fiéis à escolha que tomaram. Em qualquer condição, irão casar-se. A sacralidade do evento não pode ser ameaçada e tem que estar sólida a escolha, pelo menos uma, na vida.

A decisão gera logo o caos e as reações são dignas duma tragédia à italiana. Gritos, pessoas zangadas que juram deixar de falar aos futuros esposos porque nunca teriam imaginado algo do género.

Alta traição. O Matrimónio tem que ser festejado em conjunto ou não é um matrimónio. O não estarem presentes significa serem excluídos da intimidade, do círculo de testemunhos dum amor que se declara perante a comunidade.

Com sorte, para além do desespero e do ressentimento, há quem mostre o próprio apoio, responda com satisfação à decisão tomada, apercebendo-se da importância espiritual que isso tem para os futuros esposos e não considerando o casamento só enquanto

facto social. Da mesma forma, também os apoiantes da decisão, sem perderem tempo, começam a mobilizar-se para perceber como fazer sentir a sua própria presença, como manter a natureza social do casamento, embora impossibilitados da proximidade física, querendo comemorar o dia.

Ainda não se sabe quais serão as diretrizes e as normas sobre os casamentos e ajuntamentos previstos para o começo de Maio, mas ninguém está à espera de que sejam muito diferentes das atuais. Por altura do anúncio da decisão, só eram permitidas 3 pessoas, para além dos esposos.

A Agostina está desesperada, mas fica confiante. Não acredita na possibilidade de não poder estar fisicamente presente no dia do casamento da filha, vai para além dos limites. Embora concorde com a escolha da Vittoria, não quer sentir-se excluída e não quer ver a sua presença limitada ao virtual.

No entanto, a família começa a organizar laboriosamente uma surpresa para a Vittoria: a despedida de solteira “presencial” com irmãos e pais.

O clássico com as amigas e lado feminino da família será mantido só virtualmente.

Cerca dum mês antes da data da celebração, a Vittoria volta para casa após um dia de trabalho, ignorando o que está à sua espera dentro de casa.

Franco e Camillo estão mascarados, um de capuchinho vermelho, o outro de Gandalf.





A Vittoria é logo vestida também e convidada a entrar num longo percurso de provas que, se conseguir superar, lhe darão em prémio - o seu Luc(olas).

O grupo WhatsApp da família enche-se logo de vídeos.

Vittoria está atónita. Não percebe o que está a acontecer e encontra-se repentinamente a ter que lidar com palavras cruzadas gigantes, provas de canto, flauta, de dança, desenho, poemas, adivinhas. Com sorte, Vittoria aprendeu o suficiente na vida passada como solteira para poder aproximar-se e juntar-se ao seu esposo.

Como seria de esperar, tudo é concluído com uma refeição rica em sobremesas, entre as quais uma feita com os *“Babbi”*, chocolates típicos da região.

- *“Gastaram os do casamento? Os nossos?”* - *“Não!! Ah, havia também uns para o casamento?”* - *“Sim, mais de que 300.”* *“Ahahah, pronto, também já não precisam.”*

Velas e estrelinhas ligadas, garrafa de espumante aberta e já está!...

Cerca de uma semana depois chega o momento da despedida de solteira virtual com a parte feminina. A Valentina, uma das melhores amigas de Vittoria, combinou com ela um encontro virtual e... Surpresa! São tantas as pessoas que estão presentes no encontro! Todas prontas para submeter a Vittoria a outras provas, jogos, entre risos e a vontade

de estarem juntas. É estranha a distância, sem as tradicionais voltas pelas discotecas ou spa, mas pelo menos veem-se e estão juntas durante uma noite inteira.

Com o passar dos dias, vamos percebendo que as regras para os casamentos não irão mudar muito. Começam, assim, as discussões em casa acerca do assunto. Cada um tem a sua opinião. O Franco e o Camillo, no início, mostraram-se mais prudentes e com maior vontade de aceitar os limites impostos. Os cônjuges menos, continuando a achar as medidas absurdas e a afirmar que isso não iriam aceitar. Em pouco tempo também os filhos se convencem do facto de que o casamento da Vittoria é mais importante do que as regras, mas claramente pensando nisso de forma crítica e sem desvalorizar a situação. Neste ponto, todos concordam. A única coisa será perceber qual o posicionamento do padre que irá celebrar.

No entanto, a Vittoria consegue encontrar várias estratégias para continuar com as provas do vestido e do anel. Contacta os fotógrafos, o cabeleireiro, a maquilhadora, para sondar a opinião deles. Pelo menos não terão que pensar na gravação do vídeo em direto do casamento, sendo que a APGXXIII já propôs encarregar-se disso.

O dia 9 de Maio é o grande dia e às 8h da manhã começa a transmissão direta via Skype organizada pela Vittoria, para partilhar com irmãs e amigas os rituais de preparação da cerimónia. A esposa faz-se bela para o seu companheiro de vida. Começa assim o encantamento, numa sala transformada em beauty center.



Chegam assim a casa a cabeleireira, a maquilhadora e o fotógrafo. A Marta e a Claudia, duas primas, também vieram, para poder dar apoio e suporte emocional a Vittoria. Cada um tem rigorosamente a máscara ou a viseira no rosto, mas aos poucos algumas destas descem, assim como as distâncias físicas entre as pessoas. Todos começam a preparar-se.

Há doces na mesa, flores na casa toda. Está-se em festa.



A Vittoria está radiosa.

O vestido está no quarto dos cônjuges, colocado por cima do armário e, logo depois da maquilhagem e do penteado as minhas primas irão ajudar a Vittoria a vestir-se, pondo-se no lugar das irmãs que não puderam estar presentes, representando assim o papel feminino essencial para o bom augúrio.



Depois de horas de gravação e conversas, a preparação acaba e a Vittoria está pronta para descer as escadas do apartamento. Mas antes, um cumprimento à avó, que sorri de longe, à porta da sua casa. A avó sorri cheia de alegria ao ver a neta vestida para o casamento, e ao vê-la cara a cara depois de tanto tempo, embora sem ter a possibilidade de se aproximar.





Depois da bênção da mais velha da família, Vittoria dirige-se para o exterior. As escadas estão cheias de posters, como é da tradição, que tentam, de forma pouco assertiva, convencer Vittoria a não se casar.

A futura esposa desce as escadas com um sorriso, ajudada pelas minhas primas que seguram no véu e seguida pelos meus familiares.

Desce assim ao jardim e aí vai ser a surpresa inesperada.

Toda a família alargada e vizinhos de casa estão reunidos, em círculo e de máscara, a espera de a ver.

Ninguém se via há meses, todos juntos. A satisfação e a emoção vão até às estrelas. Muitos começam a chorar e não é só por estarem emocionados com a Vittoria.



- *“Que bonito ver todos reunidos!”*. - *“Como estás linda, lindíssima!”*. - *“Que estranheza não se poder abraçar”*. - *“Esperemos que não passe a polícia, se não somos todos presos!”*. - *“Mostra os cabelos, vira-te!”*. - *“Então, emocionada? É porque estamos*

*todos aqui, diga a verdade!”. - “Vêm para a nossa casa ver a gravação?”. - “Conseguiste falar com as tuas irmãs?”.*

Estes os comentários que se ouvem no vídeo que o Afonso envia no grupo WhatsApp da família. Estão todos radiosos. A Vittoria está linda e conseguiram vê-la. Mais ainda, conseguiram ver-se todos e todos a sorrir. Quase que passaram anos desde a última vez que tiveram o prazer de partilhar um espaço em conjunto.



Entram no carro, a família toda, e vão em direção da igreja.

Começa assim a transmissão online.

O Franco não entra logo, tem que fumar o seu cigarro em paz, e liga para mim e para a Matilde.

*- “Afimal vamos ser uns 15 dentro da igreja, mas a câmara vai apontar só para o lado das testemunhas.”. - “Ahahah, muito bem!”. - “Sim, cada um num banco diferente, com dois bancos de distância, o que pode acontecer? Depois vamos festejar em casa do Lucaonde nos esperam outras pessoas. Vamos ser uns 30. Estamos no campo, aí estamos tranquilos.”. - “Têm a chave USB e o projetor para mostrar os vídeos que preparámos?”*

*Os das canções e dos jogos?”. - “Claro, então duvidam de nós?”. - “Boa! Falamos depois, entra que se não chegas atrasado.”*

A Vittoria e o Luca encontram-se em frente da igreja. Pela primeira vez depois de meses, podem dar as mãos, abraçar-se, dar um beijo, estar sentados um ao lado do outro.



“Estamos todos convosco, embora não estejamos presentes.”

A cerimónia é seguida por todos a partir das próprias casas e do link de youtube. Começam assim os comentários na net. “Siete bellissimi” “Che felicità” “Bravi, che bello”, todos estão entusiasmados com a possibilidade de assistir nem que fosse só virtualmente, até ao momento no qual a conexão salta e a transmissão direta se interrompe.

Eu e a Matilde começamos logo a ligar para os nossos familiares que sabemos estar dentro da igreja. Com sorte o Franco tem sempre o telemóvel na mão, estes rituais e estas imposições tradicionais não aceites pelo mais novo da família ajudam-nos a voltar a imaginar estar presentes a viver o momento em conjunto.

Ao terminar a cerimónia, o novo casal sai da igreja e encontra vários amigos à sua espera. Cada um com máscara, mais ou menos distantes fisicamente, com posters, tachos com arroz e gritos de alegria.





O arroz é lançado com distância de segurança e sem tomá-lo nas mãos, e algum granel consegue chegar até a Vittoria e ao Luca.





Na casa do Luca também é grande a festa.

Eu e a Matilde continuamos a estar com eles através do telemóvel do Afonso, para participar nos primeiros brindes, beijos, jogos e no visionamento dos vídeos preparados. Estamos juntos na felicidade de ver a alegria da Vittoria e do Luca e de todos os convidados.



- *“Tinha-me quase esquecido de quanto é lindo estar com as pessoas. Que alívio ver estas caras todas”. - “Que beleza! Aproveitem a festa e desliguem o telemóvel, falamos amanhã”.*

### **3, 2, 1.... Acabou!**

No final Franco tinha razão.

Aos poucos começa a ver-se a luz ao fundo do túnel.

O calor que chega, o estado de emergência acaba e volta a possibilidade de sair com mais tranquilidade e por trajetos maiores. Também as viagens entre regiões são permitidas e finalmente a família poderá reunir-se com a Matilde e o Davide.

Continuam as festas, mas desta vez na praia, com sempre, com mais pessoas presentes.

Os encontros com os amigos que - *“Nunca me deram um prazer tão grande. Ficamos a noite inteira só a falar, foi lindo.”* Comenta Franco.

Camillo também está muito feliz com isso, já tinha tantas saudades de vê-los e de abraçá-los. Conseguiu também encontrar o trabalho que queria, em informática e só *part-time*. No início do mês de junho começará com o seu primeiro trabalho.

O Afonso e a Agostina começaram a viajar mais, para Milão, para a praia, para o campo e para a floresta, para a nova casa da Vittoria, estando muito entusiasmados com a ideia de ser futuros avós.

A Vittoria e o Luca estão sempre cheios de visitas e praticamente nunca conseguem estar sozinhos mas, depois de tanto tempo sem isso, só podem sentir-se contentes por ~~os~~ amigos e voltar a partilhar a emoção do que significou casarem-se durante o estado de emergência, e falar sobre a coragem do amor, como foi mais forte do que o medo da morte.

A Matilde está a ficar com uma barriga que cada dia se torna maior. Continua a trabalhar de casa, mas desta vez o escritório dela e do Davide muda com frequência, na montanha, na praia, na casa dos pais, na casa da Vittoria.

No dia em que começámos a planear juntos também a minha ida para Itália, antes de ligar fico a pensar que era importante para mim perceber se estariam tranquilos com a ideia de eu chegar dum outro país, por razões pandémicas. Pois, aqui em Portugal as pessoas estão ainda com receio e a cumprir as indicações que apelam ao distanciamento físico.

Ligo para a família. Estão na casa da praia. A mesa do jantar é gigante e há muitos amigos convidados. Franco vai para as festas à noite na praia. Camillo e o Afonso fazem torneios de beach volley com os amigos. Os encontros são a regra do dia. Os concertos e as festas também. As regras, aparentemente, não têm validade durante o verão.

Até adoravam programar uma viagem itinerante juntos, eu o Afonso e a Agostina. Talvez pela Sicília, talvez logo depois de ter passado o tempo que quiser ali com eles na Romagna.

Enfim, pergunto na mesma se se sentem tranquilos com a minha vinda, mas a este ponto parece-me quase uma pergunta retórica...

Dentro de um mês estarei a festejar com eles!

## **Os corpos juntos, após o fim do primeiro estado de emergência**

### **As Entrevistas Presenciais**

As entrevistas com os sujeitos da pesquisa foram realizadas presencialmente, graças à abertura das fronteiras entre os países membros da União Europeia e ao fim do estado de emergência no território italiano.

Foram realizadas seguindo o modelo das entrevistas narrativas, como conceptualizadas por Schütze (Wellin 2007). Tal modelo reconhece na narrativa uma competência humana universal, que permite que as pessoas construam um sentido próprio sobre os acontecimentos que têm lugar na sua própria vida. Através da sistematização e da organização do próprio contar, da seleção dos eventos aos quais dar valor e da ligação entre os mesmos, segundo uma linha de continuum que tenha significado para o narrador, cada pessoa que conta cria uma trama.

A trama é considerada o elemento crucial para a constituição da estrutura narrativa, pois é através desta que a história ganha um significado, transformando-se em algo mais do que um simples elenco e relato de acontecimentos. Proporciona ao mesmo tempo uma chave de acesso à vida social e individual do narrador, ao seu mundo culturalmente constituído. Através do estímulo duma narrativa que possa dar luz ao que quem conta experienciou, a sua própria representação e interpretação do mundo, as entrevistas assim estruturadas visam dar voz à perspectiva do sujeito, numa postura neutra, sem juízos de valor. Sem pretender encontrar verdades absolutas através de tal técnica, ao entrar em contacto com as verdades individuais podem-se reconhecer, nas histórias de vida de cada um, elementos que falam sobre os próprios momentos históricos, contextos sociais, espaciais, culturais, políticos. Pois cada história, cada vida, não pode ser desligada das dinâmicas que o sujeito constrói e pelas quais é construído, uma vez que se encontra em relação com o mundo em que vive.

As entrevistas realizadas foram pensadas para aprofundar mais questões ligadas à mudança nas ações dos sujeitos face ao primeiro estado de emergência em território italiano por pandemia Covid19. Foram realizadas um mês após o fim do mesmo, pedindo

a cada um dos sujeitos para narrar sobre o que surgiu, sentiu, experienciou, priorizou em relação aos meses confinados em casa e ao evento pandémico, ambos nunca vivenciados no passado. Isso, falando a um nível mais individual, ou enquanto ser no mundo, social e político. Enfatizei a possibilidade de narrar o que ficou mais presente para cada um, sem direcionar o relato, sem interromper a narrativa com comentários ou perguntas, deixando as mesmas para o final do relato da sua própria história. As perguntas foram feitas para tentar “suprir as lacunas” na pesquisa, sobretudo para perceber aspetos mais virados para o social e político. Não dar muito valor à mesma e redirecionar a conversa para outros assuntos foi algo que aceitei e enquadrei como significativo, como parte integrante da perspetiva e da história de vida de cada um.

### **Franco**

*- “Foi tudo ótimo, não é nada trágico ficar fechado em casa por dois meses. Claro, queria sair com os meus amigos, mas pronto, foi tudo ótimo. Com a escola até ficou melhor assim. Em casa também não foi mal. Brincávamos, comíamos e falávamos. Quase nunca me aborreci. Nunca tive medo. Nós damos-nos todos bem em família. Aprofundamos mais as relações, divertimo-nos, ninguém ficou mal e temos dinheiro suficiente para viver. É tudo.”*

Franco começa um pouco na defensiva logo que começamos com a entrevista. Foi tudo perfeito e agora está na praia a fazer o que quer. Ponto. Adeus. Foi suficiente um silêncio intencional meu, a olhar com um sorriso, dando a entender que não estava a conseguir escapar desta forma à conversa, que “soltou a tampa”.

*- “Não foi igual para todos, absolutamente. Há pessoas que moram numa vila e pessoas que vivem num buraco. Os meus amigos que moram num buraco enlouqueceram, os que tinham jardins imensos deram-se maravilhosamente. Na vida ter dinheiro importa e faz a diferença, mas isso já o sabia, não foi nada de novo. É triste, claro, mas é assim que funciona.”*

O filho adolescente inicia assim um discurso e uma reflexão muito franca sobre questões como o dinheiro, o poder, a crise ambiental e as possibilidades de posicionamento perante ao mundo, duma forma que entende como realística. Afirma

que infelizmente o mundo funciona à volta do dinheiro e pensar que alguma vez o fará à volta dos direitos é só um sonho.

- *“Diz me um lugar onde não é assim, onde todos estão bem, não digo como uma vila, mas bem. É impossível. Os ricos nunca irão renunciar ao próprio dinheiro para os outros.”*

Faz uma distinção entre as lutas que valem a pena fazer, porque realísticas e não ilusórias, segundo a sua perspetiva, e as que não. Distingue entre as lutas que implicam uma mudança política e as que implicam uma mudança na ação dos poucos ricos que fazem “m\*\*\*a”. Desconfia na possibilidade de agir para “salvar o mundo”, embora reconheça o impacto da ação humana no planeta e no “ritmo” da Terra.

- *“Irá morrer o nosso planeta. Já o sabemos. Claro que há práticas que estão a tornar isso mais rápido, mas antes ou depois irá morrer. Isso não vai depender do que eu posso fazer, há outras forças em jogo. Os que poderiam tentar ter um impacto nisso são aqueles poucos ricos que não deixarão de fazer o que fazem. E mesmo assim, antes ou depois acabará na mesma, quer eu faça reciclagem ou não. Ninguém na história da humanidade tentou salvar um planeta. Se no futuro haverá a tecnologia para bloquear um ciclo natural, muito bem, mas para já é só uma ilusão.”*

Diz que há coisas que não se podem mudar através da democracia, porque não estamos a falar de política, mas sim de diferenças de poder e de riqueza que sente como extrapolíticas, para além de qualquer tipo de resistência democrática.

- *“Por exemplo, claro que acho que o Messi deveria ganhar menos e que o futebol é todo um negócio nas mãos dos ricos, mas como é que eu mudava o seu salário? O mundo inteiro deveria deixar de ver jogos de futebol como ação de protesto. Isso é impossível. Se achares que os parlamentares ganham demasiado, pode-se fazer algo, mas com o Messi não. Não depende de nenhum governo. Está fora da democracia.”*

Desconfia de pessoas como a Greta Thunberg ou do movimento “Friday for future”. Acha maravilhosa essa tentativa, mas acredita que isso não esteja a mudar absolutamente nada para além dos discursos. Nenhuma mudança na prática, que seria o que importa. No final de contas fica tudo, na sua perspetiva, sempre na mesma.

- *“Embora possam falar de ecologia e do impacto ambiental também os ricos, na realidade não se importam nada com isso e continuam a destruir a terra enchendo-a de resíduos tóxicos”.*

Ficou também desiludido com o movimento, pelo menos com o grupo que tem na cidade onde mora. Conta-me que foi a encontros e a uma manifestação, mas que a solução deles era “partir coisas” e não se revê nesta prática e nem acha que faça sentido ~~para~~ a mudança.

- *“Querem destruir tudo, não propõem nada de jeito. Deixei de ir.”*

Há na sua perspetiva coisas que existem e que não podemos controlar ou ter a ilusão disso, referindo-se ao facto de que o planeta Terra vai morrer, que as doenças existem, que iremos envelhecer e morrer também. Considera uma ilusão quem acredita que pode mudar tudo isto, porque tenta ir contra as forças da natureza que estão para além da nossa possibilidade de ação. Da mesma forma, este é o seu posicionamento face a assuntos como a pobreza, as guerras, o domínio do dinheiro sobre os direitos e a escravização no trabalho, afirmando como lhe parece ser impossível acabar com isto no mundo inteiro.

- *“Claro que certas lutas são importantes e que não são uma utopia porque não querem salvar o mundo, mas mudar as pessoas. Estamos a falar de mudar a forma de viver para viver melhor, não de mudar o mundo. As lutas para a liberdade sexual, de expressão, contra a homofobia, contra o racismo, para o direito ao estudo, são importantes e podemos ter um impacto nisso. Aliás, deveríamos colaborar, senão é inútil. Apoiar-nos entre todos para reclamar os nossos direitos, isso é o importante. Faz-me viver melhor. Sinto-me melhor se não houver racismo à minha volta, se não houver violência policial.”*

Acredita no facto de que se possa questionar a política para ver respeitados os próprios direitos como:

- *“Direito a viver, a respirar, a estar com quem quero, onde eu quero, como eu quero, sem ir contra os direitos dos outros. É claro que sou um privilegiado. Se tivesse nascido numa outra parte do mundo pensaria de forma diferente. Numa outra época, pobre, no meio duma guerra, claro. Mas esta é a situação na qual estou, é o meu presente.”*

E é esta mesmo que tem um impacto na sua vida, a curto prazo e de forma visível no imediato.

- *“O que os ricos fazem não influencia as minhas possibilidades de escolha no dia a dia, pelo menos, não no imediato. O que acho que influencie mais são outras coisas. A escolha dum Estado, a máfia, as guerras. Isto tem impacto no meu estilo de vida. Os poderes e as escolhas políticas. Como se de repente dissessem que não posso fazer mais do que 2 filhos, assim porque sim. Se me explicarem que o terceiro de qualquer forma vai explodir logo que nascer, ok, aceito, não vou fazer mais do que 2, mas se for por algo com o qual não concordo, não vou aceitar. Protestamos, fazemos um referendo ou uma petição e pronto, já está.”*

Da mesma forma, falando a nível das regras que foram implementadas para enfrentar a pandemia, afirma que aceitou só porque era por uma razão válida e também por um tempo determinado.

- *“Mover-me é importante porque me dá a possibilidade de fazer o que gosto. Gosto de ver os meus amigos, de sair a noite, de estar com a minha namorada, de jogar futebol. A presença física no mundo real é importante, não posso estar só no mundo virtual. Não é vida. Também para o casamento da Vittoria. Um casamento só com duas pessoas o que é? Nada. Claro que vou também.”*

Põe então uma grande tónica no facto de isto não ser nada de novo para ele, que já o sabia antes da pandemia. O que o leva a querer fazer mais ou a sentir como prioritário, de forma mais consciente em comparação com o que podia ter sido antes de Março, é conseguir encontrar um trabalho do qual goste e estar com os amigos. Talvez ter uma família, mas isso já podia considerar como secundário. Coloca em primeiro lugar a companhia do grupo de amigos e tentar perceber qual o percurso possível no mundo do trabalho. Acima de tudo, a importância de viver no presente, no aqui e agora, uma vez que é menor de idade, o que lhe permite, diz, ter esta abordagem à vida.

- *“Cada um toma escolhas de vida diferentes. Para mim agora é pensar no momento presente. Divertir-me e estar bem. Quero fazer as coisas que gosto de fazer e aproveitar a infância o mais que possa. A minha prioridade é encontrar um trabalho do qual goste, não o que eu quero, são duas coisas diferentes, sei que há limites. Pelo menos um*

*Trabalho do que goste e que me dê dinheiro para viver bem. Não quero uma mansão, mas ter dinheiro suficiente para comer, ter uma casa, estar com os meus amigos e eventualmente ter uma família. Quero ter o direito de estar perto das pessoas que amo. Para já, nestas condições, é isso. Se as condições mudarem, talvez mude de opinião. Agora é assim.”*

### **Camillo**

O Camillo começa a conversa contando sobre os dias antes do estado de emergência, quando as pessoas ainda não tinham a obrigação de estar fechadas nas próprias casas.

- *“Ah, mas pronto. São só os velhos que morrem. Que fiquem eles em casa e não se encontrem.”*

Diz que ficou surpreso e estranhou a forma como as pessoas que lhe eram próximas abordavam o assunto. Os “velhos” em questão não estavam assim tão longe da vida diária de Camillo e os que, na sua perspetiva, eram pessoas que precisavam de ser protegidas, partilhavam com ele e com os amigos o seu quotidiano. Traz nesse sentido o exemplo dos pais, de irmãos de amigos que tinham tido cirurgias, de pessoas jovens doentes que partilhavam a casa com outros amigos.

Camillo põe o foco muito na relação e na qualidade desta ao longo de toda a conversa. Acha que foi muito bonito ter tido a possibilidade de partilhar o tempo e o espaço desta forma, com os seus familiares, sendo que, embora morem juntos, raras são as ocasiões nas quais conseguiam aproveitar da convivência, para efetivamente “construir e criar a relação”. Ao longo dos meses tem sentido um aprofundamento das relações e tem vindo a aperceber-se, ainda mais, da importância disso na vida. Da beleza de estarem juntos e de se divertir, da possibilidade de partilhar reflexões em conjunto, sobre a própria vida, sobre as próprias dúvidas, sobre assuntos mais profundos.

- *“Refletir sobre o quanto estamos frágeis, não obstante pensarmos ser invencíveis com a tecnologia e tudo o resto. Muitos dos meus amigos tiveram este foco. Eu, sim, claro, também refletia sobre isso, mas, talvez de forma mais egoística, durante a quarentena eu pensava mais na minha “horta”. Pensava e refletia sobre a minha vida e sobre a daqueles com quem partilhava a casa.”*



Pensar, fazer, refletir juntos. Observar e envolver o outro. Estes foram os pontos mais importantes para o Camillo durante a quarentena. Conta que teve a possibilidade de um encontro diferente com cada um, conforme a personalidade e o momento de vida em que se encontrava. Por exemplo, ricas foram as conversas tidas com a Vittoria, sendo que ela também se encontrava numa fase de transição, da universidade para o mundo do trabalho e da vida “adulta”.

- *“Senti-o como uma pausa da universidade, de tudo, para poder perceber o que queria para a minha vida. Foi um momento importante para fazer opções de vida. Já sabia que gostava de encontrar um trabalho part-time em informática que me desse a possibilidade de continuar com os estudos de música. Porém, quando efetivamente estás perante o facto concreto de ter que encontrar algo, quando tens mesmo que entrar no mundo laboral, comesas, pelo menos, eu comecei a sentir-me como se não tivesse um apoio sólido.”*

Continua dizendo que com sorte conseguiu encontrar a forma com a qual gostava de entrar no mundo do trabalho que mais lhe agradava, mas que houve coisas que começaram a ser mais prioritárias em relação ao período pré-quarentena. Por exemplo, a maior importância dada à música e não à procura de um trabalho na área da informática, mas em qualquer outra coisa que lhe permitisse ter tempo livre, assim como a decisão de não mudar de cidade.

- *“Quero morar em Forlí. Estar com os meus amigos de sempre e com a minha família. Ter assumido isso foi um passo fundamental. Tinha imaginado como seria bonito ir-me embora e experimentar a vida num outro lugar, mas reparei que já tenho aqui tudo o que eu quero. Porque é que deveria ir-me embora, voltar a começar tudo do início, talvez perder momentos importantes que queria ter partilhado com os meus queridos? Quero ficar em Forlí. Afinal de contas, também há sempre possibilidades de se surpreender. Não é simples, mas podemos sempre ficar surpreendidos. Estou convencido do facto de que quanto mais conheces uma pessoa, mais entras em contacto com os seus defeitos. É difícil, claro, mas aprendes também a criar uma sintonia incrível com aquela pessoa, quaisquer que sejam os seus defeitos. O amor é uma luta, não é apenas um sentimento.”*

Camillo acha que temos que voltar a aprender a amar, considerando o amor como mais do que simplesmente um sentimento. Acredita que seja uma prática, uma escolha, feita

de paciência e compreensão, uma luta. Que vá para além das frustrações, desilusões ou problemas que podem sempre surgir, porque enfrentar isso dá a possibilidade de continuar a partilha com quem vale a pena. Não quer continuar a frequentar pessoas com as quais não se dá bem, só para tentar entender-se com todos profundamente, mas quer dar mais espaço às com as quais diz sentir a possibilidade de ser ele mesmo, sem ter que demonstrar ser mais bonito ou forte do que na realidade é.

Mais ainda, afirma que descobriu durante a quarentena a importância de outras duas qualidades nas relações, isto é, a presença física e o envolvimento. Diz ter mantido um contacto quase diário com os amigos, através de meios virtuais. Brincavam juntos, inventavam jogos e conversavam.

- *“Com os meus amigos era tudo virtual. Nós divertíamos-nos, criámos novas experiências, mas não acho que aprofundámos a relação. Com a minha família, em casa, sozinho sim. Apercebi-me de quanto o estar perto ajuda nas relações. Pelo menos, o que experimentei é que a vizinhança permite-te ir mais a fundo. Claro, não é simples, mas aos poucos aprende-se a conhecer-se, também nas pequenas coisas. Parece quase que se possa deixar de fingir e começar a sermos mais sinceros, quando nos expomos por muito tempo.”*

Tem o propósito de tentar investir mais nas relações e de querer estimular-se a ir contra a preguiça e a indiferença, que acha serem as duas características que limitam a construção duma intimidade. Diz que descobriu a beleza de envolver o outro e de quanto a proximidade física ajuda a concretizar esse desejo e a perceber de que forma o fazer, porque permite a observação.

- *“Comecei a perceber que envolver os outros é uma grande forma de construir relações. Por exemplo, pediste-me para escrever uma canção. No início pensei, bem vou fazer eu, mas no final escolhi envolver também o Franco e foi lindo. Muito mais bonito do que fazer sozinho, estou profundamente convencido disso. Ou por exemplo as refeições. A Vittoria sempre tentava envolver todos. No início eu e o Franco dizíamos-lhe que pronto, já chegava de perguntas, mas aos poucos começámos a ficar mais tempo e quase não queríamos ir-nos embora da mesa do jantar e tínhamos cada vez mais vontade de fazer coisas juntos. A sua grande determinação ajudou imenso. O que construímos continua presente e continua a crescer.”*

A importância da relação com os outros volta a surgir também ao contar a sua rotina e a que via nas pessoas que estavam por perto. Acordar cedo, ter tempo para descobrir e aprofundar paixões. Algo incrível que viu acontecer nele e nos outros familiares. Mas também desta vez aponta também como, tendo toda a paixão do mundo por algo, se estiveres sozinho não vale nada. Ter-se apercebido disso foi fundamental para a escolha da postura a adotar para entrar no mundo do trabalho.

*- “Equilíbrio entre tempo, dinheiro e cultivar as relações. Mais do que ser rico, prefiro ter tempo para estar com amigos e família. Claro que sou um privilegiado nisso. O meu pai tem um trabalho fixo e isso deu-me a possibilidade de perceber as minhas intenções na vida, porque nunca tive que me preocupar em ter ou não comida ou um teto. Fico-lhe muito agradecido, mas para mim quero uma escolha diferente.”*

Aponta o dinheiro e os direitos como algo de fundamental para poder ir ao encontro do que chama de “tutela da vida”. Neste sentido, diz que as pessoas com quem ficou mais preocupado durante os meses de quarentena foram os sem-abrigo, os mais pobres e as pessoas idosas deixadas sozinhas. Acha também que foi importante planear os apoios à avó, não obstante fosse um risco.

*- “Faz parte da tutela da vida. Comida, casa, higiene, saúde. Se não fores autossuficiente ou se estiveres numa situação crítica a nível económico, precisas de ajuda, também em pandemia. Estes são bens primários. Sem isso, estás morto. Há sempre riscos nas coisas que fazemos e temos que perceber qual é o risco menor. Há coisas que são mais importantes do que as regras.”*

Conclui dizendo que na sua perspetiva a tutela da vida ficou pouco considerada pelos políticos. Quer porque se deu pouca importância ao parecer da parte médica e científica, quer porque houve pessoas que não tiveram acesso a bens essenciais para a sobrevivência. Diz que aceitou as regras que lhe impuseram só porque concordava com muitas delas, mas que não o fez, por exemplo, em relação ao casamento de Vittoria. Conta que inicialmente era o que mais se opunha a isso, mas mudou de ideias ao aperceber-se da importância de estarem juntos num momento tão importante e ao ver que estavam a organizar a coisa numa forma que lhe fazia sentido, considerando o risco de contágio.

- *“Discuti muito porque achava que não estava correto ir contra os limites. Mas custava-me ser o “mau da fita”. Afinal é o casamento da tua irmã... Não queres ir ou queres impedir que os teus pais participem? Era mais importante fazer isso do que seguir ao pormenor a regra?”*

### **Vittoria**

A Vittoria desde o começo da entrevista que usa o plural para descrever a experiência tida durante a quarentena. O casamento, a relação com Luca, estão intrinsecamente ligados com a experiência dos meses de estado de emergência. Embora os tenha passado em casa com a minha família, a presença do Luca nunca ficou marginal. Diz que a quarentena deles foi diferente do usual. A vida dela passou de estar em casa a estudar, para sair de casa e começar a trabalhar, de ver os amigos e o Luca, para ver só os colegas e as pessoas que chegavam ao AVIS. Ambos passavam a maior parte do tempo livre a fazer telefonemas, não para os encontros diários com os amigos, para jantar, almoçar, brincar virtualmente juntos, mas para reorganizar o casamento. Telefonemas com convidados, com o fotógrafo, com a cabeleireira... O casamento ocupava a maioria do tempo livre, não só falando do que eram as tarefas a resolver, mas também para a urgência que sentiam em ter de dar uma resposta, ou tomar uma posição.

- *“Para nós foi muito importante para “re-entrar”, pode-se dizer re-entrar??, porque tivemos que fazer uma escolha, grande. Tudo estava incerto e inseguro, mas nós apercebemo-nos muito cedo de que aquela era a nossa prioridade. Tomar uma posição navida que nos permitisse puxar pelo que verdadeiramente desejávamos, para tomar o nosso lugar e para assumir que aquele lugar era para tomarmos juntos. Só senti a necessidade de tomar a minha posição naquela altura. As coisas que queríamos fazer, de alguma forma, foram purificadas. Neste sentido, foi lindo, não posso negar”.*

Vittoria diz que a pandemia os obrigou e, ao mesmo tempo, ajudou a perceber quais eram as prioridades que tinham na própria vida, a voltar à essência das coisas. No meio da insegurança geral, quiseram dar solidez ao que não estava incerto. O casamento, a vida em conjunto era uma prioridade e uma possibilidade de enraizamento, que começava a tomar forma. Era uma possibilidade de pureza, de sacralidade, de determinação, de

continuidade, no meio de tanta incerteza. Algo de ainda mais valioso, segundo a perspetiva dela, num momento de mudança e incerteza geral sobre “tudo”. Ao perceber que aquela era a direção que queriam tomar, poucas coisas mais contavam, como uma casa que ainda não estava pronta e um trabalho não seguro. O que importava era ir para frente com a escolha tomada. Deu-lhes a possibilidade, a seu ver, de perceberem o que importa, para além do aspeto material da vida.

- *“Claro que a qualidade de vida é condicionada também pela materialidade, estou bem consciente disso, mas quero focar-me sobre o facto de que as coisas não são controladas por nós. A duração da minha vida, não a conheço, a do Luca também não. O que sei é que é belo poder-se empenhar o mais cedo possível nas coisas em que se acredita. Nós tínhamos o desejo de casar, porque a partir daí sentíamos que podíamos crescer muito como pessoas.”*

Conta que no meio da incerteza total e numa altura em que a presença da possibilidade da morte permeava o dia de cada um, perceber qual a própria prioridade, sem querer perder tempo, era o que importava. Viu isso e sentiu esta reflexão muito presente ao seu redor. A morte e a doença começaram a estar de repente em todo o lado, nos conhecidos, nos jornais, na televisão, nas rádios, nas ruas. Aceitar a fugacidade da vida e assumir uma postura perante isso, juntos, a seu ver ajudou-os a viver a situação toda com menor ansiedade. Acha que no meio do frenesim do mundo por vezes podemos ficar cegos em relação ao que importa mesmo para a vida. Diz que um momento como o pandémico, onde à tua volta há muito sofrimento e morte, permite-te parar, refletir melhor sobre o que significa viver. Acredita na importância de se escutar para perceber quais as prioridades de cada um. É algo que costumava fazer também antes, mas de alguma forma a necessidade de tal relação consigo própria tornou-se mais manifesta.

- *“Penso que cada pessoa nasce de uma história, e desta história eu percebi que para mim é importante a família e viver uma vida, adjetivo que repeti imensas vezes nestes meses, de acolhimento. Também este bebé. Estava convencida de não estar no meu período fértil. Chegou na mesma, sem estar programado e quero acolher esta novidade.”*

Vittoria, no início do mês de Julho, deu mais uma notícia inesperada a família. Ela e o Luca estão à espera dum bebé. Duplos tios, avós e duplas tias. A diferença da Matilde e

do Davide, é que a Vittoria e o Luca escolheram partilhar logo com a família a novidade. A Agostina estava sentada, mas virou logo a cabeça para trás das costas e começou a rir sem parar.

- *“Não posso acreditar! Ahahah, maravilha, que maravilha!”.*

Desta vez também estávamos todos juntos. Abraços, beijos, lágrimas de felicidade ao vê-los tão felizes e serenos perante o inesperado. Duas barrigas juntas e todos logo a pôr as mãos por cima das barrigas de ambas. Mais duas mães, mais duas famílias. A Vittoria transmite mesmo sensação de serenidade. Também durante a entrevista. Diz que a pandemia sublinhou, de forma gritante, o facto que programar faz sentido, mas que ter plasticidade mental é ainda mais importante porque a realidade do dia a dia é sempre diferente do que imaginamos. Acha que nisso tudo é preciso aceitar e deixar-se conduzir porque existe uma esfera contínua que vai dando um sentido a tudo, criativamente. Como aconteceu com a gravidez.

- *“Também em relação ao teste para a especialidade. Dá-me serenidade pensar que, se não correr bem, é por alguma razão. Talvez que isto perante os critérios subjacentes ao funcionamento do mundo podia ser considerada humildade, mas para mim é liberdade e serenidade. Claro que às vezes esqueço-me disto, mas no geral liberta-me pensar assim. Também o casamento, se não tivesse sido possível, teria sido difícil de aceitar, mas acho que nos teríamos deixado conduzir na mesma pelo que estava a acontecer, não sei como explicar.”*

Põe o foco sobre o facto de que nenhuma coisa é controlada por nós e que perceber isso e confiar no Amor de Deus como força motora a deixa não só livre, mas também mais desperta em relação ao mundo que tem à sua volta, para tentar ser recetiva aos infinitos sinais e signos que podem ser visíveis. Volta a afirmar como a duração da vida é desconhecida e que o que importa é escutar-se, perceber o que te realiza e que te deixa bem. Ver as pessoas doentes, estar mal, morrer, à volta dela e do Luca, foi sobretudo algo que os ajudou a esclarecer o que queriam. Entre o que re-escolheram como prioritário, como ainda mais valioso e importante, está também o percurso na APGXXIII.

*“Durante a pandemia fizemos imensas reuniões, imaginas, os problemas eram infinitos! Todas as pessoas vulneráveis e todas as que ficaram sem assistência durante a*

*pandemia. Tínhamos que resolver e pensar em imensas coisas. Havia muita preocupação. Mas isto sempre foi o nosso contexto, a pandemia não nos abriu os olhos. Talvez tenha ampliado a nossa consciência, isso sim.”*

Acha que o percurso da associação anda na direção do que entende por acolhimento. Reparou de forma mais clara ao longo dos meses como, sem ter a necessidade de ir muito longe, há imensas pessoas que nos rodeiam que sofrem e precisam de ajuda. Quer dedicar-se a isso, fazer a sua parte, contribuir para um mundo melhor. Sente que este é o seu papel e que partilhar tal prioridade e foco com o Luca torna tudo ainda mais intenso e claro. Dá-lhe força sentir que não está sozinha nisso, mas que tem a sorte de ter um companheiro como o Luca. - *“Se de sorte podemos falar!”*

- *“Na vida não se sabe bem como, mas acho mesmo que cada um é chamado para ter um papel, para estar presente. Não sei bem qual será o nosso, certo é que temos esta atenção, este cuidado. Não sei que forma tomará, mas existe.”*

Começa então a falar das próprias escolhas, e distingue entre o que considera prioridades e o que considera desejos e traz a opção de se casar e o casamento em si como exemplo disso.

Para eles casar-se reafirmou que reconhecerem-se como marido e mulher, como um núcleo, como companheiros a tempo pleno, era uma prioridade das suas vidas. Sem dar importância à forma através da qual isso teria sido possível. A companhia dos entes queridos, a possibilidade de festejar, de tratar do vestido, do cabelo, a maquilhagem perfeita, tudo era, ao invés, um desejo. Lindo, claro, mas não essencial. Ter ou não ter o desejável assumia uma outra importância, sendo que o prioritário tinha sido posto em causa pela situação pandémica. Mesmo assim, Vittoria conseguiu ter cabeleireira e maquilhadora, vestido de noiva e alianças. As redes de relação familiares foram essenciais para conseguir isso, pois todos os profissionais envolvidos eram amigos de membros da família. Amigos disponíveis a ajudar de forma clandestina e a ganhar pelo menos algum dinheiro, no meio do bloqueio total. Se por acaso isso não tivesse sido possível, a parte feminina da família alargada já estava pronta em oferecer os próprios vestidos de casamento e a ajuda em tudo o que teria sido preciso.

Os mais de 300 convidados não tiveram a possibilidade de assistir presencialmente ao casamento, nem à festa de celebração. Com sorte a família e os amigos mais próximos conseguiram estar presente. Vittoria assume que isso foi, em boa parte, por teimosia das pessoas que queriam estar presentes na celebração e que os levou a pedir ao padre autorização para ter mais pessoas na igreja. Falando a nível da festa, nunca puseram em discussão a eventualidade de não estar com os familiares e com os poucos amigos que tinham continuado a ver durante o estado de emergência, porque, de certa forma, significava tão só juntar o entorno mais íntimo de Luca e Vittoria nos últimos meses.

- *“Acho que mesmo assim fomos muito cuidadosos. Estávamos todos ainda muito espantados. Mas foi lindo. Aquele dia foi mesmo lindo. Tudo. Até um dia antes parecíamos os loucos da situação. Tudo foi mais do que podia esperar. Os tios, as tias, os amigos no jardim, fora da igreja, as primas em casa. Tudo foi demais. A festa foi o máximo, os vídeos, as brincadeiras... Tudo foi demais! Para nós já era lindo se tivéssemos estado sozinhos, mas tudo se tornou mais bonito porque partilhado, também de longe.”*

### **Matilde**

- *“Mais do que com a pandemia, fiquei chocada com uma outra coisa!”*

Matilde começa logo a rir-se ao pensar nisso. Ter consciência da gravidez foi algo que lhe mudou a vida. Ter alguma coisa dentro da barriga a crescer. O saber que esta coisa aos poucos ia transformar-se numa pessoa, sair dela, começar a viver no mundo, foi algo surpreendente e chocante. Diz que se tornou claro que, a partir daquele momento, nada teria sido como antes. Consigo, com o Davide, com o seu corpo, com a casa. Tudo teria sido diferente. Conta que a situação geral, antes do começo do estado de emergência, em Milão, lhe deu bastante medo. Maioritariamente por sentir toda a ansiedade e a preocupação que as pessoas tinham nos corpos. Deixava-a completamente surpreendida ver que as pessoas tinham quase medo de se aproximar umas das outras, de estar na rua, de caminhar nos parques. Conta que poucos dias depois da notícia do aumento dos casos em Milão e arredores, quando a cidade ficou confinada, soube que estava grávida. A partir daí, a situação pandémica foi secundarizada em relação à



gravidez. Aliás, as medidas estavam de alguma forma a ajudá-la na vivência disso. Matilde começou a trabalhar a partir de casa, o que a seu ver foi uma grande ajuda. Esteve mal fisicamente durante os primeiros meses. Poder ficar no próprio ninho permitiu-lhe não só cuidar mais da sua saúde, mas também não ter que partilhar desde logo a novidade com os colegas.

- *“Podia aperceber-me melhor do que me estava a acontecer também. Estava mais relaxada e isto permitiu-me sentir tudo mais cedo. Entrar mais cedo em contacto com o meu corpo. Deu-nos a possibilidade de ter mais espaço para falar de coisas que talvez no meio da pressa e da rotina teríamos desvalorizado, adiado, talvez discutido. Foi uma contínua descoberta do outro, do que pensávamos, das nossas perspetivas sobre a parentalidade, sobre a vida. Não era usual voltar para casa imensamente cansada. Talvez que se assim tivesse sido, nem teria tido a força para reparar que a minha barriga estava a crescer.”*

O contacto com o próprio corpo, com o Davide, com a maternidade, foi algo que mudou de forma muito evidente para Matilde durante a pandemia. Nesse sentido, mais do que o vírus em si, as medidas tomadas para gerir a situação tiveram um forte impacto na sua vida, até em sentido positivo. O seu quotidiano foi completamente revirado duma forma que ia ao encontro das suas reais necessidades. Começa assim o relato dos dias passados em casa. Ambos trabalhavam durante o dia, de vez em quando na mesma sala, outras vezes em salas diferentes. Podia acontecer que um dos dois acabasse muito tarde à noite, como de costume, com o trabalho “presencial”. Mas o facto de estarem presencialmente os dois por perto, durante o dia, levava-os a terem uma abordagem diferente disso.

- *“Às vezes ele ou eu acabávamos mesmo tarde à noite, como sempre mas, diferentemente do habitual, dava para perceber quanto o outro tinha trabalhado naquele dia. Não era simplesmente enviar uma mensagem a dizer que se chegava a casa depois do jantar, porque tínhamos ainda trabalho para fazer. Isso deixava-nos com imensa vontade de nos ajudarmos, de sermos colaborativos. De fazer algo para que o outro pudesse estar bem. O estar juntos levava-nos a ter ainda mais empatia e a incluir o outro nas nossas prioridades.”*

Matilde conta que nem uma vez se zangaram ou discutiram. Aliás, até começaram a colaborar mais, a ser mais atentos para perceber as necessidades do outro e a querer o seu bem-estar. Esta entreaajuda deixava-os mais felizes, a ambos, o que estimulava depois ainda maior vontade de ajudar a outra pessoa a estar bem, criando um círculo de bem-estar completamente diferente do que usualmente acontecia. A seu ver, isso foi porque estavam tão tranquilos e calmos que conseguiam ter sempre tempo e espaço para falar, de tudo, e para se pôr na condição de perceber o outro. Diz que antes sentia-se sufocada com o ritmo de trabalho que tinha e que quando chegava em casa, estressada, zangava-se por qualquer coisa e não tinha paciência para nada. Não queria falar, nem dar atenção ao outro, porque só precisava de fazer algo para ela e para descarregar todo o estresse e o nervosismo que tinha. Sem aqueles ritmos, a relação de casal mudou completamente.

*- “Não tive saudade dos almoços de domingo com a família, ou de sair à noite com os amigos, algo que foi muito difícil de aceitar para os seus pais que moram aqui perto. Claro que é bonito ver-se na rua, mas também sem isso estava bem. É mau dizer isso? (ri-se). Estava tão bem com o Davide que não precisava de mais nada. Podíamos ser mesmo felizes com nada, só por estar juntos. O que me faltava mesmo era passear e estar na natureza.”*

A natureza, o andar ao ar livre, é disso que a Matilde diz que teve mais saudades. Conta-me que já sabia ser uma pessoa ligada a estes aspetos, mas que não achava que tivessem para ela uma importância tão grande. Começou a valorizar muito mais o passeio diário que fazia para ir e voltar do trabalho. Quase uma hora a andar no meio do parque. O impacto que tinha no seu bem-estar foi mais uma descoberta da quarentena. Para além disso, dessa falta, estava tudo bem. Começaram a dar espaço à fantasia e a querer estimulá-la sempre mais para não ter que ligar a televisão. Jogavam, desenhavam, liam ou simplesmente falavam.

*- “Falar era tão lindo, que às vezes nem queríamos ir dormir. Não precisávamos de muito para ser felizes. Tive a possibilidade de ter tempo para mim, para fazer o que amo. Estar sozinha, com o Davide, com Nori (o gato). Comer bem, acordar bem, descansar mais. Ter ritmos humanos deixava-me mais feliz e tornava tudo mais simples. Preciso dos meus ritmos humanamente falando, antes estava a afogar-me na minha vida.”*

Claramente a cozinha também foi algo que começaram não tanto a priorizar, mas a ter o tempo para aproveitar. Ter tempo para preparar algo de bom, aproveitar mesmo a pausa almoço, comer a uma velocidade humana. Matilde sentiu esta mudança de forma muito intensa e reparou isso não só em relação aos dois, mas também nas pessoas que tinha à sua volta e no trabalho. Qualquer Brand que tivesse algo a ver com a cozinha aumentou vendas e a necessidade de se publicitar.

Ao longo da conversa continua pondo o foco sobre tudo o que melhorou na sua vida com o teletrabalho obrigatório, mas não deixa de falar do que, mesmo assim, lhe trazia alguma angústia. Conta o quanto ficou preocupada, quase espantada, ao ver que não obstante o mundo todo tenha parado, e tudo parecia estar a ir mais devagar, com as despesas não acontecia o mesmo. Aliás, muito pelo contrário. Sentia-se quase bombardeada por elas e com a sensação de não conseguir pará-las. Como se fosse algo demasiado grande para ela. O empréstimo da casa, as despesas do dia a dia, os preparativos para o bebé e a relação com o dinheiro que não parecia nada humana.

*- “Foi uma sorte não ter perdido o emprego, nenhum dos dois. Pelo menos tivemos a possibilidade de estar um pouco mais tranquilos do que tantas outras pessoas. Foi muito mais claro quão necessário é este trabalho, mas, mesmo assim, muitas vezes falávamos na possibilidade de mudar de emprego. Trabalhar só para chegar ao final do mês, sem que te sobre nada, estar vedado em todas as restantes partes da tua vida. Não é que não queira trabalhar, mas quero ter o direito a não destruir a minha vida por estar a trabalhar. Começou a tornar-se mais claro o que é que mais nos interessava. Em primeiro lugar o bem-estar, a nossa saúde, porque é isso mesmo que nos permite uma outra qualidade de vida. Não quero que o trabalho me tire todo o entusiasmo e a vontade de viver.”*

Segundo a sua perspetiva, se continuassem a dar-lhe a possibilidade de trabalhar a partir de casa na maioria dos dias, até que aceitava. Teria não só mais direitos, mas também conseguia trabalhar melhor, sem o estresse ou a pressa de acabar para ir à vida verdadeira. A sua empresa está mesmo a considerar isso, sendo que as equipas todas trabalharam até melhor de casa, mas a do Davide não, e isso faz a diferença para Matilde. As suas prioridades incluem as do Davide e agora irão incluir também mais uma pessoa. Nesse sentido, conta-me que começaram a falar mais seriamente sobre a

possibilidade de vir viver em Forlí. De deixar Milão, embora, claro, o prestígio dum trabalho em Forlí não é a mesma coisa dum em Milão, capital do Design em Itália. Mas isso, neste momento, é secundário para eles.

*- “Do carro aí praticamente nunca precisas e podes ir a qualquer lado de bicicleta ou a pé. As casas custam muito pouco e os empréstimos são bem baixos, se comparados com Milão. Estás sempre rodeado pela natureza e não por prédios. Em 20 minutos estás na praia, no campo ou na montanha. Tens um ritmo mais tranquilo. Pelo menos, isso é o que espero. Nunca trabalhei aí. Mas as pessoas que conheço, a maioria dos dias acabam mesmo às 18h o dia de trabalho. Estão mais serenas do que as pessoas em Milão.”*

Matilde também reflete sobre a importância que este ritmo tem para a sua vida pessoal e social. Durante o estado de emergência, nunca sentiu tanta saudade de sair com os amigos ou à noite. Diz que ela é solitária por natureza, que gosta de tirar tempo para si e que muitas vezes gosta de sair sozinha ou só com o Davide. Ao mesmo tempo, parece-lhe que nos últimos anos, desde que começou a trabalhar, começou a ser mais reservada e a ter menor vontade de estar com as outras pessoas. Também estar com o Davide às vezes lhe custava, porque só precisava de ter um espaço para ela e para descansar quando voltava para casa. Estar fechada em casa, com o direito a ter ritmos mais “humanizados” deu-lhe a possibilidade de aprofundar, melhorar, aproveitar da relação que tem com o Davide. De confirmar a beleza da relação também. Conta que isso não foi dessa maneira para todas as pessoas que tinha à sua volta.

*- “Havia amigos e amigas que não estavam nada bem em casa, com o próprio companheiro, com a família. Alguém quase que fugiu. Outros saíam todos os dias com a desculpa de ir ao supermercado comprar alguma coisa, porque era a única forma de aguentar isso. Às vezes é mesmo difícil perceber como estamos com este ritmo desumano do dia a dia. Como estamos connosco, com aqueles com quem convivemos. Com a nossa vida.”*

Entre as várias consequências do ritmo de trabalho que tem sido a normalidade nos últimos anos, as várias consequências evidenciam várias vezes o impacto que teve e que ainda têm no aspeto relacional.

- *“Quero voltar a ter mais espaço para sentir a vontade de ter uma vida social. Se não estiver em paz comigo, não consigo estar tranquila com os outros. Também a avaliar pelas conversas com os amigos, sempre sobre o trabalho. Quero ser mais profunda, quero ter maior profundidade na relação e nas conversas, mas isso só é possível se tiver a possibilidade de viver verdadeiramente.”*

Afirma que não voltaria nunca ao ritmo de antes, agora que está para ser mãe ainda mais. Com sorte estará de licença de maternidade por alguns meses e, aos poucos, vão vendo se alguém responde ao curriculum que começaram a enviar para se mudarem para a Romagna. Talvez já tenha passado o tempo de Milão.

### **Agostina**

- *“No geral senti muito forte a atmosfera que estava à minha volta. Aquela ansiedade, aquele medo. Senti-me no lugar dos que morriam, dos que estavam sozinhos. Lembro-me de quando se começou a levantar a hipótese de uma quarentena. Estava no meio das pessoas e comecei de repente a sentir-me profundamente triste, pensando na falta que poderiam fazer-me. Não ter uma relação, não se poder olhar, não se poder abraçar, não poder sentir serenidade ao estar no meio das pessoas. Abraços, contactos, sorrisos, tudo começou a faltar fora de casa. E quando saíamos tínhamos que estar reservados, em alerta contínuo sem espontaneidade.”*

A Agostina começa contando sobre o que experienciou quando ainda tudo parecia novo, quando ainda nem se sabia o que significava, na prática, a palavra “quarentena”. A relação com as pessoas com as quais convivia na cidade, a relação com o exterior da própria casa, era um dos aspetos que mais a preocupavam e que mais a deixavam surpreendida. Ficou também a refletir e a sentir preocupação, quase angústia, ao pensar que poderia ser causa de doença para os outros, ou de poder ficar doente estando em contacto com outras pessoas. Começou a ver a morte como algo de real e próximo, não só para ela, mas para todos os que conhecia e que estavam à sua volta.

- *“Tudo o que entrava em casa tinha que ser desinfetado. Nunca te sentias verdadeiramente protegido. Cada dia uma notícia diferente. Uma regra diferente. Vivíamos mesmo na incerteza de tudo nos primeiros tempos. Com sorte o pai e a Vittoria*

*saíam para trabalhar, o que pelo menos lhes deu uma sensação de continuidade com o antes.”*

No meio da confusão toda que havia nos primeiros dias, de regras, de conhecimento sobre a doença, de previsão sobre o futuro próximo, tornaram-se centrais para ela temáticas como o sofrimento, uma vida em saúde, a morte. Refletir sobre isso estava presente diariamente, e não só pensando em si. Diz que as pessoas em quem mais pensava eram os idosos, os que não tinham ninguém, quem estava sozinho, quem não tinha uma casa, quem não tinha nada para comer. O que mais lhe chamava a atenção era a questão da solidão. Isolamento imposto como regra, como forma de abordagem à doença, como estilo de vida para muitas pessoas.

*- “Pensava em quem não tinha ninguém. Sozinho em casa, isolado. Talvez positivo e obrigado a estar fechado. Dependia dos outros. Dependia dos voluntários. Não podia verdadeiramente escolher, não tinha verdadeiramente alguém que o apoiasse. Sem a família por perto, ficas sempre com a necessidade de depender das escolhas dos outros em caso de dificuldade.”*

A importância da relação para o próprio bem-estar diário foi algo que acompanhou a Agostina ao longo de todos os meses do estado de emergência, e que também irá sublinhar várias vezes durante a entrevista.

Muito marcante foi também o aperceber-se da sua relação com o espaço público, da importância dessa relação. Durante a conversa, nos primeiros minutos, depois de ter relatado as primeiras reações à pandemia, virou-se a olhar para mim de forma mais determinada e com a voz mais firme.

*- “Isso, queria mesmo dizer isso. O não ser dona da própria cidade, da própria rua. Sentia-me expropriada do que dava por garantido. Isso. Atravessar uma rua, não podias, porque o máximo permitido era o perímetro da tua casa. Tinha a necessidade de me reapropriar dos meus movimentos internos e externos, de não me sentir limitada nas minhas capacidades de decisão. Sentia-me expropriada da minha vida e do lugar onde vivo. Pelo menos em casa não tínhamos estas restrições e conseguíamos salvar-nos”.*

Em casa a vida era tranquila e até prazerosa, livre. O contraste com a redução dos direitos e com a angústia presentes no mundo fora de casa tornou-se gritante para ela

e deixou-a com um forte sentimento de injustiça e indignação. Acredita que ainda não estejam livres e que a liberdade seja mesmo o que está a ser tirado às pessoas. A liberdade de ter direitos e de viver. Sobretudo falando da liberdade no espaço público, mais do que da liberdade no espaço privado. Diferente possibilidade de se mexer, de poder escolher, de poder estar com os outros. Em casa tinha a possibilidade de sentir-se mais ou menos livre e até tinha tempo à disposição. Diz que a casa se tornou importante para todos. O cuidado da casa, a vida em casa. Todos tentavam tornar mais prazeroso o tempo que estavam obrigados a passar lá dentro. Cozinhavam em continuação e experimentavam coisas diferentes cada dia e cada um à sua maneira.

- *“Começámos a dar mais atenção à comida, à autenticidade dos ingredientes, à essencialidade na cozinha. Sentia esta importância da essencialidade muito presente. O que importava era estar em harmonia, ter algo para comer que fosse saudável, mas sem exagerar, estarmos juntos à noite, ter o prazer de jogar juntos, dar atenção ao outro. Voltarao essencial, às coisas genuínas. O que senti como mais essencial foi a relação com os outros.”*

Conta o quão importante foi o ficarem juntos, para voltar a recuperar as relações, com todos, mas em especial com o Franco. Sem o problema da escola as discussões não se apresentavam e o Camillo era um ótimo elo de ligação entre ele e os pais. Conseguiram colaborar entre todos para melhorar a relação que cada um tinha com o outro, para criar um ambiente mais harmónico entre todos os membros da família. Neste sentido, a Agostina acredita que ter a possibilidade de brincarem juntos foi mesmo revelador de muitos aspetos do carácter dos seus filhos, da sua filha e do seu marido. Algo que foi bonito de descobrir desta forma e que lhes deu a possibilidade de se conhecerem melhor e de se tornarem ainda mais próximos.

- *“Tínhamos pontos fixos. Durante o dia, cada um estava na sua, mas à noite, estávamos juntos. Todos dedicávamos a noite a estar juntos e mais nada. Estávamos na relação. Foi bonito também jogar mais e deu-nos a possibilidade de nos conhecermos melhor através da brincadeira. Foi muito bonito.”*

Teve alguma preocupação em relação ao dinheiro, ao futuro dos filhos, à incerteza social que a pandemia estava a criar, à morte, mas afirma várias vezes ao longo da conversa, que no final o que mais importa, a seu ver, são as relações e a qualidade das mesmas. O

não estar sozinho, mas ser uma pequena comunidade. Falando a nível do dinheiro, diz que reparou quanto gastavam a mais, para não ter tempo, ou porque iam para além do que é essencial. O medo da morte também estava muito presente, mas isso, da mesma forma, vinha em segundo lugar em comparação com a relação com os familiares. Na altura de abertura das viagens entre as regiões, abriu-se a possibilidade de visitar a Matilde o que podia representar um grande risco, residindo ela numa das áreas mais afetadas.

- *“Mas prevaleceu a vontade e o desejo de estarmos juntos. Se nos deixamos paralisar pelo medo, deixamos de fazer tudo.”*

A vida é um risco, isto é assumido no conceito de vida em si, segundo a perspetiva da Agostina. Parece-lhe absurdo deixar de viver porque podíamos correr riscos de morte. Acredita no facto de podermos morrer em qualquer momento, isto faz parte. O que importa para ela é perceber como uma pessoa quer viver, o que é importante e o que nos deixa felizes. A relação com a filha, com a família, é para ela algo sagrado. O assunto espiritual e existencial também pode ficar de lado, em segundo lugar, se comparado com a família.

- *“O trabalho a nível espiritual foi algo que surgiu e continua a surgir como muito evidente e influente. Já estava no caminho, mas tornei-me muito mais consciente disso. Voltou a lembrar-me do facto que a nossa vida nesta Terra não é eterna e que percursos como o que tinha começado são essenciais. Depois, fazê-los e ter espaço para isto, é outra coisa. Primeiro as necessidades da família.”*

A Família e também a liberdade. Conta como foi o seu primeiro passeio de bicicleta, logo que deram a possibilidade de sair. De quanto foi bonito voltar a fazer as mesmas coisas, mas com uma consciência e uma gratidão diferentes. Sem ter o peso de pensar que talvez estivesse a fazer algo não permitido. Fala da saudade que tinha dos espaços verdes, de se mexer no verde, acreditando que as crianças pequenas deveriam ter tido este direito garantido também durante a emergência. Poder rebolar-se na relva...

- *“Voltar a fazer o que fazia em grupo. Foi muito lindo. Até porque já tinha pensado na possibilidade real de não voltar a ver aquelas pessoas, de não poder voltar a encontrá-las. Infelizmente, ainda há muita tensão nas relações. Não somos espontâneos. Não*



*podemos tirar a máscara, não podemos sorrir, estamos ainda presos. A Liberdade, quanta saudade da Liberdade!”*

Diz considerar a liberdade como a possibilidade de escolher, de estar, de movimento, de estar com os outros como e quando quer. Acredita fortemente que ainda não estejam livres e que isto seja aquilo de que sente mais falta neste momento. Para si e para os outros. Liberdade de estar, de se mover, de escolher a forma de se relacionar com as leis conforme ao próprio raciocínio, como aconteceu também com o casamento da Vittoria.

*- “Os casamentos eram permitidos. A Vittoria e o Luca estiveram dentro das regras, absolutamente. Talvez alguma pessoa a mais..., mas não em exagero. Não foram cento e tantas pessoas!”*

### **Alfonso**

O Alfonso articula o seu discurso dividindo as suas memórias entre a esfera do trabalho e a da família.

Começa por falar do que significou trabalhar durante o estado de emergência, durante a pandemia. Relata a sensação que tinha enquanto profissional, sobretudo nos primeiros tempos, ao ouvir as conversas, as emoções e os pensamentos que via surgir nos outros no seu trabalho. Diz que, do ponto de vista médico, o que sentiu como mais prioritário ao longo do estado de emergência foi a saúde das pessoas, a tutela e a garantia da saúde. Isto é sempre verdadeiro para o trabalho médico mas, de alguma forma, acha que não saber o que eram as boas práticas naquela situação tornava isso muito mais presente nos seus pensamentos e nas suas reflexões. Diz que foi muito difícil abordar isso, sobretudo no início, porque ainda não se sabia quase nada. Estavam numa incerteza geral. Sem nenhum dispositivo de proteção individual ou sem indicações claras sobre como poderiam agir. Ele e os outros médicos de família com quem costumava trabalhar e que conhecia bem tentaram ser mais colaborativos possível entre si e adotaram, sobretudo no início, uma postura de prudência ao entrar em contacto com as pessoas. Conta que boa parte do trabalho se transformou num trabalho virtual, pelo telefone. Uma abordagem muito complexa, na sua perspectiva.

- *“Não era simples porque as pessoas tinham que ser contatadas, tranquilizadas, apoiadas. Tinha que lidar cada dia com o medo das pessoas, pessoal administrativo incluído. Medo da precariedade da vida, do próprio trabalho, do bem-estar da família, pessoal. No meu trabalho enfrento diariamente a temática existencial, mas naquele momento tornou-se mais marcante e presente para muitos.”*

Trabalhar em contacto com as pessoas e com tudo o que a pandemia despertava nelas foi algo de muito desafiante para o Afonso. Em seu entender contribui também o facto de sempre ter enfrentado estes assuntos de forma presencial, o que limitava muito a sua capacidade de entender quem estava à sua frente e de os apoiar sentindo que estava a fazer o seu melhor. Isso gerava por vezes nele alguma frustração, mas aos poucos foi-se habituando, também porque assuntos como estes tornaram-se onnipresentes para todos. Diz que reparou como quase ninguém pôde deixar de refletir sobre a própria existência, sobre a vida humana, porque havia, continuamente, situações com que todos se confrontavam que os levavam a pensar na vida e na morte. Acha que, de certa forma, para muitas pessoas isso transformou-se numa ocasião para voltar a dar mais importância aos aspetos da própria vida e da vida dos outros. A presença e a importância dela tinham também lugar ao nível familiar e pessoal.

- *“Também em casa, perante a incerteza do futuro, redescobrimos uma reflexão sobre a nossa vida e sobre a morte. Acho que aconteceu isso com todos, de forma expressa ou não, a possibilidade de refletir sobre o valor da existência. Foi importante para criar uma certa ordem no caos. Para perceber que estamos aqui neste mundo de passagem e que temos que fazer emergir o que é o nosso sentir da vida.”*

Na própria casa tinha a possibilidade de ir mais a fundo, de explorar mais e de forma partilhada as reflexões que se iam formando nele sobre estas temáticas. Conta que conseguiram partilhar os espaços, as reflexões, conseguiram estar juntos. O facto de estarem fisicamente e por muito tempo juntos capacitou-os para fazer isso. Refletindo sobre os meses de confinamento passados com os familiares, aponta como isso até lhes permitiu voltar a descobrir as boas dinâmicas de relação que se tinham perdido um pouco por várias razões. Em primeiro lugar, por causa da pouca partilha física, até, na convivência durante um normal dia da semana, quando cada um tinha os seus ritmos, por vezes desencontrados.

*- “Certeza que a partilha do tempo, o estarmos juntos, fisicamente, nos trouxe uma diferente qualidade de relação. Demos mais tempo e importância a isso. Confrontamo-nos mais, de forma descomprometida e profunda. Depois, cada um tem as suas elaborações pessoais, o seu caminho, a sua fé, a sua educação, a sua sensibilidade, mas acho que foi um momento de riqueza e crescimento para todos.”*

Usualmente o Afonso não tem muito tempo livre e o redescobrir da possibilidade de ter tempo para si em casa levou-o também a refletir sobre a forma como usa o seu tempo. Neste sentido, diz que não sabe qual a resposta certa em relação a isso. Não sabe qual a forma mais correta de gerir o próprio tempo, mas acha importante usá-lo para tentar dar e fazer o seu melhor, tentando finalizar tudo na direção de algo belo e bom, para si e para os outros. Aprendendo consigo e com os outros. Mais do que uma resposta, considera isso um caminho, um objetivo, e a situação pandémica estimulou-o a voltar a refletir sobre isso e a lançar o debate sobre o que costumava fazer.

*- “Tendo uma intenção, um objetivo, enriquecendo as nossas relações e o nosso viver no quotidiano, podemos voltar a dar luz a coisas que normalmente não consideramos. Infelizmente o mundo nos leva-nos a ser mais superficiais. Numa época de consumo as prioridades são outras e esta sociedade nos leva a sedar e modificar a perceção que temos da vida e da relação. Senti este momento como muito forte, para todos. Acho que momentos como este não se podem perder facilmente.”*

Acredita que o mundo nos leva-nos a negar o desenvolver natural da vida. Continua apontando a sociedade de consumo e do comércio como responsável dessa distorção. Acha que nos deixa como que drogados. Diz que estamos assim sedados, que nem nos apercebemos que as coisas passam, que a nossa vida passa, e que há algo que vai para além da beleza, da carreira, do sucesso, do poder, de tudo o que vê ser priorizado na sociedade na qual vivemos. Lembra-se ao falar duma frase o que ouvia os seus pais dizer várias vezes: “Vida breve, morte certa, do morrer a hora é incerta. Só uma alma temos, se a perdemos, o que fazemos? Acaba tudo, acaba cedo, a eternidade nunca acaba.” A temática da eternidade foi algo que voltou a surgir muito nas suas reflexões. Voltou várias vezes a perguntar-se o que é que podia significar, o que é que fica mesmo no mundo quando a nossa vida acaba, o que é que dá sentido à vida e que rege tudo. Acha que não podemos pensar que conseguimos entender tudo, mas o facto de pensar em

algo de eterno, de acreditar que exista alguma coisa que vai para além das nossas vidas materiais, deixa-o em paz, com felicidade e com uma alegria profunda. Para ele, representa algo encantador e apaixonante.

*- “A vida passa, nem dei conta. Até há pouco tempo éramos crianças. Os anos passam ainda mais depressa para nós que vos vemos crescer. Fico a sentir e a perceber cada vez mais a importância de me orientar na direção que dê valor às nossas vidas, no agora e no depois. O que para mim significa a confirmação de que Cristo é uma verdade, uma verdade de amor.”*

Continua afirmando que para ele a vida é um momento de passagem ao qual somos chamados para ser um lugar de partilha do amor. O ser partilha de amor é, a seu ver, o caminho que lhe ensina a prática religiosa e que tenta pôr em prática diariamente, inspirando-se também no que lê nos textos sagrados ou que ouve dizerem as pessoas que reconhece como guias espirituais. Nesse sentido, falando do amor, diz que se sente responsável pelos seus filhos e pelas pessoas que tem à sua volta. Quer tentar dar uma pequena semente de amor, que é, para ele, algo eterno.

*- “Depois claro que a percepção disso é pessoal, mas parece-me importante partilhar o que sentimos e pensamos em relação a isso. Eu pessoalmente sinto-me alguém que, embora mais velho, estou ainda em caminho e que partilha o seu caminho com os outros. Não sinto ter mais do que os outros para ensinar, aliás, muitas vezes os mais novos conseguem ver e perceber coisas que eu não consigo.”*

Perceciona como importante continuar este caminho de partilha e de reflexão sobre a vida, sobre o seu sentido, sobre os seus porquês. Vê na possibilidade de partilhar isso com quem está à sua volta, uma riqueza e uma possibilidade de amor por si, pelo outro, pela relação. Diz ter sentido uma grande mudança e um enriquecimento das suas reflexões e do seu sentir desde que começou a partilhar mais com os familiares durante o estado de emergência.

Volta, enfim, a falar da situação pandémica, acreditando que ainda não saímos da situação de extra-ordinariedade e que ainda não sabemos como e quando irá acabar. Sente ainda a presença de muitas incertezas nas conversas das pessoas ao seu redor, no trabalho e na vida pessoal. Subsistem muitas dúvidas em relação aos afetos, ao trabalho,

à possibilidade de planejar e projetar. Ainda não está nada claro, mas ao mesmo tempo acha que isso pode ser clarividente, se usarmos este tempo para perceber melhor a nossa perspectiva de vida, o que é central para nós e de que forma queremos estar no mundo.

Logo depois de ter acabado a conversa com o Afonso, começámos a preparar-nos para sair jantar fora. Estávamos eu, ele e a Agostina de viagem na Sicília. Vou ao meu quarto e poucos segundos depois oiço bater a porta. É o Afonso.

- *“Luisa, esqueci-me de algo. Acho que é importante. Uma coisa rápida. Posso continuar? Queres voltar a registar?”*

- *“Uma coisa importante que não disse e que é fundamental para a vida. Sobretudo falando das relações. Apercebi-me da importância do perdoar. Do aceitar o outro. Do perdoar os outros e de perdoar a nós mesmos. Não acho que possamos viver uma relação em profundidade e uma vida intensa sem este aspeto. É uma volta à chave essencial. É sempre o amor.”*

### **Olhando à distância**

Em tempos excecionais, as pessoas podem ser forçadas a dar um passo atrás nos próprios quotidianos, muitas vezes vividos sem espaço de reflexão, e a começar a pensar, entender, trabalhar sobre e responder a certos dilemas, questões existenciais (Zharkevich 2017).

As trajetórias de ação nas quais os atores sociais reconfiguram modelos de pensamento e de intenção têm como base também desejos e expectativas futuras, que se desenvolvam em torno de um imaginário de “vida boa”, específica de cada contexto cultural, social e histórico.

Nesse sentido, a ordem numa construção social é mantida também graças aos perigos que a ameaçam (Douglas 1966). A cultura, no sentido dos valores públicos e padronizados numa comunidade, medeia a experiência dos indivíduos. Fornece-lhes, à partida, algumas categorias básicas, uma esquematização positiva na qual ideias e valores se encontram dispostos de forma ordenada. Por fim, e sobretudo, a cultura exerce uma certa

autoridade, podendo direcionar o que é percebido como bem-estar, como perigo, como impureza ou como ideal, em relação ao qual se direcionar (Douglas 1966).

Com o surgimento do contexto pandêmico e do estado de emergência em Itália, a rotina diária de aceitação mais ou menos acrítica do significado da vida foi interrompida pela presença duma doença onipresente que, insidiosamente, se podia assentar nos corpos dos sujeitos. Cada cidadão foi então chamado para alterar completamente a própria vida, em nome da saúde, do bem-estar coletivo.

As experiências de saúde e da ausência da mesma, embora enraizadas também nos indivíduos, assentam na produção social e cultural do conceito de saúde (Quaranta 2006).

Segundo a definição da Organização Mundial da Saúde, entende-se por saúde a presença do máximo bem-estar mental e social, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade (“DECLARAÇÃO DE ALMA-ATA,” n.d.).

A doença, a saúde, quando concebidas como processo social, inscrevem-se nas vidas individuais principalmente através das limitações exercidas na capacitação dos sujeitos, entendendo a capacitação como a liberdade de realizar combinações alternativas de funcionamentos, do que cada pessoa pode desejar ser ou fazer (Fassin 2000; Das 1997; Farmer 1999; 2003; Csordas 1990; 1994; Taussig 1978; 2006; Sen 2001).

Margaret Lock e Nancy Scheper Huges em *“The Mindful Body”* (1987), falando nas dinâmicas de produção da saúde, teorizam o que definem como “paradigma dos 3 corpos”.

Segundo as autoras, o corpo pode ser pensado em 3 diferentes níveis, o individual, experiência subjetiva do self, o social, determinado pelas simbologias que plasmam culturalmente a experiência da subjetividade e o corpo político, entendendo com isto o papel do controlo e da coerção exercida pelas estruturas de poder capazes de empoderar e legitimar, ou não, saberes específicos, experiências, intenções e práticas (Scheper-Hughes, Nancy; Lock 1987).

O ser em saúde não é só o produto da história e da sociedade, mas também sujeito ativo na produção de significados culturais e de experiências. Não é simplesmente constituído

de e por práticas e discursos sociais, mas é também o território vivido e que dá vida a tais discursos e práticas (Csordas 1990; 1994; De Martino 2017; Quaranta 2006). A construção da saúde ou da doença é, portanto, lugar onde entram em relação profunda processos políticos, culturais, sociais, económicos e individuais. A medicina pode participar na construção da realidade social em termos funcionais de conservação duma particular ordem política, social e cultural, mas, ao mesmo tempo, as pessoas, através das próprias construções e experiências de saúde e doença, podem agir em oposição ou em linha com a estrutura (Fassin 2000; Illich 1975; Quaranta 2006; De Martino 2017; Sontag 1978).

*“Decretaria eu o fim dos abraços e apertos de mão entre as pessoas, se isso salvasse a minha própria vida?*

*Qual o caminho certo para viver? Qual o caminho certo para morrer?*

*Quanto da vida queremos sacrificar no altar da segurança? Se isso nos mantiver mais seguros, queremos viver num mundo onde os seres humanos nunca se reúnem? Queremos usar sempre máscaras em público? Queremos ser examinados clinicamente cada vez que viajarmos, se isso salvar um número de vidas por ano? Estamos dispostos a aceitar a medicalização da vida em geral, entregando a soberania final sobre os nossos corpos às autoridades médicas (conforme selecionadas pelas autoridades políticas)? Queremos que todos os eventos sejam virtuais? Quanto estamos dispostos a viver no medo?”*

No contexto de pandemia por Covid19 e de estado de emergência, com a paragem da vida habitual, muitas pessoas em Itália começaram a refletir sobre temáticas existencialistas, sobre que rumo queriam dar à própria vida, sobre quais os ideais de “vida boa” e saudável. Os sujeitos da pesquisa, as pessoas ao redor deles, desde os conhecidos, até aos assistidos pelo Afonso no centro de saúde, também.

Se momentos excecionais podem ser considerados lugares propícios para isto surgir, o foco sobre o bem-estar e a saúde, sobre a mortalidade e a doença, que a situação histórica impôs, tornaram tais reflexões ainda mais prioritárias.

Irei dividir a análise do material recolhido durante o trabalho etnográfico virtual e as entrevistas presenciais em quatro diferentes áreas.

Em primeiro lugar, irei abordar brevemente quais os aspetos da relação com o poder e com as dinâmicas da macroestrutura na qual os sujeitos inscrevem as suas próprias vidas, que se tornaram prioritárias e visíveis para os sujeitos da pesquisa. Irei depois considerar a temática ligada às intenções, desejos e posicionamentos perante a direção que queriam dar à própria vida. Finalmente irei abordar a corporeidade e a comida, pois parecem-me temáticas centrais no discurso dos sujeitos e determinantes para as mudanças nas ações dos mesmos.

Embora cada sujeito tenha o seu próprio posicionamento e narrativa, conforme a própria personalidade, género, história de vida, faixa etária, há muitos elementos em comum que surgem no presente trabalho.

### **A perceção do sistema de poder/macroestrutura**

Com a imposição das máscaras para enfrentar a situação pandémica, muitas foram as máscaras que caíram falando das dinâmicas de controle de população e das coerções realizadas pela macroestrutura dominante. Já presente em muitos casos antes do começo do estado de emergência, os limites da estrutura na qual vivem emergiram de forma mais clara para os sujeitos, durante o período passado em casa.

Refiro-me neste sentido, à cultura neoliberal e ao impacto que tal doutrina político-económica tem nas vidas das pessoas individuais e na sociedade ocidental.

As sempre crescentes desigualdades sociais e o predomínio do dinheiro sobre os direitos foram um aspeto muitas vezes sublinhado pelos sujeitos da pesquisa. Isso não só falando a nível do impacto dos distanciamentos económicos na possibilidade de viver uma vida em saúde, em condições dignas, de perseguir de forma capacitada as próprias intenções e desejos, mas também em relação ao impacto que as medidas tomadas para a contenção da infeção estavam a ter.

*“Não foi igual para todos, absolutamente. Há pessoas que moram numa vivenda e pessoas que vivem num buraco. Os meus amigos que moram num buraco*



*enlouqueceram, os que tinham jardins imensos deram-se maravilhosamente. Na vida ter dinheiro importa e faz a diferença...”*

*“Há pessoas que não se conseguem mexer, fechadas em casa, sem comida. E os que precisam de medicamentos? E de ir levantar o salário? Como vão fazer?”*

Tornou-se manifesto como as consequências que estas tinham não eram iguais para todos, tendo maior impacto em quem já vivia em situação de vulnerabilidade socio-económica. Da mesma forma, foram-se apercebendo de como, também durante o apelo à solidariedade e à coletividade, se tornaram mais profundas as desigualdades económicas entre quem ficou impossibilitado de trabalhar, entrou em situação de desemprego e quem aproveitou isso para aumentar ainda mais os próprios proveitos.

*“Pela felicidade dos vendedores”.*

*“.. Os ricos nunca irão renunciar ao próprio dinheiro para os outros.”*

*“Eles também precisam de trabalhar”.*

Nesse contexto, os poderes políticos foram deslegitimados várias vezes, apontados como incompetentes na sequência das medidas tomadas e na sua incapacidade de resolução ou, pelo menos, de coerência e credibilidade face à situação. Ao mesmo tempo, a estrutura política foi apontada como incapaz de confiar nas capacidades de autogestão, intelecto e ação dos cidadãos e das cidadãs, que sentiram estar a ser tratadas como crianças incapazes de perceber os limites e sem o direito de, dentro da tomada de consciência crítica da situação, perceberem de que forma podiam continuar a viver a sua própria vida de um modo digno para si e para os outros. O que deixou não só um vazio estrutural, um sentido sempre crescente de insegurança e de desconfiança dos poderes políticos como garantes dos direitos, mas também uma limitação ao direito à cidadania ativa e solidária no âmbito de um enquadramento democrático.

*“Parece mesmo que nos tratam como se não déssemos importância à nossa vida e à vida dos outros. Estas pessoas também têm o direito de trabalhar. Se nos pomos, juntos, a tentar perceber quais as condições melhores para torná-lo possível, porque não o fazer?”*

*“Aham que não somos capazes de perceber os limites...”*

Os próprios trabalhos, revelaram-se pouco dignos, desumanos, construídos em nome da necessidade de ganhar para sobreviver às despesas que nunca param. Ficou evidente, de forma direta, no caso dos sujeitos trabalhadores ativos, ou indireta, para os que se iniciavam no mundo do trabalho, como tudo isto se transformava num viver para trabalhar e não em trabalhar para viver. Tendo como consequência a impossibilidade de poder aproveitar do próprio tempo e da própria vida, de poder dar importância ao direito ao próprio bem-estar físico, mental, relacional.

*“Foi uma sorte não termos perdido o emprego, nenhum dos dois. Pelo menos tivemos a possibilidade de estar um pouco mais tranquilos do que tantas outras pessoas. Foi muito mais claro quão necessário é este trabalho, mas, mesmo assim..... Trabalhar só para chegar ao final do mês, sem que te sobre nada, estar impossibilitado de fazer face a todas as restantes partes da tua vida. Não é que não quero trabalhar, mas quero ter o direito de não me destruir a vida por estar a trabalhar.”*

*“Já antes estavam a ser escravizados...”*

*“...Antes estava a afogar na minha vida...”*

*“O meu pai tem um trabalho fixo e isso deu-me a possibilidade de perceber as minhas intenções na vida, porque nunca tive que me preocupar em ter ou não ter comida ou um teto. Fico-lhe muito agradecido, mas para mim quero uma escolha diferente.”*

Foi apontada também como importante e central a revelação do que é vendido como necessário, quando é, na realidade, supérfluo e até alienante. A sociedade de consumo, a cultura do empreendedorismo individual, foram percebidas como as que afastam da possibilidade de viver de forma genuína e plena.

*“Infelizmente o mundo leva-nos a ser mais superficiais. Numa época de consumo as prioridades são outras e esta sociedade leva-nos a sedar e a modificar a perceção que temos da vida e da relação.”*

O isolamento, a solidão e a atomização social sempre crescente, foram também assuntos centrais, narrados na maioria das vezes como determinantes de mal-estar. Não obstante o medo e a angústia pela morte e o sofrimento, o que ficou sublinhado a priori foi o medo do isolamento, da solidão, apontados como os principais indicadores de vida boa.

*“Pensava em quem não tem ninguém. Sozinho em casa, isolado. Talvez positivo e obrigado a estar fechado. Dependia dos outros. Dependia dos voluntários. Não podia escolher verdadeiramente, não tinha realmente ninguém que o apoiasse.”*

Mais ainda, dentro do molde da cultura neoliberal, o espaço público, as cidades, transformaram-se num lugar de alienação e perigo. O direito à própria cidade enquanto espaço de vida comunitária e pública foi aos poucos retirado em nome da segurança individual, num processo de criação urbanística e arquitetónica por muitos definido como “cidade prisão”. As cidades vazias, o seu silêncio e a ausência da presença da comunidade, a insegurança, o medo e a desconfiança nos outros e no lugar público, como possível portador de doença e de morte, marcaram ainda mais tal dinâmica. A ansiedade perante as regras de circulação na cidade, a tristeza ao experienciar isso, como era de prever, foram marcantes.

*“De um modo geral senti como muito forte a atmosfera que estava à minha volta. Aquela ansiedade, aquele medo. Senti-me no lugar dos que morriam, dos que estavam sozinhos. Lembro-me de quando se começou a colocar a hipótese de uma quarentena. Estava no meio das pessoas e comecei de repente a sentir-me profundamente triste, pensando na falta que iria ter delas. Não ter uma relação, não poder olhar-se nos olhos, não se poder abraçar, não poder sentir a serenidade de estar rodeado de gente. Abraços, contactos, sorrisos, tudo começou a faltar fora de casa. E quando saíamos tínhamos que ser reservados, estar em alerta contínua, sem qualquer espontaneidade.”*

*“Sentia-me expropriada da minha vida e do lugar onde vivo.”*

A limitação do direito à liberdade de movimento, quer física quer emocional, foi uma temática várias vezes referida nos discursos da maioria dos sujeitos. Liberdade entendida como possibilidade de escolha, como capacitação à ação no respeito de si e dos outros. Enfim, a possibilidade de controle humano sobre a natureza, a possibilidade de domínio dos processos naturais através da tecnologia e do progresso, revelou-se uma ilusão. Quer pensando em questões como o domínio do ser humano sobre a natureza, também na possibilidade de “salvar o mundo”, quer falando da naturalidade intrínseca ao ser humano, sujeito a ciclos de envelhecimento, doença, perigo, morte.

*“O nosso planeta irá morrer. Já o sabemos. Claro que há práticas que estão a acelerar isso, mas mais tarde ou mais cedo irá morrer. Isso não vai depender do que eu posso fazer, há outras forças em jogo. Os que poderiam tentar ter um impacto nisso são aqueles poucos ricos que não deixarão de fazer o que fazem. E mesmo assim, antes ou depois acabará na mesma, quer eu faça reciclagem ou não. Ninguém na história da humanidade tentou salvar um planeta. Se no futuro haverá a tecnologia para bloquear um ciclo natural, muito bem, mas para já é só uma ilusão.”*

### **Intenções, desejos, prioridades**

No âmbito da tomada de consciência das injustiças sociais e políticas, da insegurança, da incerteza nas próprias vidas, da mortalidade intrínseca dos seres vivos, da impossibilidade de poder impor-se sobre o mundo só com vontade própria e boas intenções, os sujeitos da pesquisa tentaram encontrar a sua própria forma de resistência em nome dum ideal de boa vida.

Face à sensação de impossibilidade de ação livre, desligada das dinâmicas globais de poder, dos processos nacionais de construção da cidadania e da democracia, da falta de liberdade no espaço público, face à constatação do próprio estado de mortalidade e naturalidade, face à sensação de se verem impedidos de poderem ter uma ligação solidária e politicamente ativa com os outros e as outras cidadãs, os sujeitos tentaram encontrar soluções, intenções, ações que pudessem ir na direção dum ideal de vida boa, de forma a sentir que eram capazes de ter as suas próprias escolhas e ações.

*“Não podemos controlar tudo, e não sabemos praticamente nada.”*

*“Tudo o que entrava em casa tinha que ser desinfetado. Nunca te conseguias sentir protegido. Cada dia uma notícia diferente. Uma regra diferente. Vivíamos mesmo na incerteza de tudo, nos primeiros tempos.”*

*“.. quero focar-me sobre a sensação de que as coisas não são controladas por nós. A duração da minha vida, não a conheço, a do Luca também não.”*

*“..Medo da precariedade da vida, do próprio trabalho, do bem-estar da família, pessoal...naquele momento tornou-se mais marcante e presente para muitos.”*

A meu ver, ao perceber os limites do próprio agenciamento, não renunciaram a ter um papel ativo, não deixaram de negociar no quadro existente de relações de poder,

humanas e não humanas, na tentativa de ir ao encontro do que aspiram ter na própria vida, de direcionar as próprias intenções, práticas, ações, para um ideal de vida digna, delineado com base, também, nas próprias construções culturais.

Nesse sentido, voltaram-se para a própria localidade, para o próprio lar e para os aspetos em relação aos quais sentiam que eram capazes de ter ainda poder de escolha e resistência.

*“Tentamos estar juntos.”*

*“Temos que ficar unidos e ir para frente, um dia de cada vez, com esperança.”*

*“Temos a sorte de ser uma pequena comunidade.”*

*“Pelo menos em casa não tínhamos estas restrições e conseguíamos salvar-nos”.*

*“Eu, sim, claro, também refletia nisso, mas, talvez de forma mais egoísta, durante a quarentena eu pensava mais no meu “quintal”. Pensava e refletia sobre a minha vida e sobre a daqueles com quem partilhava a casa.”*

*“Não tive saudade dos almoços de domingo com a família, ou de sair a noite com os amigos...Estava tão bem com o Davide que não precisava de mais nada. Podíamos ser mesmo felizes com nada, só por estar juntos.”*

Os paradigmas culturais com base nos quais os sujeitos se constroem tornaram-se lugares de conforto e espaços onde conseguiram encontrar alguma possibilidade de resistência às imposições e à estrutura de poder. Determinaram quais os limites que não estavam dispostos a aceitar ou as dinâmicas que já não queriam ver acontecer nas suas próprias vidas, pois os sistemas culturais também moldam as imagens específicas de boa vida com as quais os sujeitos mapeiam o próprio percurso no presente, bem como a intencionalidade futura, como parte de ética de vida quotidiana (Douglas 1966; Appadurai 2011).

A reconstrução da própria agência em contexto pandémico permitiu uma espécie de empoderamento e constituiu a base de partida que permitiu aos sujeitos tentar continuar a perseguir os próprios projetos dentro de um mundo de dominações, desigualdades e limites (Glowczewski et al. 2006).

Os tipos de desejos, as intenções que as pessoas formam, variam intensamente de um mundo cultural para outro e o que pode acontecer de desastroso a um ser humano pode ser catalogado em função dos princípios que regem o universo específico da sua cultura, através da qual são construídos conceitos como sacralidade e impureza, a ética de vida boa a perseguir, ou não (Douglas 1966).

Refletir sobre tais pontos implica um diálogo entre a vida e a morte, a ordem e a desordem, o ser e o não ser.

No discurso de muitos dos sujeitos emergiu de forma clara a necessidade de dar ordem à própria vida, de escolher prioridades, de entrar em relação com as estruturas de poder desiguais, impuras, para encontrar o próprio caminho de autenticidade, essencialidade, em direção a um ideal de vida pura e “verdadeira”.

*“Ficou purificado”*

*“Ajudou a pôr ordem”*

*“Teve um grande impacto”*

A meu ver, os paradigmas culturais de partida mais marcantes para tal negociação foram os ligados à cultura católica, em particular à cultura da família, da relação que esta aponta como essencial para a construção duma vida boa e santa.

Não irei focar nesta análise os pontos críticos das relações de poder, simbólicas, dentro do mundo religioso ou familiar, e irei privilegiar como foco principal a forma como estas tiveram impacto nas ações dos sujeitos, no contexto específico do momento histórico em questão na pesquisa.

Amor como princípio guia e como ideal a perseguir para a própria vida, construído através da prática da relação dentro da família e da comunidade.

*“Nós apercebemo-nos muito cedo que aquela era a nossa prioridade. Fizemos uma opção de vida que nos permitisse ir ao encontro do que verdadeiramente desejávamos, para tomar o nosso lugar e para assumir que aquele lugar era junto...”*

*“Estar com as pessoas que amas, ser feliz.”*

*“Brava, a comunidade, a comunidade. Temos que ser comunidade. Somos comunidade. A comunidade é importante.”*

*“Voltar a fazer o que fazia em grupo. Foi muito lindo.”*

*“Mas prevaleceu a vontade e o desejo de estarmos juntos. Se nos deixamos paralisar pelo medo, deixamos de fazer tudo.”*

*“Quero voltar a ter mais espaço para sentir a vontade de ter uma vida social. Se não estiver em paz comigo, não consigo estar tranquila com os outros.”*

*“Equilíbrio entre tempo, dinheiro e cultivar as relações. Mais do que ser rico, prefiro ter tempo para estar com amigos e família.”*

*“Porque é que deveria ir-me embora, voltar a começar tudo do início, talvez perder momentos importantes que queria ter partilhado com os meus entes queridos?”*

*“Quero ter o direito de estar perto das pessoas que amo. Para já, nestas condições, é isso.”*

A partir desta base, o mundo pode ser dividido entre coisas e ações que podem estar sujeitas a restrições e as que não. As regras relativas ao sagrado destinam-se a manter a impureza, o perigo à distância (Douglas 1966). Mas os conceitos de puro ou impuro, relativos, repletos de significados simbólicos, podem ter origem em medos primordiais que definem e delineiam narrativas como possíveis fontes de salvação de tais angústias, entre as quais o medo da solidão e da perda da própria identidade (Bauman 2000; Leal 2015).

A relação como lugar de segurança a partir da qual se age em saúde, a nível mundial, é apontada como princípio essencial para o desenvolvimento pessoal em muitas teorias psicológicas, sendo também um dos pilares sobre os quais se constroem religiões monoteístas como a cristã (Leal 2015; Fonagy et al. 2015). Relação com os outros, com Deus, com o mundo, com a própria comunidade de fiéis com os quais se partilha um ideal e um rumo de vida.

A centralidade da relação com as pessoas para um ideal de vida boa foi algo frequentemente sublinhado por todos os sujeitos da pesquisa, tendo sido um dos motores da mudança no agenciamento e na intencionalidade dos membros da minha família.

Cada pessoa apontou como mudou a sua prática durante o estado de emergência e o próprio objetivo de vida, conforme a possibilidade de ter, ou não, tempo e espaço para relações de qualidade, de solidariedade com o outro.

Neste sentido, a família ou a construção duma futura família foram assuntos principais e lugares essenciais aos quais deram atenção, evidenciando-se como objetivos emergentes.

*“Cada pessoa nasce de uma história, e desta história eu percebi que para mim é importante a família e viver uma vida, adjetivo que repeti imensas vezes nestes meses, de acolhimento.”*

*“Quero morar em Forlí. Estar com os meus amigos de sempre e com a minha família. Ter assumido isso foi um passo fundamental”*

*“Começou a tornar-se absolutamente claro o que mais nos interessa. Em primeiro lugar estar bem, a nossa saúde, porque é mesmo uma outra qualidade de vida. Não quero que o trabalho me tire todo o meu entusiasmo e a vontade de viver.”*

*“A minha prioridade é encontrar um trabalho do qual gosto, não o que eu quero, são duas coisas diferentes, sei que há limites ... Não quero uma vivenda, mas ter dinheiro suficiente para comer, ter uma casa, estar com os meus amigos e eventualmente ter uma família. Quero ter o direito de estar perto das pessoas que amo.”*

*“Senti e percebi cada vez melhor a importância de estarmos orientados na direção que dê valor às nossas vidas, no agora e no depois. O que para mim significa que Cristo é uma verdade, uma verdade de amor.”*

*“Mas prevaleceu a vontade e o desejo de estarmos juntos..” “Primeiro as necessidades da família.”*

O cuidado da casa, da relação, a presença e o apoio mútuo perante os dilemas existenciais e as práticas quotidianas foram vividos de forma colaborativa e criativa, determinando a construção de rituais tranquilizadores à volta de momentos de prazer através da cozinha, do jogo, das conversas e da arte.

Com tais prioridades, as regras impostas pelo estado pandémico ou as regras e normas impostas pela cultura neoliberal, capitalista ocidental, tornaram-se marginais, até



impuras em relação à pureza e à sacralidade que assumiam determinadas práticas ou rituais. A pausa nas vidas quotidianas passadas antes a correr reforçaram o valor e a essencialidade da relação vivida com tempo e espaço, com profundidade e paciência para cuidar da mesma.

A circunstância de ter tempo e espaço para a relação consigo e com os outros tornou-se o motor da mudança dos seus objetivos de vida, determinando escolhas de presença no mundo extrafamiliar que não prejudicassem a sacralidade do lar e da comunidade de pessoas com as quais têm relações de solidariedade.

Mais ainda, os laços familiares não foram quebrados por causa do risco de contágio, assim como aconteceu no caso dos rituais percebidos como importantes para os manter vivos.

Não obstante o Afonso e a Vittoria estarem diariamente em contacto com sujeitos de risco, nunca foram isolados ou olhados como elementos a excluir, aliás, o sair para ir trabalhar até representava um elemento apontado como de estabilidade, de continuidade com o passado. Embora o encontro com outras pessoas pudesse aumentar as possibilidades do contágio e pôr em risco de sofrimento e de morte, a sacralidade do casamento e da sua vivência com a comunidade não foram deixadas à margem.

Para o ideal de vida boa, também dentro do contexto pandémico, a prioridade dada à construção da família foi particularmente evidente no caso da escolha em relação ao casamento feita pela Vittoria e pelo seu marido Luca, bem como as opções feitas pela comunidade de pessoas em seu redor, mais intimamente ligadas aos noivos, e que não renunciaram a manifestar a sua presença num dia sagrado.

O papel da construção da família, importante em particular para a figura feminina dentro do molde católico, foi assumido como evento no qual não podiam deixar de estar presentes os outros membros da família.

Embora declarados como marginais, também não deixaram de ter importância determinados códigos e práticas de construção da figura feminina neste ritual. O vestido, as alianças, a maquilhagem, a estética da esposa, foram elementos mantidos, embora não permitidos, estimulando assim a criação de laços fora da própria família, com elementos da comunidade que podiam fornecer serviços úteis para o ritual, de

forma escondida das autoridades, para manter viva também a própria possibilidade de sobrevivência econômica durante o estado pandêmico.

Da mesma forma que, para celebrar a etapa dos 60 anos da Agostina, não foi limitado o ingresso em casa das sobremesas preparadas pelos membros da família alargada, nem os presentes obtidos com a ajuda de costureiras “ilegais”, apesar de conhecerem as normas profiláticas estabelecidas.

O medo da solidão e o impacto desta na qualidade de vida das pessoas foram o que mais se revelou como importante para os sujeitos, mais do que o medo da morte. Mais do que a morte, o estar sozinho foi percebido como o maior perigo para as próprias vidas.

As pessoas que se encontravam sozinhas, sem apoios da família, foram as que suscitaram as maiores preocupações.

O medo de afrouxar os laços comunitários pôs maior ênfase na família e em escolhas de vida que pudessem permitir a continuação do cuidado a ter numa rede relacional, como opções sobre o lugar onde viver, o trabalho a realizar ou trabalhos a deixar de fazer.

Também em relação à pesquisa espiritual, as necessidades da família ou a realização da mesma de forma partilhada, comunitária, foram consideradas como prioritárias.

Embora com uma narrativa diferente, também o Franco, dentro da sua leitura do mundo, não deixou de sentir como possíveis, verdadeiras e importantes as lutas sociais e políticas que pudessem ir na direção, não de salvar o mundo ou de eliminar as diferenças de poder globais, mas de mudar as pessoas, de mudar o contexto relacional e local à sua volta, ou da sua comunidade. Sublinhou como um nível mais alto de direitos para os outros se reflete também no seu bem-estar e de como certos direitos têm que ser obtidos e reivindicados de forma colaborativa e construtiva.

*“Claro que certas lutas são importantes e não são uma utopia porque não querem salvar o mundo, mas mudar as pessoas. Estamos a falar de mudar a forma de viver para viver melhor, não de mudar o mundo. Aliás, deveríamos colaborar, senão é inútil. Apoiar-nos entre todos para reclamar os nossos direitos, isso é importante. Faz-me viver melhor. Sinto-me melhor se não houver racismo à minha volta, se não houver violência policial.”*

### **A corporeidade e o seu impacto na mudança das ações dos sujeitos**

Gostava de dar valor à corporeidade e considerar o impacto que esta teve, a meu ver, na determinação de uma mudança nas ações dos sujeitos da pesquisa.

O facto de estarem repentinamente fechadas em casa, obrigou as pessoas a entrar em contacto diariamente, quase 24h por dia, com quem são construídas pretensas relações de solidariedade e intimidade, com as próprias vidas extralaborais. Forçou-as a ter o tempo para viver a corporalidade na relação, para dar-lhe espaço. Mais ainda, para viver a relação com o próprio corpo, numa altura em que o corpo físico, saudável ou doente, era o centro dos discursos diários.

Na minha perspetiva, tal corporalidade foi um dos motores mais importantes da mudança no agenciamento de cada um dos membros da minha família, quer em termos da relação com a estrutura de poder, com o contexto social, com os seus entes queridos ou consigo mesmos.

Isto permitiu, segundo a perspetiva dos sujeitos, a reaproximação entre os membros, o reconhecer-se e a perceção de quanto a colaboração e a relação, experienciadas sensorialmente e fisicamente, constituem pilares na construção de uma vida saudável, tal a característica eminentemente “social” do ser humano.

A corporalidade permitiu o desenrolar duma vontade de interajuda e solidariedade sempre crescente, em ambos os lares domésticos observados durante a pesquisa.

Falando da Matilde, o estar corporalmente presente ao lado de Davide permitiu-lhe voltar a entrar na relação de forma menos individualista e egocêntrica. O facto de estar na presença do outro, dos seus ritmos de trabalho, o acompanhamento destes nos estados emocionais, pensamentos, levou os cônjuges a desenvolver uma relação de interajuda face às obrigações laborais e a empatizar mais com as dificuldades um do outro.

*“À diferença do que era habitual, dava para perceber quanto o outro tinha trabalhado naquele dia. Não era simplesmente enviar uma mensagem a dizer que se chegava a casa depois do jantar, porque ainda havia trabalho para fazer. Isso deixava-nos com imensa vontade de nos ajudarmos, de sermos colaborativos. De fazer algo para que o outro pudesse estar bem. O estarmos juntos levava-nos a ser mais empáticos, a pôr o outro no centro das nossas prioridades.”*

As discussões, antes quase diárias, desapareceram, deixando lugar para a gentileza e o altruísmo nas escolhas sobre o que fazer no tempo livre. O estarem fisicamente juntos, presentes com os corpos, despertou o surgir da empatia com o próprio marido, reaproximou os cônjuges e impulsionou práticas de solidariedade entre os dois.

Fez surgir a consciência de como o bem-estar do outro impactava no próprio bem-estar, tendo assim estimulado ainda mais uma união de propósitos e a partilha, o cimento de uma relação.

A relação foi sendo redescoberta também nas escolhas que os unia, no prazer em partilhar, em acompanhar-se, fisicamente, no percurso de vida.

*“Podíamos ser mesmo felizes com nada, só por estar juntos. O que me faltava mesmo era passear e estar na natureza.”*

*“Tive a possibilidade de ter tempo para mim, para fazer o que amo ... Comer bem, acordar bem, descansar mais. Ter ritmos humanos deixava-me mais feliz e tornava tudo mais simples. Preciso dos meus ritmos naturais, antes estava a atolar-me na vida que levava.”*

Mais ainda, isto foi estimulado não só pela presença de dois corpos juntos, mas também pela possibilidade de cuidar dos próprios corpos individuais, daquelas necessidades básicas de vida que tanto podem ter impacto na saúde dos indivíduos, e que resultaram da mudança das rotinas em estado de emergência. Contribuiu para se aperceberem da importância de cuidar do próprio corpo, dos alimentos que se consomem, dos ritmos com os quais os introduzimos no seu corpo, das horas de sono necessárias, do passeio diário na natureza, no mundo físico à sua volta. O comer, o dormir, o ter ritmos “humanos”, ajudou a voltar a estar em contacto com a própria vida relacional, não só enquanto parceiros, mas também enquanto futuros pais.

*“Podia aperceber-me melhor do que estava a acontecer em mim também. Estava mais relaxada e isto permitiu-me senti-lo mais cedo. Entrar mais cedo em contacto com o meu corpo. Deu-nos a possibilidade de ter mais espaço para falar de coisas que talvez no meio da pressa e da rotina teríamos desvalorizado, adiado, talvez discutido. Foi uma contínua descoberta do outro, do que pensávamos, das nossas perspetivas sobre a parentalidade,*

*sobre a vida. Não era usual voltar para casa imensamente cansada. Talvez que se assim tivesse sido, nem teria tido a força para reparar que a minha barriga estava a crescer.”*

O corpo relaxado e em saúde, foi o que a Matilde reconheceu como facilitador da relação com a maternidade, com o futuro filho e com o Davide enquanto futuro pai, algo que acredita poderia ter sido muito mais problemático e gerador de tensão dentro dos habituais ritmos de trabalho. Ter tempo para a própria corporalidade e entrar em contacto com esta aumentou as possibilidades de experienciar a gravidez segundo um padrão que Matilde entende como humano e natural.

Abriu-lhe também os olhos sobre o impacto que tais ritmos tinham na criação de relações sociais fora do lar doméstico para as quais Matilde diz nunca ter tido tempo quando submetida a uma não vida, e em relação às quais quase deixou de sentir prazer, por o trabalho aparecer sempre como assunto central dos diálogos.

*“Quero voltar a ter mais espaço para sentir vontade de ter uma vida social. Se não estiver em paz comigo não consigo estar tranquila com os outros. Também porque as conversas com os amigos são sempre sobre o trabalho. Quero ir mais além, quero ter maior profundidade na relação e nas conversas, mas isso só é possível se tiver a possibilidade de viver verdadeiramente.”*

O sentimento da importância da corporalidade na vida, consigo e com os outros, levou Matilde a considerar mudar de trabalho e de cidade, de sair da metrópole que a inseriu em dinâmicas laborais e urbanas de “não vida”, para ir viver em Forlì, não obstante as dificuldades em se lançar na incerteza em relação à possibilidade de encontrar trabalho. O que prevaleceu na sua intencionalidade foi o desejo de ir ao encontro do que, aparentemente, poderia trazer-lhe um bem-estar maior, porque com maiores direitos.

*“Tornou-se muito mais claro quão necessário é este trabalho, mas, mesmo assim, muitas vezes falávamos na possibilidade de mudar de emprego. Trabalhar só para chegar ao final do mês, sem que te sobre nada, arredado de todas as outras vertentes da tua vida. Não é que não queira trabalhar, mas quero ter o direito de não dar cabo da minha vida por estar a trabalhar. Começou a tornar-se evidente o que mais nos interessava. Em primeiro lugar estar bem, a nossa saúde, porque isso traz mesmo uma outra qualidade de vida. Não quero que o trabalho me tire todo o meu entusiasmo e a vontade de viver.”*

*“Aí, praticamente nunca precisas do carro e podes ir a qualquer lado de bicicleta ou a pé. As casas custam muito pouco e os empréstimos são bastante baixos, se comparados com Milão. Estás sempre rodeado pela natureza e não por prédios. Em 20 minutos estás na praia, no campo ou na montanha.”*

Finalmente, relata como, diferentemente do que aconteceu com ela e com o marido, para outras amigas ou amigos estarem fisicamente juntos permitiu-lhes aperceberem-se do facto que estão envolvidos em relações de suposta solidariedade que, na realidade, geravam mal-estar. Os corpos juntos impulsionaram tal consciência e, ao mesmo tempo, o corpo, movido para fora de casa, foi a estratégia encontrada para sair de tais dinâmicas, para ter um alívio e uma pausa na dinâmica de conflito.

*“Outros saíam todos os dias com a desculpa de ir ao supermercado comprar alguma coisa, porque era a única forma de aguentar isso.”*

Na casa de família em Forlì, da mesma forma a corporalidade permitiu aprofundar e desenvolver relações interpessoais. Até mesmo relembrar-lhe que era uma família e não apenas pessoas a conviver no mesmo espaço. Redescobrir as dinâmicas entre todos, reconhecerem-se através do jogo e da presença, das reflexões em conjunto. Aperceberem-se da beleza e do bem-estar que a relação podia trazer para as suas próprias vidas.

*“Todos dedicávamos a noite a estar juntos e mais nada. Estávamos na relação. Foi bonito também jogar mais e deu-nos a possibilidade até de nos conhecermos através da brincadeira.”*

*“Certeza que a partilha do tempo, o estar juntos, fisicamente, nos trouxe a uma diferente qualidade de relação. Demos mais tempo e importância a isso. Confrontámo-nos mais, de forma genuína e profunda”.*

*“Envolver os outros é uma grande forma de construir relações...Muito mais bonito do que agir sozinho, estou profundamente convencido disso.”*

*“Entras em contacto com os seus defeitos. É difícil, claro, mas aprendes também a criar uma sintonia incrível com aquela pessoa, quaisquer que sejam os seus defeitos.”*

*“O que importava era estar em harmonia, ter algo para comer que fosse saudável, mas sem obsessões, estarmos juntos à noite, ter o prazer de jogar juntos, dar atenção ao outro.*

*Voltar ao essencial, às coisas genuínas. O que senti como mais essencial foi a relação com os outros.”*

Levou a uma maior vontade em colaborar, quer nas tarefas e no cuidado da casa, quer na cozinha, indo para além da tradicional divisão de papéis com base na idade e no género. Para além da interajuda na gestão da casa e em tarefas tipicamente assumidas pela Agostina, a colaboração aumentou também em relação às dinâmicas familiares, sobretudo as que tinham a ver com o Franco. Aumentou a “porosidade” entre os papéise o irmão e a irmã foram considerados como essenciais, como elos de relação, como facilitadores da relação com os pais, da ajuda nas tarefas, da presença nos momentos de união familiar. A deliberada presença física de Franco à mesa estimulou também a descoberta do prazer de estar envolvido na família, o que aos poucos afastou a presença do *smartphone* também.

*“...Ou por exemplo as refeições. A Virginia sempre tentava envolver todos. No início eu e o Carlo dizíamos-lhe que pronto, já chegava de perguntas, mas aos poucos começámos a ficar mais tempo e quase não nos queríamos levantar da mesa do jantar. Tínhamos mais vontade de fazer coisas em conjunto. A sua determinação em relação a esse aspeto ajudou imenso. O que construímos continua presente e continua a crescer.”*

Quero também sublinhar como o virtual foi apontado, em particular pelos dois irmãos pertencentes a uma geração muitas vezes descrita como enclausurada numa vida virtual, um mundo no qual não é possível viver de forma feliz ou profunda.

*“Com os meus amigos era tudo virtual. Nós divertíamos-nos, criávamos novas experiências, mas não acho que aprofundássemos a relação. Com a minha família, em casa, sozinhos sim. Apercebi-me de quanto o estar perto ajudava nas relações. Pelo menos, o que experienciei é que a vizinhança permite-te aprofundar os relacionamentos. Claro, não é simples, mas aos poucos aprendemos a conhecer-nos, também nas pequenas coisas. Parece quase que se deixa de fingir e passamos a ser mais sinceros, quando nos mostramos por muito tempo.”*

*“...A presença física no mundo real é importante, não posso estar só no mundo virtual. Não é vida.”*

Ambos reivindicaram a importância da corporalidade na relação e na vida como determinante de bem-estar, afirmando como não iriam aceitar qualquer imposição que os tirasse do mundo real, físico. Mais ainda, como direito a uma vida que pudesse ser considerada efetivamente “vida”. A corporalidade foi central na definição do que é liberdade, descrita como movimento dos corpos, como presença dos corpos no mundo, como veiculada pelos corpos no meio real, no ambiente físico no qual os sujeitos experienciam a própria vida.

*“Mover-se é importante porque me dá a possibilidade de fazer o que gosto. Gosto de ver os meus amigos, de sair à noite, de estar com a minha namorada, de jogar a futebol.”*

*“Não ser dona da própria cidade, da própria rua, fez-me sentir expropriada do que dava por assumido. Isso. Atravessar uma rua, não podias, porque o máximo permitido era o perímetro da tua casa. Tinha a necessidade de me reapropriar dos meus movimentos internos e externos, de não me sentir limitada nas minhas capacidades de decisão. Sentia-me expropriada da minha vida e do lugar onde vivo.”*

*“Infelizmente, ainda há muita rigidez nas relações. Não somos espontâneos...Não podemos tirar a máscara, não podemos sorrir, estamos ainda presos. A Liberdade, quanta saudade da Liberdade!”*

*“Quero ter o direito de estar perto das pessoas que amo.”*

Assim como para a liberdade, os direitos foram muitas vezes descritos e narrados em relação aos corpos. Ao movimento dos corpos, a possibilidade de respirar, de se alimentar, de ter contacto com os outros corpos físicos de forma digna, de interajuda entre corpos, de poder escolher o que fazer com o próprio físico.

*“..Não se conseguem mexer, fechadas em casa, sem comida. E os que precisam de medicamentos? E de ir levantar o salário?”*

*“Direito a viver, a respirar, a estar com quem quero, onde eu quero, como eu quero, sem ir contra os direitos dos outros.”*

*“Faz parte da tutela da vida. Comida, casa, higiene, saúde. Se não fores autossuficiente ou se estiveres numa situação crítica a nível económico precisas de ajuda, também em pandemia. Estes são bens primários. Sem isso, estás morto. Há sempre riscos nas coisas*



*que fazemos e temos que perceber o risco menor. Há coisas que são mais importantes do que as regras.”*

*“Não posso fazer mais do que 2 filhos, assim porque sim. Se me explicarem que o terceiro de qualquer forma vai explodir logo que nascer, ok, aceito, não vou fazer mais do que 2, mas se for por algo com o qual não concordo, não vou aceitar.”*

Nesse sentido, também a corporalidade, a presença, foi o que impulsionou a aceitação ou não das regras.

*“..Consegues não ir ou impedir que os teus pais participem? Era mais importante ir, claro, do que seguir ao pormenor a regra.”*

*“Prevaleceu, assim, a vontade e o desejo de estar juntos...”*

*“Tudo foi demais. Para nós já era lindo se tivéssemos estado sozinhos, mas tudo se tornou mais lindo porque partilhado, também de longe.”*

Trouxe, a meu ver, também um maior foco na localidade, no mundo físico à nossa volta, como lugar onde tentar encontrar espaço para ver os próprios direitos e os dos outros cumpridos, como espaço onde ainda se podia ter algum poder e possibilidade de escolha e de ação, feita de corpos juntos.

*“Apoiar-nos mutuamente para reclamar os nossos direitos, isso é importante. Faz-me viver melhor. Sinto-me melhor se não houver racismo à minha volta, se não houver violência policial.”*

*“Se nos pomos, juntos, a tentar perceber quais as condições melhores para torná-lo possível, porque não o fazer?”*

As intenções para o futuro, o direcionamento dos próprios desejos, as preocupações em relação à própria vida e as escolhas feitas, as condições de bem-estar, também foram associadas e narradas várias vezes com o uso de termos pertencentes ao mundo físico, material, e viradas para a própria corporalidade e a mesma em relação aos outros.

*“Até há pouco tempo éramos crianças. Os anos passam ainda mais para nós que vos vemos crescer.”*

*“Perante o facto concreto de ter que encontrar algo, quando tens mesmo que entrar no mundo, comes, pelo menos eu comecei a sentir me como se não tivesse um apoio sólido.”*

*“Tomámos uma posição na vida que nos permitisse optar pelo que verdadeiramente desejávamos, para tomar o nosso lugar e para assumir que aquele lugar era juntos.”*

*“Mais do que ser rico prefiro ter tempo para estar com amigos e família.”*

*“Porque é que deveria ir-me embora, voltar a começar tudo do início, talvez perder momentos importantes que queria ter partilhado com os meus entes queridos?”*

*“Quase me tinha esquecido de quão bonito é estar com as pessoas. Que alívio ver estas caras todas”.*

*“Voltar a fazer o que fazia em grupo. Foi muito lindo.”*

*“Na vida não se sabe bem como, mas acho mesmo que cada um é chamado para desempenhar um papel, para estar presente.”*

Também no caso da família residente em Forlí, em relação à comida, a sua composição genuína e o seu impacto no corpo foram algo que marcou muitas das escolhas feitas durante o estado de emergência e que continuaram a ser percebidas como prioritárias após o fim do mesmo.

### **A comida**

A comida, longe de ser só necessária à sobrevivência, pode ser considerada também como objeto cultural, como lugar de relação, de afeto, de partilha e prática de resistência (Schmidt and Palutan 2018).

Ao longo dos meses passados em casa a autenticidade dos alimentos, a preparação dos pratos, os momentos de consumo dos mesmos, foram muitas vezes centrais nos discursos dos sujeitos da pesquisa.

*“Começámos a dar mais atenção à comida, aos ingredientes genuínos, à essencialidade na cozinha...O que importava era estar em harmonia, ter algo para comer que fosse saudável, mas sem exagerar, estarmos juntos à noite, ter prazer em jogarmos juntos, dar atenção ao outro. Voltar ao essencial, às coisas genuínas.”*

O objeto culinário, a sua preparação e o seu consumo ritual, tornaram-se facilitadores da relação entre os membros da família, entre os mesmos e os produtores e entre os sujeitos e os seus corpos físicos.

Kopytoff declara como a cultura se opõe à mercantilização e pode assegurar a singularidade do que foi mercantilizado. Mais ainda, a desmercantilização dum objeto emerge através da conceção de valor do mesmo (Kopytoff 1986).

De forma mais visível, a reaproximação, a Auto produção dos pratos, fez surgir a consciência da não autenticidade dos mesmos quando encontrados em prateleiras de cadeias de supermercados, tornando-se, desta forma, lugar de resistência à cultura do consumo e capitalista que se afasta da saúde na alimentação e cria necessidades não reais, indo para além do essencial e necessário. Em consequência, surgiu o desejo e a intenção de ter tempo para a cozinha enquanto direito ao bem-estar dos corpos.

Permitiu repensar a relação que os membros têm com quem produz as matérias-primas usadas para a preparação dos alimentos. Não só a escolha dos ingredientes se transformou ao longo dos meses, sempre mais na direção do local e “natural”, mas também lugares como os mercados camponeses e os direitos de quem cultiva a terra se tornaram mais importantes para os sujeitos. Isto esteve presente principalmente na Agostina, a principal cuidadora da cozinha e da nutrição dos membros da família.

Também antes do estado pandémico a genuinidade e a localidade dos alimentos era algo presente, mas de forma esporádica e de importância marginal. Com o passar dos meses, esse aspeto ganhou importância, levou consigo a consciência do impacto do objeto comida na própria saúde, na própria boa vida e determinou uma intenção de compra diferente, em lugares onde o alimento estivesse mais desligado de dinâmicas de mercantilização capitalista e de distanciamento entre produtores e consumidores.

De forma mais profunda, a comida deu vida à intenção de valorização não só dos próprios corpos, mas também das relações intrafamiliares.

Quer durante o ato de produção, quer no seu consumo, a comida agiu como impulsionador de relações de interajuda, de criatividade, de conhecimento, de partilha de tempo e espaço em conjunto. Deixou de ser uma tarefa a cumprir por razões de subsistência e transformou-se num lugar chave de formação de comunidade e de

relações de solidariedade. Potenciou e possibilitou o encontro entre os vários membros, entre as várias gerações, entre os vários géneros.

Finalmente, a comida tornou-se catalisadora de práticas de relações humanas, sociais e políticas, que leio como de práticas de resistência à cultura dominante, a macroestrutura, à cultura de consumo e de fragmentação social e relacional que o modelo capitalista e neoliberal constrói.

Num momento histórico de incerteza, de mudança, de perda de conexão com tudo o que os sujeitos tinham experienciado na própria biografia pessoal, a comida ajudou de alguma forma a manter viva a própria identidade, a dar continuidade à própria história, à própria memória (Hecht 2001). Foi eleita, a meu ver, como elemento de estabilidade, de ligação ao passado, de ligação entre as pessoas. Permitiu reduzir as distâncias entre o mundo antes do começo da pandemia e o mundo no qual os sujeitos começaram a viver a partir do primeiro estado de emergência, criou vias de comunicação entre o passado, o presente e, de alguma forma, também o futuro. Assim, o maior contacto com o ritual da cozinha, com a genuinidade dos ingredientes, com o seu potencial relacional, levou consigo desejos e intenções de mudança perante ao ato de comer e, em consequência, perante a própria dinâmica de vida.

Mais ainda, considerando quais os alimentos e os pratos preparados, locais, e de receitas regionais e tradicionais italianas, caseiras, a comida permitiu reivindicar a própria origem camponesa, a própria localidade, a importância da relação com a comunidade da qual os sujeitos se rodeiam, também entre si. Reivindicou a sacralidade que o alimento tem, aumentando a distância entre o objeto comida caseiro e o que se encontra, mercantilizado, nas prateleiras dos supermercados (Appadurai 1986).

É possível traçar uma analogia entre a maneira através da qual as sociedades constroem os indivíduos e a maneira através da qual constroem as coisas (Kopytoff 1986). A comida, no mercado capitalista, é produzida através duma espécie de linha de montagem que reduz as despesas e acelera o processo de produção de mercadorias, homogeneiza e massifica o gosto, assim como o acto de comer. Numa sociedade industrial caracterizada pela tendência de mercantilizar e monetizar todos os aspetos da existência, ao reivindicar o objeto de proveniência da sociedade camponesa como singular e familiar, a cultura e os indivíduos agem resistindo a tal tendência. Ao reivindicar não só a origem, mas também

a necessidade de afirmar a própria identidade através de delinear as diferenças entre os hábitos alimentares do pré e do estado pandémico, de alguma forma afirma-se com resiliência não querer embarcar no processo de mercantilização capitalista.

O alimento produzido em casa é, incomparavelmente, único e singular, não suscetível a troca ou a venda. O objeto em si assume uma sacralidade que se opõe à homogeneização, à despersonalização da mercantilização e da mobilização em direção ao mundo capitalista.

A comida preparada durante os meses passados em casa contém também o cheiro da terra, o amor das famílias, as lembranças de refeições consumidas em companhia dos afetos. Inclui o ato de produção da mesma, feito segundo rituais familiares específicos, com a participação dos diferentes membros do grupo. O ato de preparação deixa de ser anónimo para se tornar num ato de cuidado realizado pelo cozinheiro ou pela cozinheira, que tenta realizar o que de melhor consegue, durante horas, pois tudo será, uma vez pronto, catalisador de relações e de bem-estar para os entes queridos. A refeição tornou-se impulsionadora de relações sociais e humanas, foi elemento essencial em cada celebração, mas também em cada momento de reunião entre os vários membros, que faziam dela um dos “pontos fixos” de encontro, durante os dias pandémicos.

Permitiu também uma maior interajuda e proximidade entre os vários elementos, tendo a Agostina deixado, ao longo de semanas, de ser a responsável pela sua preparação.

Até o resistente Franco teve que ceder à magia que as refeições criavam, tendo aos poucos deixado o telemóvel de lado, para começar a estar mais presente e envolvido, graças também à “teimosia” de Vittoria.

Mais ainda, a comida permitiu reduzir as distâncias que existiam entre os membros da família em Forlí e as outras duas filhas, tendo sido representante das mesmas quer sob forma de ovos de chocolate na Páscoa, quer sob a forma de “Piadina e Squacquerone” na altura do meu aniversário, assim como entre os elementos da família alargada, que não deixaram de mostrar a própria vontade de proximidade na altura do aniversário da Agostina, quando a casa se encheu de sobremesas criadas nas várias casas dos familiares.

## Conclusões

*“Já que o meu corpo habita o mundo e já que eu e meu corpo somos um só, segue-se que também eu sou um habitante do mundo e não só um espaço dentro da minha cabeça.”*

Merleau Ponty

O voltar a estar juntos, fisicamente, no mundo real, embora relegados em lares domésticos, determinou a assunção de uma mudança na própria intenção, na própria aspiração, na própria consciência, na própria agencialidade. Estimulou o desejo e a intenção de ir na direção de maior solidariedade, de ter tempo para cultivar a solidariedade, para cultivar o próprio corpo, a própria relação com os outros seres humanos, com o próprio lugar físico. Estimulou o desejo de valorizar aspetos deixados marginais ou ocultos pelas narrativas de poder e pelas estruturas de vida que este elegera como “boas”.

A marginalidade da corporalidade nas vidas de antes tornou-se manifesta no seu inestimável valor para uma vida humana de qualidade, num momento em que, paradoxalmente, os corpos chamados a afastar-se ficaram ainda mais por perto.

Entende-se geralmente a agencialidade como muito ligada à esfera mental, sendo a cognição, os pensamentos, as intenções, as estruturas cognitivas que geram emoções e sensações definidas como motor para a intencionalidade, para a ação. A ação, a corporeidade, quando ligadas ao conceito de agenciamento, surgem como consequência, estando subordinadas ao predomínio cognitivo, mental, na sua estruturação e construção mais ou menos consciente.

A agencialidade, como teorizada quando o conceito é aplicado aos seres humanos, mantém, de certa forma, a dicotomia ocidental entre a mente e o corpo, deixando um lugar privilegiado à interioridade, ao pensamento ou à elaboração cognitiva das emoções e dos sentimentos, enquanto para o corpo reserva um lugar de importância secundária, sendo as ações consideradas o fruto da própria intencionalidade, consequências desta.

O que a meu ver surgiu com o presente trabalho vai de alguma forma numa direção diferente, sendo que um dos fatores que teve mais impacto na mudança da agencialidade dos sujeitos foi o corpo em si, a corporeidade, individual, social e política.

Nos últimos anos, alguns autores começaram a aproximar o conceito do agenciamento ao da corporeidade, tendencialmente considerados independentes (Zopf, Polito, and Moore 2018). Como consequência, o corpo está a começar a ser considerado como parte ativa da experiência social e ator de mudança das construções socioculturais.

O sentido do agenciamento surge ao reconhecer a influência causal dos agentes no mundo exterior. Tipicamente, tal influência é realizada através do corpo, dos seus movimentos que ligam intenções e pensamentos a efeitos e consequências. Ao mesmo tempo, o corpo pode ser crucial para o surgimento da intencionalidade e causalidade que caracterizam a agencialidade. Corpo entendido não como coleção de órgãos adjacentes, mas olhado de forma holística, em sinergia, relação e com presença subjetiva, em movimento, no mundo.

Parece-me que muitos pensamentos, desejos, intenções, mudanças, partiram do corpo, da percepção do e no próprio corpo, das necessidades e direitos do corpo, da presença física no mundo, em relação com outros corpos, do corpo em movimento no espaço físico.

Csordas assume como o paradigma da corporeidade se caracteriza pelo colapso da dualidade entre corpo e mente, do predomínio da mente sobre o corpo, característico da cultura Ocidental. O colapso da dualidade exige que o corpo não seja dualista, não distinto de, ou em interação com o princípio antagónico da mente (Csordas 2008). Quando o corpo é reconhecido, não como objeto a ser estudado em relação à cultura, mas como sujeito da mesma, a distinção dualística entre o corpo e a mente torna-se mais incerta (Csordas 1990; 2008).

O envolvimento corporal, prático, das pessoas com o mundo ao redor delas, o próprio movimento no mundo real, as sensações, reações e respostas vividas do corpo e no corpo, podem fornecer recursos simbólicos para projetos de cognição cultural (Ingold 2000).

Mais ainda, a corporeidade parece-me particularmente relevante no presente trabalho, sendo este contextualizado em altura de declaração sobre o que é um corpo em saúde, um corpo doente, quais as ações permitidas ao corpo, quais as práticas puras, as impuras, quais a culpar e quais a legitimar.

Se é verdade que o social, a cultura, o poder, criam o corpo, é também verdade que o próprio corpo participa ativamente e enquanto sujeito ativo na criação e construção destas dinâmicas (Quaranta 2006; De Martino 2017; Sontag 1978; Scheper-Hughes, Nancy; Lock 1987; Farnell, n.d.).

A antropologia médica, focando-se mais na doença, tem teorizado como a mesma possa ser também produto de práticas e discursos políticos, de poder sobre o corpo, de construção socialmente e culturalmente definida pelo próprio corpo individual. Ao mesmo tempo, tem dado importância ao facto que é a partir do corpo que produz, que age, enquanto sujeito, no contexto específico do sofrimento e da doença, que podem tomar forma, em ação, tentativas de resistência, de oposição a determinadas dinâmicas de poder. Deu valor à corporeidade, à somaticidade como sujeito também produtor, e não apenas como mero produto de construção social (Quaranta 2006; De Martino 2017; Csordas 1990; 1994).

Sublinhei a importância de interpretar a dialética entre o que é feito dos corpos enquanto produto e o que o corpo faz e produz, entre uma antropologia *do corpo* e uma antropologia *a partir do corpo* (respetivamente, do inglês “*of the body*” e “*from the body*”) (Quaranta 2006).

Assim como o mesmo pode ser pensado pela doença, da mesma forma, a meu ver, se estende à saúde.

A construção do corpo em saúde no estado de emergência, determinado por uma lógica “*top-down*”, estimulou não só uma reflexão “*bottom-up*” sobre o significado de ter um corpo em saúde, mais ainda, impôs regras à entidade *corpos* e colocou o foco nos sujeitos enquanto seres corporais, práticas em movimento, sujeitos cinestéticos, tendo desencadeado a ativação dos corpos físicos pela própria percepção ativa e geradora de significados sobre o que é ser, estar em saúde, no mundo. A narrativa duma coletividade corporalmente em saúde despertou a percepção de quanto importante é ter e ser um



corpo com saúde, de quanto a nossa saúde está intrinsecamente ligada à de outros corpos, humanos e não.

Entender a saúde como bem-estar, como capacitação para o bem-estar, liga tal área à do ideal de boa vida, das aspirações, intencionalidades, projetos e, portanto, à da agencialidade.

Muitas são as formas, as chaves de interpretação, as diferentes leituras que podiam ser feitas no presente trabalho. À luz também das circunstâncias históricas no decorrer do qual o mesmo é produzido, o que mais despertou a minha curiosidade e fascínio foi mesmo o impacto da corporeidade, do corpo, nas mudanças observadas ao nível do agenciamento dos sujeitos em questão.

Parece-me que uma diferente integração da corporeidade nos estudos sobre temáticas como a agencialidade dos sujeitos poderia representar um lugar fértil para investigações futuras.

### Bibliografia:

- Appadurai, Arjun. 1986. *The Social Life of Things – Commodities and Cultural Perspective*.
- . 2011. *Le Aspirazioni Nutrono La Democrazia*. Edited by etal edizioni.
- . 2013. "The Future as Cultural Fact." *Politics/Anthropology*, 328.  
<https://doi.org/10.1080/00207230802138200>.
- Asai, T. 2015. "Agency Elicits Body-Ownership: Proprioceptive Drift toward a Synchronously Acting External Proxy." *Exp. Brain Res*.
- Bauman, Zygmunt. 2000. "In Search of Politics." *Polity Press*.
- . 2007. *Liquid Times, Living in an Age of Uncertainty*. Polity Press.
- Biehl, João, and Peter Locke. 2010. "Deleuze and the Anthropology of Becoming." *Current Anthropology* 51 (3): 317–51. <https://doi.org/10.1086/651466>.
- Braun, N., Thorne, J. D., Hildebrandt, H. & Debener, S. 2014. "Interplay of Agency and Ownership: The Intentional Binding and Rubber Hand Illusion Paradigm Combined." *PLoS One*.
- Caspar, E. A. 2015. "The Relationship between Human Agency and Embodiment." *Conscious. Cogn.*
- Cooper, Elizabeth. 2018. "The Importance of Being Serious: Subjectivity and Adulthood in Kenya." *Ethnos* 83 (4): 665–82.  
<https://doi.org/10.1080/00141844.2017.1317644>.
- Csordas, Thomas J. 1990. "Embodiment as a Paradigm for Anthropology." *Journal of the Society for Psychological Anthropology*.
- . 1994. *Embodiment and Experience: The Existential Ground of Culture and Self*.
- . 2008. "A Corporeidade Como Um Paradigma Para a Antropologia." In *Corpo, Significado, Cura*.
- Das, V. 1997. "Suffering, Theocides, Disciplinary Practices, Appropriation." *International Social Science Journal*.
- "DECLARAÇÃO DE ALMA-ATA." n.d.

- Demarrais, Elizabeth, and Timothy Earle. 2017. "Collective Action Theory and the Dynamics of Complex Societies."
- Douglas, Mary. 1966. *Pureza e Perigo*.
- Eiseinstein, Charles. 2020. "The Coronation." <https://doi.org/10.1038/086555b0>.
- Eriksson, Thommy. 1999. "Being Native – Distance, Closeness and Doing Auto /," 91–100.
- Farmer, P. 1999. "Infections and Inequalities. The Modern Plagues." *University of California Press*.
- . 2003. "Pathologies of Power. Health, Human Rights, and the New War on the Poor." *University of California Press*.
- Farnell, Brenda M. n.d. "Ethno-Graphics\_and\_the\_Moving\_Body.Pdf."
- Fassin, D. 2000. "Entre Politiques Du Vivant et Politique de La Vie. Pour Une Anthropologie de La Santé." *Anthropologie et Sociétés*.
- Fonagy, Peter, Patrick Luyten, K U Leuven, and Elizabeth Allison. 2015. "Epistemic Trust and Borderline Personality Disorder Epistemic Petrification and the Restoration of Epistemic Trust: A New Conceptualization of Borderline Personality Disorder and Its Psychosocial Treatment." <https://pdfs.semanticscholar.org/d914/3e9b78341926085b5ef2c342f862e7c0f243.pdf>.
- Gallagher, S. 2010. "Ambiguity in the Sense of Agency." *Oxford University Press*.
- Gell, Alfred. 1998. *Art and Agency. An Anthropological Theory*. Claredon Press. <https://doi.org/10.4000/lhomme.5658>.
- Giddens, Anthony. 1979. "Central Problems in Social Theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis." *Berkeley: University of California Press*.
- Glowczewski, Barbara, Eunice Durham, Manuela Carneiro, Da Cunha, Marc-Henri Piault, Roberto Damatta, Ruth Cardoso, et al. 2006. "CONFERÊNCIAS E DIÁLOGOS: SABERES E PRÁTICAS ANTROPOLÓGICAS 25ª Reunião Brasileira de Antropologia - Goiânia 2006 Ficha Catalográfica Elaborada Pela Biblioteca Municipal Apoio à

- Presença de Conferencistas Na 25ª RBA.” In.
- Hecht, A. 2001. “Home Sweet Home: Tangible Memories of an Uprooted Childhood.” In *Home Possessions. Material Culture Behind Closed Doors*, 69–86.
- Horta, Amanda, and Renato Jaques. 2020. “Pesa, Logo Existe: Por Uma Antropologia Que Corra.” *Cadernos de Campo (São Paulo, Online)* 29 n.2.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe171329>.
- Horton, Richard. 2020. “Offline: COVID-19 Is Not a Pandemic.” *The Lancet* 396 (10255): 874. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)32000-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32000-6).
- Illich, Ivan. 1975. *Nemesi Médica: L'espropriazione Della Salute*.
- Ingold, Tim. 2000. “Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano.” *Routledge*.
- Irving, Andrew. 2017. “New York Stories†: Narrating the Neighbourhood.” *Ethnos* 82 (3): 437–57. <https://doi.org/10.1080/00141844.2015.1084020>.
- Kopytoff, I. 1986. “The Cultural Biography of Things: Commoditization as Process.” In *Appadurai A., Eds, The Social Life of Things*, 64–91.
- Leal, Dora. 2015. *Manual de Psiquiatria da Infância e Adolescência - 1º v.: Avaliação, Compreensão e Intervenção*. Edited by Coisas de Ler. 1ª edição. Lisboa.
- Lucini, Barbara. 2014. “Multicultural Approaches to Disaster and Cultural Resilience. How to Consider Them to Improve Disaster Management and Prevention: The Italian Case of Two Earthquakes.” *Procedia Economics and Finance* 18 (September): 151–56. [https://doi.org/10.1016/s2212-5671\(14\)00925-3](https://doi.org/10.1016/s2212-5671(14)00925-3).
- Ma, K. & Hommel, B. 2015. “The Role of Agency for Perceived Ownership in the Virtual Hand Illusion.” *Conscious. Cogn.*
- Martino, Ernesto De. 2017. *Sud e Magia*.
- Ortner, Sherry B. 2007. “Subjetividade e Crítica Cultural.” *Horizontes Antropológicos* 13 (28): 375–405. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832007000200015>.
- . 2016. “Dark Anthropology and Its Others.” *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 6 (1): 47–73. <https://doi.org/10.14318/hau6.1.004>.

- Pizza, Giovanni. 2005. *Antropologia Medica: Saperi, Pratiche e Politiche Del Corpo*. Carocci.
- . 2006. "Antonio Gramsci e l'antropologia Medica Ora. Egemonia, Agentività (Agency) e Trasformazioni Della Persona." *Revista de Antropologia Social* 121 (January 2006): 7–32. <https://doi.org/10.5209/rev>.
- Pritchard, S. C., Zopf, R., Polito, V., Kaplan, D. M. & Williams, M. A. 2016. "Non-Hierarchical Influence of Visual Form, Touch, and Position Cues on Embodiment, Agency, and Presence in Virtual Reality." *Front. Psychol.*
- Quaranta, Ivo. 2006. *Antropologia Medica: I Testi Fondamentali*. Cortina.
- RUSSEL, BERNARD. 2006. *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches / H. Russell Bernard. —4th Ed. ALTAMIRA PRESS.* <https://doi.org/10.4314/eamj.v77i9.46690>.
- Scheper-Hughes, Nancy; Lock, Margareth. 1987. "The Mindful Body. A Prolegomenon to Future Work in Medical Anthropology." *Medical Anthropology Quarterly*.
- Schmidt, Donatella, and Giovanna Palutan. 2018. "Cibo e Rifugiati Nella Città Capitolina, Tra Pratiche Di Emergenza e Tentativi Di AgentivitàFood and Refugees in the Capitoline City, between Emergency and Agency." *Archivio Antropologico Mediterraneo* 20 (2). <https://doi.org/10.4000/aam.854>.
- SCOTT, James C. 1990. "Domination and the Arts of Resistance." *New Haven: Yale University Press*.
- Sen, A. 2001. *Lo Sviluppo é Libertá. Perché Non c'è Crescita Senza Democrazia*.
- Sewell, William H. Jr. 1992. "A Theory of Structure: And Transformation1 Duality, Agency." *The American Journal of Sociology* 98 (1): 1–29.
- Shibuya, S., Unenaka, S. & Ohki, Y. 2016. "Body Ownership and Agency: Task-Dependent Effects of the Virtual Hand Illusion on Proprioceptive Drift." *Exp. Brain Res.*
- Sontag, Susan. 1978. *Malattia Come Metafora*.
- Taussig, M. 1978. "Nutrition, Development and Foreign Ais. A Case Study of U.S. -

- Directed Health Care in a Colombian Plantation Zone.” *Int.J. Health Serv.*
- . 2006. “Reificazione e Conscienza Del Paziente.” In *Antropologia Médica*.
- Tsakiris, M., Longo, M. R. & Haggard, P. 2010. “Having a Body versus Moving Your Body: Neural Signatures of Agency and Body-Ownership.” *Neuropsychologia*.
- Tsakiris, M., Prabhu, G. & Haggard, P. 2006. “Having a Body versus Moving Your Body: How Agency Structures Body-Ownership.” *Conscious. Cogn.*
- Wellin, Chris. 2007. “Narrative Interviewing.” *Gerontology & Geriatrics Education* 28 (1): 79–99. [https://doi.org/10.1300/j021v28n01\\_06](https://doi.org/10.1300/j021v28n01_06).
- Zharkevich, Ina. 2017. ““Rules That Apply in Times of Crisis’: Time, Agency, and Norm-Remaking during Nepal’s People’s War.” *Journal of the Royal Anthropological Institute* 23 (4): 783–800. <https://doi.org/10.1111/1467-9655.12701>.
- Zopf, Regine, Vince Polito, and James Moore. 2018. “Revisiting the Link between Body and Agency: Visual Movement Congruency Enhances Intentional Binding but Is Not Body-Specifics.” *Scientific Reports* 8 (1): 1–9. <https://doi.org/10.1038/s41598-017-18492-7>.